

“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos

VOLUME IX

(1906 - 1908)

DELÍRIOS E SONHOS NA *GRADIVA* DE JENSEN (1907 [1906])

NOTA DO EDITOR INGLÊS

DER WAHN UND DIE TRÄUME IN W. JENSENS *GRADIVA*

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1907 Leipzig e Viena: Heller. 81 págs. (*Schriften zur angewandten Seelenkunde*, Heft 1.) (Reeditada sem alterações, com a mesma página de rosto, mas com uma nova sobrecapa: Leipzig e Viena: Deuticke, 1908.)

1912 2ª ed. Leipzig e Viena: Deuticke. Com 'Pós-escrito'. 87 págs.

1924 3ª ed. Mesmos editores. Sem alterações.

1925 G.S., 9, 273-367.

1941 G.W., 7, 31-125.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

Delusion and Dream

1917 Nova Iorque: Moffat, Yard. 243 págs. (Trad. de H. M. Downey.) (Com uma introdução de G. Stanley Hall. Omite o 'Pós-escrito' de Freud. Inclui a tradução da obra de Jensen.)

1921 Londres: George Allen & Unwin. 213 págs. (Reimpressão da anterior.)

A presente tradução, totalmente nova e com título modificado, é de James Strachey. O 'Pós-escrito' aparece em inglês pela primeira vez.

Esta foi a primeira análise de uma obra de literatura feita por Freud a ser publicada, com exceção, naturalmente, de seus comentários sobre *Édipo Rei* e *Hamlet* em *A Interpretação de Sonhos* (1900a), ver a partir de [1], IMAGO Editora, 1972. Entretanto, ele já escrevera anteriormente uma curta análise da obra de Conrad Ferdinand Meyer 'Die Richterin' ['A Juíza'], e a enviara a Fliess, juntamente com a carta de 20 de junho de 1898 (Freud, 1950a, Carta 91).

Através de Ernest Jones (1955, 382) sabemos que foi Jung quem chamou a atenção de Freud para o livro de Jensen. Acredita-se que Freud escreveu o presente trabalho especialmente para agradar a Jung. Isso ocorreu no verão de 1906, vários meses antes do primeiro encontro dos dois, sendo esse episódio, assim, o prenúncio dos cinco ou seis anos de suas relações cordiais. O estudo de Freud foi publicado em maio de 1907, e pouco depois ele enviou um exemplar do mesmo a Jensen. Seguiu-se uma breve correspondência, à qual se faz alusão no 'Pós-Escrito' à segunda edição (ver em [1]). As três pequenas cartas que Jensen enviou a Freud em 13 de maio, 25 de maio e 14 de dezembro de 1907 foram publicadas em *Psychoanalytische Bewegung*, 1 (1929), 207-211. Trata-se de cartas muito cordiais, as quais fazem crer que Jensen tenha ficado lisonjeado com a análise de Freud, parecendo inclusive ter aceito as linhas principais da interpretação. Declara, em particular, não se lembrar de ter dado uma resposta 'um tanto brusca' ao lhe ser perguntado (parece que por Jung) se acaso conhecia as teorias de Freud, como relatado em [2].

Afora a significação mais profunda, aquilo que atraiu especialmente a atenção de Freud na obra de Jensen foi, sem dúvida, o cenário em que ela se desenrola. Já era antigo o interesse de Freud por Pompéia, emergindo mais de uma vez em sua correspondência com Fliess. Assim, como associação para a palavra 'via', em um de seus sonhos, ele fornece 'as ruas de Pompéia que estudo no momento'. Isso ocorreu numa carta datada de 28 de abril de 1897 (Freud, 1950a, Carta 60), alguns anos antes de ele visitar realmente aquela cidade em setembro de 1902. Freud sentia-se particularmente fascinado pela analogia existente entre o destino histórico de Pompéia (o soterramento e a posterior escavação) e os eventos mentais que lhe eram tão familiares: o soterramento pela repressão e a escavação pela análise. Em parte essa analogia foi sugerida pelo próprio Jensen (ver em [1]), e Freud desenvolveu-a com prazer neste trabalho, assim como em contextos posteriores.

Ao ler este estudo de Freud, vale a pena que se tenha em mente seu lugar cronológico entre as obras do autor. Trata-se de um dos seus primeiros trabalhos psicanalíticos, escrito apenas um ano após a primeira publicação do caso clínico de 'Dora' e dos *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Inseridos no exame de *Grádiva* encontram-se não só um sumário da explanação de Freud sobre os sonhos, mas também o que talvez seja a primeira de suas exposições semipopulares de sua teoria das neuroses e da ação terapêutica da psicanálise. É impossível deixar de admirar a habilidade quase prestidigital com que ele extrai esse material riquíssimo daquilo que, à primeira vista, parece ser apenas uma história engenhosa. No entanto, seria erro menosprezar o papel que Jensen desempenhou, embora inconscientemente, nesse resultado.

DELÍRIOS E SONHOS NA GRADIVA DE JENSEN

Um grupo de pessoas, que acreditava terem sido os mistérios básicos do sonho decifrados pelos esforços do autor do presente trabalho, sentiu, certo dia, sua curiosidade voltar-se para a

questão da classe de sonhos que nunca haviam sido sonhados - sonhos criados por escritores imaginativos e por estes atribuídos a personagens no curso de uma história. A idéia de submeter a uma investigação essa espécie de sonhos pode parecer estranha e improfícua, mas de certo ponto de vista seria justificável. Está bem longe de ser geral a crença de que os sonhos possuem um significado e podem ser interpretados. A ciência e a maioria das pessoas cultas sorriem quando se lhes propõe a interpretação de um sonho. Só as pessoas simples, que se apegam às superstições e assim perpetuam as convicções da Antiguidade, continuam a insistir que eles são passíveis de interpretação. O autor de ousou, apesar das reprovações da ciência estrita, colocar-se ao lado da superstição e da Antiguidade. É verdade que ele nem de longe acredita serem os sonhos presságios do futuro, desse futuro que desde tempos imemoriais os homens vêm tentando inutilmente adivinhar por toda sorte de meios proibidos. Entretanto, não é capaz de refutar de todo a relação entre os sonhos e o futuro, pois o sonho, ao fim da laboriosa tarefa de traduzi-lo, revelou-se ao autor como sendo a representação da realização de um desejo do sonhador; e quem poderia negar que os desejos se orientam predominantemente para o futuro?

Acabei de afirmar que os sonhos são desejos realizados. Quem não recear os percalços de um livro obscuro, e não exigir que um problema complicado lhe seja apresentado como simples e fácil, para poupar-lhe trabalho às expensas da verdade e da honestidade, poderá encontrar provas detalhadas dessa tese na obra que mencionei. Enquanto isso, seria desejável que ignorasse as objeções que sem dúvida surgirão contra a equiparação entre sonhos e realização de desejos.

Mas estamos-nos adiantando muito. Ainda não se trata de determinar se o significado de um sonho pode ser sempre interpretado como um desejo realizado, ou se acaso não poderá, com a mesma freqüência, representar uma expectativa ansiosa, uma intenção, uma reflexão, etc. Ao contrário, a primeira pergunta que se nos apresenta é se realmente possuem os sonhos algum significado, e se devem ser considerados como eventos mentais. A resposta da ciência é negativa: ela explica o sonhar como sendo um processo puramente fisiológico, por trás do qual não há, conseqüentemente, necessidade de procurar um sentido, um significado ou um propósito. Os estímulos somáticos, segundo consta, agem sobre o aparelho mental durante o sono, levando à consciência ora uma, ora outra idéia, desprovidas de qualquer conteúdo mental: os sonhos são comparáveis a meras contrações, e não a movimentos expressivos da mente.

Nessa controvérsia a respeito do caráter dos sonhos, os escritores imaginativos parecem tomar o partido dos antigos, da superstição popular e do autor de *A Interpretação de Sonhos*. Pois quando um autor faz sonhar os personagens construídos por sua imaginação, segue a experiência cotidiana de que os pensamentos e os sentimentos das pessoas têm prosseguimento no sonho, sendo seu único objetivo retratar o estado de espírito de seus heróis através de seus sonhos. E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento

da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. Mas se esse apoio dos escritores a favor de os sonhos possuírem um significado fosse menos ambíguo! Um crítico mais severo poderia objetar que os escritores não se manifestam nem contra nem a favor de os sonhos terem um significado psíquico, contentando-se em mostrar como a mente adormecida se contrai sob excitações que nela permaneceram ativas como prolongamentos do estado de vigília.

Mas esse pensamento sensato não vem arrefecer nosso interesse pela maneira como os escritores fazem uso dos sonhos. Mesmo que essa investigação nada de novo nos ensine sobre a natureza dos sonhos, talvez permita-nos obter alguma compreensão interna (*insight*), ainda que tênue, da natureza da criação literária. Os sonhos verdadeiros já eram considerados como estruturas imoderadas e arbitrárias - e agora somos confrontados com livres imitações desses sonhos! Entretanto, há muito menos liberdade e arbitrariedade na vida mental do que tendemos a admitir, e pode ser até que não exista nenhuma. Aquilo que no mundo externo denominamos de casualidade pode, como sabemos, ser colocado dentro de leis. Assim também o que chamamos de arbitrariedade da mente repousa sobre leis das quais só agora começamos vagamente a suspeitar. Vamos, então, prosseguir!

Podemos adotar dois métodos para essa investigação. Um deles seria examinar um caso particular, penetrando a fundo nas criações oníricas de uma das obras de um determinado escritor. O outro consistiria em reunir e cotejar todos os exemplos que pudessem ser encontrados do uso de sonhos nas obras de diversos autores. O segundo poderia parecer o mais eficaz, e talvez o único justificável, já que nos liberta imediatamente das dificuldades inerentes à adoção do conceito artificial de 'escritores' como classe. Ao ser investigada, essa classe desagregar-se-ia em escritores individuais de valor extremamente diverso, entre os quais alguns que veneramos como os mais profundos observadores da mente humana. Apesar disso, essas páginas serão dedicadas a uma pesquisa do primeiro tipo. Aconteceu que uma pessoa do grupo onde primeiro surgiu essa idéia lembrou-se de que a última obra de ficção que prendera seu interesse continha vários sonhos cujas fisionomias familiares como que o haviam encarado e convidado a tentar aplicar-lhes o método da *Interpretação de Sonhos*. Ele confessou que o tema da pequena obra e o cenário em que o mesmo se desenvolvia haviam, sem dúvida, construído o principal fator de seu prazer. A história situava-se em Pompéia e tratava de um jovem arqueólogo que abdicara do seu interesse pela vida para dedicar-se aos remanescentes da Antiguidade clássica, sendo por meios tortuosos e estranhos, embora perfeitamente lógicos, novamente atraído à vida real. O tratamento dado a esse material genuinamente poético despertara em seu leitor toda uma série de pensamentos afins e em harmonia com esse material. A obra era o conto *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, descrito por seu próprio autor como sendo uma 'fantasia pompeana'.

E aqui eu pediria a meus leitores que deixassem de lado este pequeno ensaio e passassem algum tempo familiarizando-se com *Gradiva* (publicada pela primeira vez em 1903), para que aquilo a que eu me referir nas páginas que se seguem possa ser familiar a eles. Para os

que já leram *Gradiva*, farei um breve resumo de sua história, esperando que suas memórias lhe restituam todo o encanto que ela perderá com este tratamento.

Um jovem arqueólogo, Norbert Hanold, descobrira num museu de antiguidades em Roma um relevo que o atraía muitíssimo, tendo com grande prazer conseguido do mesmo uma excelente cópia em gesso, a qual colocou em seu gabinete de trabalho numa cidade universitária da Alemanha para admirá-la com vagar. A escultura representava uma jovem adulta, cujas vestes esvoaçantes revelavam os pés calçados com leves sandálias, surpreendida ao caminhar. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. Provavelmente foi esse modo de andar incomum e particularmente gracioso que atraiu a atenção do escultor e que, tantos séculos depois, seduziu seu admirador arqueólogo.

O interesse que o relevo desperta no herói da história é o fato psicológico básico da narrativa. Não há uma explicação imediata para esse interesse. 'O Dr. Norbert Hanold, lente de arqueologia, na verdade nada encontrou no relevo que merecesse uma atenção especial do ponto de vista da sua disciplina científica.' (3.) 'Ele não pôde explicar a si mesmo o que havia nele que atraía sua atenção. Só sabia que fora atraído por algo e que desde aquele instante o efeito permanecera inalterado.' Sua imaginação não cessava de se ocupar com a escultura. Ele a achava 'viva' e 'atual', como se o artista houvesse reproduzido uma rápida visão colhida nas ruas. Chamou a figura do relevo de 'Gradiva' - 'a jovem que avança'. Imaginou que ela era, sem dúvida, filha de uma família nobre, talvez 'de um edil patrício que exercia seu cargo a serviço de Ceres,' e que ela estava a caminho do templo da deusa. Contudo, tinha dificuldade em situar sua natureza serena e tranqüila no clima agitado de uma capital, convencendo-se então de que ela deveria ser transportada para Pompéia, onde atravessava uma via sobre as curiosas pedras com ressaltos descobertas nas escavações que, dispostas com intervalos para a passagem das rodas do veículo, permitiam aos pedestres conservar os pés secos nos dias chuvosos. Percebeu em sua fisionomia traços gregos, e estava convencido de que a jovem tinha origem helênica. Pouco a pouco Norbert Hanold colocou todo o seu acervo de conhecimentos arqueológicos a serviço desta e de outras fantasias relativas ao modelo da escultura.

A essa altura, um problema de caráter aparentemente científico, que pedia uma solução, veio atormentá-lo. Tratava-se de determinar 'se aquela maneira de pisar de Gradiva fora reproduzida pelo escultor como na vida'. Ele mesmo achava que não conseguiria imitá-la, e para comprovar a 'realidade' desse modo de andar resolveu, 'para aclarar a questão, observar a vida'. (9.) Essa resolução, entretanto, levou-o a agir de forma pouquíssimo condizente com seus hábitos. 'Até então o sexo feminino não passara para ele de um conceito expresso em mármore ou em bronze, e nunca prestara a menor atenção às suas representantes contemporâneas'. O arqueólogo sempre considerara os deveres sociais como um inevitável aborrecimento. No convívio social prestava tão pouca atenção ao aspecto e à conversa das jovens, que ao reencontrá-las acidentalmente passava sem um cumprimento, o que certamente não causava impressão

favorável. Agora, entretanto, a tarefa científica a que se propusera impelia-o na rua, especialmente nos dias chuvosos, a observar ansiosamente os pés de todas as mulheres que encontrava, atividade que lhe granjeava olhares ora indignados, ora encorajadores dos objetos de sua observação, 'mas ele não percebia nem uns, nem outros'. (10.) Essa pesquisa meticulosa levou-o a concluir que o modo de andar de Grádiva não era encontrável na realidade, o que o encheu de desânimo e consternação.

Pouco depois ele teve um sonho terrível, no qual se encontrava na antiga Pompéia, testemunhando a destruição da cidade pela erupção do Vesúvio. 'Estava junto ao foro, ao lado do templo de Júpiter, quando subitamente viu Grádiva a uma pequena distância. Até aquele momento nem sequer lhe ocorrera a possibilidade de encontrá-la, mas então isso lhe ocorreu como sendo muito natural, já que era pompeana e residia em sua cidade natal, *na mesma época que ele, sem que disto ele tivesse a menor suspeita*.' (12.) Receoso da sorte que a aguardava, gritou para a prevenir, ao que, sem se deter, a jovem voltou-lhe o rosto sereno, mas continuou seu caminho até alcançar o pórtico do templo. Ali sentou-se em um dos degraus e curvou-se lentamente até repousar a cabeça no piso, enquanto suas faces cada vez mais pálidas pareciam transformar-se em mármore. Ele se precipitou em sua direção, mas ao alcançá-la encontrou-a deitada no largo degrau com uma expressão tranqüila, como se estivesse adormecida, até que a chuva de cinzas cobriu sua figura.

Quando ele acordou, o surdo arrebentar das ondas enraivecidas e os gritos confusos dos habitantes de Pompéia, clamando por socorro, ainda pareciam ecoar em seus ouvidos. Mas mesmo depois que suas faculdades despertadas reconheceram nesses sons o bulício matinal da cidade, continuou por muito tempo a acreditar na realidade de seu sonho. Quando por fim se libertou da idéia de que estivera presente à destruição de Pompéia, cerca de dois mil anos antes, ficou-lhe o que parecia firme convicção de que Grádiva ali vivera e fora soterrada com o resto da população em 79 D.C. Em consequência desse sonho, pela primeira vez em suas fantasias sobre Grádiva, lamentou-a como alguém que tivesse sido perdido.

Absorto nesses pensamentos, chegou à janela e os gorjeios de um canário numa gaiola, na janela da casa em frente, despertaram sua atenção. Subitamente um sobressalto sacudiu a mente do jovem, que ainda parecia imerso em seu sonho. Julgou ter visto na rua uma silhueta semelhante a Grádiva e ter inclusive reconhecido seu andar característico. Sem refletir, correu à calçada para a interceptar, mas as risadas e chacotas dos transeuntes, diante de seus trajes matinais, fizeram-no voltar para casa. De novo no quarto, tornou a reparar no canto do canário, o qual sugeria uma comparação consigo mesmo. Também ele estava preso numa gaiola, embora lhe fosse mais fácil a fuga. Ainda sob a influência do sonho, e talvez também do suave ar primaveril, formou-se nele a determinação de empreender uma viagem à Itália. Logo encontrou um pretexto científico para a excursão, embora 'o impulso para essa viagem tivesse origem num sentimento que ele não podia nomear'. (24.)

Vamo-nos deter por um momento nessa viagem, programada por motivos tão fortuitos, e

examinar mais de perto a personalidade e o comportamento de nosso herói, que ainda se nos apresenta incompreensível e insensato, visto ainda ignorarmos como sua singular loucura se ligará a sentimentos humanos e assim despertará nossa simpatia. Mas é um dos privilégios do escritor poder deixar-nos na incerteza! O encanto de sua linguagem e a engenhosidade de suas idéias recompensam-nos provisoriamente pela confiança que depositamos nele e pela simpatia, ainda injustificada, que nos dispomos a conceder a seu herói. Veremos que ele foi predestinado pela tradição da família a dedicar-se à arqueologia e que, quando se achou só e independente, se absorveu inteiramente nos estudos, afastando-se por completo da vida e seus prazeres. Só o mármore e o bronze eram para ele verdadeiramente vivos, só esses materiais exprimiam o propósito e o valor da vida humana. Mas a natureza, talvez com um intuito benevolente, instilava em seu sangue um corretivo de caráter nada científico: uma imaginação vivíssima que se mostrava em seus sonhos e também no estado de vigília. Essa divisão entre imaginação e intelecto o predispunha a tornar-se ou um artista ou um neurótico; ele estava entre aqueles cujo reino não é deste mundo. Daí resultou interessar-se pelo relevo que representava uma jovem caminhando de forma peculiar e tecer sobre a mesma suas fantasias, imaginando para ela um nome e uma origem, e situando-a na cidade de Pompéia, soterrada há mais de mil e oitocentos anos, até que por fim, após um estranho sonho de ansiedade, sua fantasia da existência e da morte de Grádiva ampliou-se, passando a constituir um delírio que influenciava suas ações. Tais produtos da imaginação seriam considerados espantosos e inexplicáveis numa pessoa da vida real; no entanto, como nosso herói, Norbert Hanold, é uma pessoa fictícia, talvez possamos perguntar timidamente a seu autor se acaso sua imaginação não terá sido determinada por forças outras que não as da sua escolha arbitrária.

Deixamos nosso herói no momento em que, aparentemente influenciado pelos trinados de um canário, se decide, com um propósito que evidentemente não estava claro para ele, a viajar para a Itália. Descobriremos mais adiante que não tinha nem plano nem roteiro fixos para essa viagem. A intranquilidade e a insatisfação internas levaram-no a transferir-se de Roma para Nápoles, e daí para mais adiante. Viu-se envolvido por uma nuvem de casais em lua-de-mel e forçado a observar os ternos pares de 'Edwins' e 'Angelinas', em transportes amorosos que lhe pareciam incompreensíveis. Chegou à conclusão de que, de todas as loucuras da humanidade, 'o casamento é a maior e a mais incompreensível, sendo o ápice dessa imbecilidade aquelas despropositadas viagens de núpcias à Itália.' (27.) Em Roma seu sono foi perturbado pela proximidade de um casal amoroso, e ele fugiu apressadamente para Nápoles, ali deparando, entretanto, outra série de 'Edwins' e 'Angelinas'. Inferindo da conversa destes que a maioria não tinha intenção alguma de aninhar-se entre as ruínas de Pompéia, estando a caminho de Capri, resolveu fazer uma opção contrária à deles, e poucos dias depois de iniciar a viagem encontrava-se em Pompéia, 'contra todas as suas intenções e expectativas'.

Mas também ali não encontrou a tranquilidade procurada. O papel até então desempenhado pelos casais em lua-de-mel, que haviam irritado e mortificado seu espírito,

transferiu-se para as moscas, consideradas por Hanold como a encarnação de tudo que é absolutamente nocivo e desnecessário. As duas espécies de espíritos atormentadores fundiram-se numa unidade: alguns pares de moscas fizeram-no recordar os recém-casados, e ele imaginou que também elas em sua linguagem interpelam-se docemente por 'meu querido Edwin' e 'minha adorada Angelina.' Por fim concluiu que 'seu descontentamento não era resultado apenas de circunstâncias externas, tendo em parte origem interna.' (42.) Sentiu que estava 'insatisfeito porque lhe faltava algo, embora não pudesse precisar o quê.'

Na manhã seguinte atravessou o '*Ingresso*' de Pompéia e, depois de livrar-se do guia, percorreu a esmo a cidade, sem que - fato estranho - lhe ocorresse à lembrança o sonho recente em que estivera presente à sua destruição. Mais tarde, à 'cálida e sagrada hora do meio-dia, que para os antigos era a hora dos espíritos, quando os demais visitantes se haviam retirado e as ruínas jaziam desertas sob a luz do sol ardente, julgou poder transportar-se à vida que havia sido enterrada, mas não com o auxílio da ciência. 'Ela ensina uma concepção fria e arqueológica do mundo e faz uso de uma linguagem filológica e morta, que em nada contribuem para uma compreensão da qual participem o espírito, os sentimentos, o coração. Quem desejar atingi-la deve permanecer aqui, solitário, único ser vivente nessa calma abrasadora do meio-dia, entre as relíquias do passado, e ver, mas não com os olhos do corpo, e ouvir, mas não com os ouvidos físicos. E então... os mortos acordarão e Pompéia tornará mais uma vez à vida.' (55.)

Enquanto assim ressuscitava o passado com a sua imaginação, viu subitamente a inconfundível Gradiva do seu relevo sair de uma casa e atravessar a rua com passos lépidos sobre as pedras de lava, como no sonho em que ela se deitara nos degraus do templo de Apolo. 'E com essa lembrança, pela primeira vez veio à sua consciência que, embora ignorando o impulso interno que o impelia, se viera à Itália, dirigindo-se a Pompéia sem deter-se em Roma ou em Nápoles, fora para procurar as pegadas de Gradiva - e "pegadas" no sentido literal, pois com aquele andar peculiar ela deveria ter deixado impressões inconfundíveis nas cinzas de Pompéia.' (58.)

Nesse ponto a tensão em que até agora nos mantém o autor transforma-se por um momento numa dolorosa perplexidade. Evidentemente não foi só o nosso herói quem perdeu o equilíbrio. Também ficamos desorientados com o aparecimento de Gradiva, que de uma figura em mármore já passara a figura imaginária. Acaso seria ela uma alucinação do nosso herói, perturbado por seus delírios, ou seria um 'verdadeiro' fantasma, ou ainda uma pessoa viva? Não se quer dizer com isso que precisemos acreditar em fantasmas. O autor, que rotulou de 'fantasia' sua obra, ainda não nos informou se pretende deixar-nos dentro do nosso mundo, desse prosaico mundo governado pelas leis da ciência, ou se pretende transportar-nos a um outro mundo imaginário, no qual se concede realidade aos espíritos e fantasmas. Estamos preparados para segui-lo sem hesitações, como nos exemplos de *Hamlet* e *Macbeth*, e nesse caso encararíamos por outro prisma o delírio do imaginativo arqueólogo. Na verdade, ao considerarmos quão improvável é a existência de uma pessoa real que seja a imagem viva de uma escultura antiga, as hipóteses reduzem-se a duas: uma alucinação ou um fantasma do meio-dia. Um pequeno detalhe

na narrativa leva-nos a abandonar a primeira possibilidade. Um pequeno lagarto, que sobre uma pedra desfrutava imóvel do calor do sol, fugiu assustado à aproximação do pé de Gradiva. Não se tratava, assim, de uma alucinação, mas de alguma coisa externa à mente de nosso sonhador. Contudo, a realidade de uma *redíviva* poderia perturbar um lagarto?

Gradiva desapareceu em frente à Casa de Meleagro. Não nos deve surpreender que o arqueólogo tenha prosseguido em seu delírio de que Pompéia tornara à vida ao meio-dia, hora dos espíritos, e que Gradiva também tenha tornado à vida e entrado na casa em que vivera antes daquele fatal dia de agosto de 79 D.C. Sua mente constrói as mais engenhosas especulações sobre a personalidade do proprietário (de quem a casa provavelmente tomara o nome) e sobre sua relação com Gradiva, demonstrando que sua ciência estava agora inteiramente a serviço de sua imaginação. Ele entrou na residência e defrontou-se subitamente, mais uma vez, com a aparição sentada em alguns degraus baixos que se estendiam entre duas colunas amarelecidas, 'tendo sobre os joelhos um objeto branco cuja natureza ele não conseguiu precisar, talvez uma folha de papiro...' Baseando-se na teoria que formulara sobre a origem da jovem, interpelou-a em grego e esperou, cheio de ansiedade, pela comprovação de que a aparição possuía o dom da palavra. Como não obteve resposta, interrogou-a em latim, ao que ela retrucou com um sorriso nos lábios: 'Se desejas falar-me debes empregar o alemão.'

Que humilhação para nós leitores! Então o autor estava se divertindo à nossa custa, fazendo-nos participar em pequena escala do delírio do personagem, como se sobre nós também incidisse o escaldante sol de Pompéia, para que julgássemos com maior benevolência o pobre coitado sobre quem realmente incidia o sol do meio-dia. Agora, entretanto, já estamos curados da nossa momentânea confusão, e sabemos que Gradiva é uma jovem alemã de carne e osso, solução que antes estávamos inclinados a rejeitar como altamente improvável. Tranqüilos, superiores, vamos pois esperar que o autor nos revele a relação existente entre a jovem e sua imagem em mármore, e como nosso jovem arqueólogo chegou às fantasias que conduziram até a personalidade real de Gradiva.

Mas o delírio de nosso herói não se dissipou com a mesma facilidade que o nosso, pois como nos revela o autor, 'embora feliz em sua crença, era-lhe necessário aceitar muitas circunstâncias misteriosas.' (140.). Provavelmente esse delírio tinha em Hanold raízes internas, as quais são em nós existentes e das quais nada conhecemos. Parece-nos, sem dúvida, que em seu caso seria necessário um tratamento enérgico para que pudesse ser trazido de volta à realidade. No momento tudo que estava ao seu alcance era incorporar a seu delírio a maravilhosa experiência por que acabara de passar. Gradiva, que perecera com o resto da população na destruição de Pompéia, nada mais podia ser senão um fantasma do meio-dia, o qual voltava à vida naquele breve instante consagrado aos espíritos. Mas por que, então, ele replicou ao ouvir a resposta dela em alemão: 'Eu já sabia como soaria a tua voz'? A jovem também estranhou a réplica, assim como nós, e Hanold confessou nunca tê-la ouvido antes, embora esperasse ouvi-la em seu sonho, quando lhe falara ao vê-la deitada nos degraus do templo. Implorou-lhe que

repetisse a cena, mas a esse pedido ela se levantou, olhando-o de forma estranha, e em poucos passos desapareceu entre as colunas do pátio. Pouco antes uma borboleta revoludara em torno da jovem, e ele a interpretou como uma mensageira de Hades, a qual veio lembrar à jovem morta que ela devia retornar, pois a hora concedida aos fantasmas estava para terminar. Hanold ainda teve tempo de bradar ao vê-la escapar: 'Voltarás aqui amanhã ao meio-dia?' Entretanto, podemos permitir-nos interpretações menos fantásticas e ver na fuga da jovem um sinal de que a mesma, já que desconhecia o sonho dele, julgara imprópria a observação que lhe fora dirigida por Hanold e se retirara ofendida. Não teria a sua sensibilidade percebido a natureza erótica da pretensão de Hanold, que este acreditava motivada somente pelo seu sonho?

Após o desaparecimento de Gradiva, nosso herói passou cuidadosamente em revista os hóspedes reunidos para o almoço no Hotel Diomède e no Hotel Suisse, assegurando-se assim que nos dois únicos hotéis que conhecia em Pompéia não existia ninguém que se assemelhasse, ainda que remotamente, com Gradiva. Teria, naturalmente, rejeitado como tola a idéia de que talvez pudesse realmente encontrar Gradiva ali. Logo o vinho originário das quentes faldas do Vesúvio contribuiu para intensificar o turbilhão de sentimentos em que ele passou o dia.

No dia seguinte só uma coisa estava fixa: Hanold devia voltar à Casa de Meleagro ao meio-dia; e, na expectativa desse momento, penetrou irregularmente nas ruínas de Pompéia, escalando o antigo muro da cidade. Deparou um pé de asfódelo em flor, coberto de pequenas campânulas brancas, e colheu para si um ramo ao lembrar-se de que se tratava da flor dos infernos. Enquanto esperava, a arqueologia começou a lhe parecer a ciência mais inútil e desinteressante do mundo, pois outro interesse concentrava agora suas atenções: o problema do 'que poderia ser a natureza da aparição corpórea de Gradiva, um ser que estava simultaneamente morto e vivo, embora só ao meio-dia'. (80.) Também receava não a encontrar naquele dia, pois talvez sua volta só fosse permitida a longos intervalos; ao vê-la outra vez entre as colunas, julgou que a aparição não passava de um truque de sua imaginação e exclamou em sua dor: 'Ah! Se ao menos fosses real e viva!' Mas dessa vez errara em seu julgamento, pois a aparição dirigiu-se a ele, perguntando-lhe se a flor era para si, e travou com o desconcertado arqueólogo um longo colóquio.

O autor passa a explicar a seus leitores, para quem Gradiva já interessava como pessoa viva, que o olhar de desprazer e repulsa que a jovem lhe dirigira na véspera dera lugar a uma expressão de curiosidade e profundo interesse. Ela na verdade começou a interrogá-lo, pedindo-lhe uma explicação para sua observação do dia anterior e querendo saber em que ocasião ficara ao lado dela enquanto ela se deitava para dormir. Ela assim tomou conhecimento do sonho em que teria perecido juntamente com toda a população de sua cidade natal, assim como também do relevo em mármore e da posição do pé que tanto atraía o arqueólogo. Ela então acedeu de bom grado a demonstrar seu modo de andar, e isso mostrou que a única diferença da escultura de Gradiva era que em lugar de sandálias a jovem trazia delicadas botas de cor de areia

de fino couro - o que ela explicava como uma adaptação ao presente. Evidentemente ela apreendia a essência do delírio do arqueólogo, sem contestá-lo uma única vez. Só por um instante pareceu que a emoção a fez esquecer seu papel, quando ele, pensando na escultura, declarou tê-la reconhecido à primeira vista. Como a essa altura do colóquio ela ainda não sabia nada do relevo, era natural que se equivocasse quanto às palavras de Hanold; mas ela logo se refez, e somente para nós suas réplicas às vezes parecem dotadas de duplo sentido, como se em vez de se cingirem ao delírio, também aludissem a fatos reais e presentes - por exemplo, quando ela lamentou não ter ele conseguido encontrar nas ruas alguém que reproduzisse o modo de andar da Gradiva: 'Que pena! Talvez essa longa viagem a Pompéia não tivesse sido necessária!' (89.) Ao saber que ele chamara de Gradiva à escultura, ela lhe revelou seu verdadeiro nome: 'Zoe'. 'Esse nome assenta-te maravilhosamente, mas soa como uma amarga ironia, já que Zoe significa vida'. 'Temos de nos curvar ao irremediável', retrucou ela, 'e há muito que me acostumei a estar morta.' Prometendo estar de volta ao mesmo local ao meio-dia do dia seguinte, ela se despediu, tendo antes pedido o ramo de asfódelo: 'As mais afortunadas recebem rosas na primavera, mas essas flores do esquecimento são mais apropriadas para mim.' (90.) Sem dúvida o tom melancólico condiz com alguém há muito tempo morto e que volta à vida apenas por uns breves momentos.

Agora começamos a compreender e a nutrir alguma esperança. Se a jovem, em cuja figura Gradiva tornou à vida, aceitou tão plenamente o delírio de Hanold, provavelmente fazia isso para libertá-lo do mesmo. Não existia outro caminho para tal; contradizê-lo acabaria com todas as possibilidades. Mesmo o tratamento sério de um caso real de doença desse tipo só poderia ter seqüência situando-se inicialmente no mesmo plano da estrutura delirante e passando-se então a investigá-la o mais completamente possível. Se Zoe for a pessoa indicada para esse trabalho, sem dúvida logo aprenderemos como curar um delírio como o do nosso herói, e também teremos a satisfação de saber como tais delírios têm início. Seria uma coincidência estranha - mas ainda assim, nem inédita nem isolada - se o tratamento do delírio coincidissem com a sua investigação, e se precisamente na dissecação do mesmo viesse à tona a explicação de sua origem. Se assim for, começaremos certamente a suspeitar que o nosso caso de doença possa acabar numa 'vulgar' história de amor. Mas não se pode desprezar o poder curativo do amor contra um delírio - e acaso a paixão do nosso herói pela sua escultura da Gradiva não possui todas as características de uma paixão amorosa, ainda que paixão amorosa por algo passado e sem vida?

Após o desaparecimento de Gradiva, ouviu-se à distância como que o pio sardônico de um pássaro sobrevoando as ruínas da cidade. Agora só, o jovem descobriu no chão o objeto branco que tinha sido deixado por Gradiva; não se tratava de um papiro, mas de um caderno de esboços, com vários desenhos a lápis de cenas de Pompéia. Inclina-mo-nos a considerar esse esquecimento do caderno como um penhor do retorno da jovem, pois acreditamos que ninguém esquece alguma coisa sem uma razão secreta ou um motivo oculto.

O resto do dia proporcionou a Hanold uma série de confirmações e descobertas estranhas,

que ele entretanto não conseguiu sintetizar num todo. Na parede do pórtico onde Gradiva desaparecera, descobriu uma estreita fenda, suficiente no entanto para dar passagem a uma pessoa muito esbelta. Reconheceu que Zoe-Gradiva não teve necessariamente de sumir nas entranhas da terra - idéia que agora lhe pareceu tão insensata que se envergonhou de ter acreditado nela; a jovem pode ter utilizado a fenda para retornar a seu túmulo. Ele julgou perceber uma tênue sombra desaparecer em frente à Casa de Diomedes, no fim da Via dos Sepulcros.

No mesmo atropelo de sentimentos da véspera, absorto nos mesmos problemas, ele percorreu a esmo os arredores de Pompéia. Perguntou-se qual seria a natureza corpórea de Zoe-Gradiva. Acaso se sentiria alguma coisa se se tocasse sua mão? Um estranho ímpeto o induzia à determinação de tentar tal experiência, ao mesmo tempo que relutava fortemente a admitir semelhante idéia.

Numa colina ensolarada deparou um cavalheiro idoso que, pelos seus apetrechos, só podia ser um botânico ou um zoólogo empenhado em alguma busca. O indivíduo virou-se para ele e disse: 'O senhor também está interessado no *faraglioniensis*? Eu não acreditava, mas é provável que, além das ilhas Faraglioni perto de Capri, também ocorram no continente. O método inventado pelo nosso colega Eimer é realmente muito bom. Já o utilizei várias vezes com excelentes resultados. Por favor, fique bem quieto...' (96.) Nesse ponto o zoólogo calou-se e colocou um laço feito de um longo talo de erva em frente a uma fenda nas pedras, por onde espreitava a pequena cabeça azul iridescente de um lagarto. Hanold deixou o caçador de lagartos com um sentimento crítico de que era quase inacreditável que pessoas empreendessem longas viagens para chegar a Pompéia impelidas por propósitos tão estranhos e tolos. É desnecessário dizer que nessa crítica ele não se incluía, assim como não incluía sua intenção de procurar as pegadas de Gradiva nas cinzas de Pompéia. A fisionomia do indivíduo idoso que interpelara como a um conhecido era familiar ao arqueólogo, que talvez já o tivesse visto de relance em um dos dois hotéis.

Continuando seu passeio, chegou por uma estrada lateral a uma casa que ele ainda não tinha descoberto, e que se mostrou como um terceiro hotel, o 'Albergo del Sole'. O proprietário, ocioso no momento, aproveitou a oportunidade para exhibir seu estabelecimento e sua coleção de relíquias encontradas nas escavações. Afirmou ter estado presente à descoberta junto ao foro de um jovem casal de namorados que, ao compreenderem seu inevitável destino, aguardaram a morte estreitamente abraçados. Hanold já ouvira antes essa história, considerando-a uma invenção fantasiosa de algum narrador imaginativo; naquele momento, porém, as palavras do hoteleiro encontraram nele um ouvinte crédulo, cuja receptividade aumentou ao lhe ser mostrado um broche de metal coberto de pátina verde, o qual teria sido encontrado nas cinzas junto aos restos da jovem. Sem qualquer dúvida crítica, comprou o broche e, ao deixar o *albergo*, viu numa janela aberta um ramo de asfódelo florido, tendo interpretado a visão das flores fúnebres como uma confirmação da legitimidade de sua nova aquisição.

Mas, com o broche, um novo delírio apoderou-se dele, ou melhor, o antigo recebeu um novo acréscimo - o que não parece de bom augúrio para o tratamento que fora iniciado. O par

amoroso abraçado fora desenterrado perto do foro, e foi em suas cercanias, no templo de Apolo, que em seu sonho o jovem vira Gradiva deitar-se para dormir (ver em [1]). Não seria possível que mais tarde ela se tivesse dirigido para o foro e encontrado alguém, tendo os dois então morrido juntos? Dessa suspeita surgiu um sentimento atormentador comparável ao ciúme. Refletindo sobre a improbabilidade da hipótese, tranqüilizou-se parcialmente e recuperou o equilíbrio suficiente para cear no Hotal Diomède. Ali sua atenção voltou-se para dois hóspedes recém-chegados, um rapaz e uma moça, julgou serem irmãos devido a certa semelhança física, apesar dos cabelos de cores diferentes. Foram essas as primeiras pessoas que encontrou em sua viagem a lhe causarem uma impressão favorável. A moça trazia uma rosa vermelha de Sorrento que lhe despertou uma recordação imprecisa. Afinal ele se recolheu e teve um sonho singularmente absurdo, embora sem dúvida provocado pelas experiências do dia. ‘Sentada em algum lugar no sol, Gradiva confeccionava um laço de um longo talo de erva para capturar um lagarto, e disse: “Por favor, fique bem quieto. Nossa colega tem razão, esse método é realmente ótimo e ela já o utilizou com excelentes resultados.”’ Ainda adormecido, defendeu-se do sonho com o pensamento crítico de que o mesmo era totalmente insensato, conseguindo libertar-se dele com a ajuda de um pássaro invisível que, emitindo um pio sarcástico, chamou e carregou o lagarto em seu bico.

Apesar desse tumulto, ele acordou num estado de espírito mais lúcido e mais equilibrado. Uma roseira com flores semelhantes às que vira na véspera no peito da nova hóspede o fez lembrar que, durante o sono, ouvira alguém dizer que era costume oferecerem-se rosas na primavera. Sem refletir, colheu algumas rosas e o ato exerceu um efeito tranqüilizante em seu espírito. Sentindo-se liberto de seus sentimentos anti-sociais, dirigiu-se pelo caminho regular para Pompéia, com a mente entretida em problemas referentes a Gradiva e levando consigo as rosas, o caderno de esboços e o broche de metal. O antigo delírio começou a apresentar fissuras; ele conjecturou se acaso não poderia encontrar Gradiva em Pompéia, não somente ao meio-dia, mas em outros momentos também. Os últimos elementos acrescentados ao delírio, entretanto, adquiriram maior força, e os ciúmes decorrentes dos mesmos atormentavam-no sob vários disfarces. Ele quase desejaria que a aparição permanecesse visível somente a seus olhos, escapando à percepção dos demais; assim, poderia considerá-la sua propriedade exclusiva. Enquanto caminhava sem destino, aguardando o meio-dia, teve um encontro inesperado. Na *Casa del Fauno* deparou num canto um casal que, julgando-se ao abrigo de olhares, trocava abraçado um demorado beijo. Assombrado, reconheceu no par o simpático casal da noite anterior, cujo procedimento, entretanto, não coadunava com o de dois irmãos, pois para ele o abraço e o beijo pareceram muito prolongados. Tratava-se, afinal, de mais um casal amoroso, provavelmente em lua-de-mel - mais um Edwin e Angelina. Surpreendentemente, dessa vez a visão dos mesmos só lhe causou satisfação. Reverentemente, como se houvesse interrompido algum secreto ato de devoção, retirou-se sem ser percebido. Recuperou uma atitude de respeito, há muito perdida.

Ao chegar à Casa de Meleagro, tornou a sentir um medo tão violento de encontrar Gradiva em companhia de mais alguém, que quando ela apareceu as únicas palavras que lhe ocorreram

foram as seguintes: 'Estás sozinha?' Foi com dificuldade que a jovem conseguiu fazê-lo perceber que ele colhera as rosas para ela. Ele lhe confessou seu último delírio: ser ela a dona do broche verde, ser ela a jovem encontrada nos braços do amante no foro. Com um leve toque irônico, ela perguntou se acaso ele encontrara o objeto no sol (e ela empregou a palavra [italiana] 'sole'), pois o sol fazia coisas semelhantes. O rapaz confessou estar-se sentindo um pouco tonto, e ela sugeriu como cura que ele compartilhasse da merenda dela. Ela lhe ofereceu a metade de um pãozinho que trazia embrulhado num papel de seda e comeu a outra metade com óbvio apetite. Seus lábios entreabertos deixavam entrever dentes perfeitos, que produziam um leve rangido ao penetrar na côdea do pão. 'Sinto como se já tivéssemos compartilhado certa vez de uma refeição semelhante, há dois mil anos atrás', disse ela, 'não te recordas?' (118.) Nenhuma resposta ocorreu a ele, mas a melhora de sua cabeça, decorrente do alimento, e as muitas indicações da presença real da jovem começaram a produzir seu efeito. A razão fortalecida o fez duvidar do delírio de que Gradiva não passasse de um fantasma do meio-dia, embora ela mesma tivesse acabado de afirmar que tinha compartilhado com ele de uma refeição há dois mil anos. Para solucionar tal conflito, ocorreu-lhe uma experiência que imediatamente levou a cabo com habilidade e renovada coragem. A jovem descansava sua mão esquerda, de delicados dedos, sobre os joelhos e uma das moscas, cuja inutilidade e impertinência tanta indignação haviam provocado nele, pousou sobre ela. Num movimento súbito, a mão de Hanold elevou-se no ar para se abater com vigor sobre o inseto e sobre a mão de Gradiva.

Essa experiência atrevida teve dois resultados: primeiro, a eufórica convicção de ter, sem dúvida alguma, tocado uma mão humana, real, viva e quente, mas logo em seguida uma reprimenda que o fez levantar-se num sobressalto da escadaria onde estava sentado, pois, passado seu primeiro espanto, Gradiva exclamou: 'Perdeste mesmo o juízo, Norbert Hanold!' Como todos sabem, o melhor método para acordar um sonâmbulo, ou um indivíduo adormecido, é chamá-lo pelo seu próprio nome. Contudo, infelizmente, não se terá oportunidade de observar os efeitos produzidos em Norbert Hanold pelo fato de Gradiva ter proferido seu nome (nome que ele não revelara a ninguém em Pompéia), pois nesse momento crítico surgiu em cena o simpático casal amoroso da *Casa del Fauno*, e a jovem senhora exclamou em tom de grata surpresa: 'Zoe! Estás aqui também? E em lua-de-mel como nós? Nunca me escreveste uma única palavra a respeito disso!' Diante dessa nova prova de que Gradiva era um ser vivo e real, Hanold fugiu.

Zoe-Gradiva também não acolheu com grande prazer essa visita inesperada que a interrompeu numa tarefa aparentemente importante. Todavia, ela logo se recuperou e respondeu com naturalidade, explicando a situação à sua amiga - e também a nós -, de forma a livrar-se do jovem casal. Congratulou-os, e negou estar em lua-de-mel. 'O rapaz que acabou de se afastar abriga, como vós, uma notável aberração. Parece acreditar que existe uma mosca zunindo em sua cabeça. Bem, talvez todos tenhamos uma espécie de inseto aqui. Como entendo um pouco de entomologia, posso ser de alguma ajuda nesses casos. Meu pai e eu estamos hospedados no Sole. Alguma coisa também aconteceu com a cabeça *dele*, pois teve a brilhante idéia de me trazer,

sob a condição de que me distraísse sozinha em Pompéia e nada exigisse dele. Eu disse a mim mesma que seria capaz de desencavar algo de interessante aqui, sem a ajuda de ninguém. Naturalmente eu não contava com a descoberta que fiz... isto é, não contava encontrar-te, Gisa.' (124.) E acrescentou que precisava apressar-se, pois o pai a esperava para almoçar no 'Sol'. Assim afastou-se, após haver-se apresentado a nós como filha do zoólogo caçador de lagartos e após ter admitido por toda sorte de alusões ambíguas, sua intenção terapêutica e também outros propósitos secretos.

Entretanto, não tomou a direção do Hotel do Sol, onde o pai a esperava. Pareceu-lhe também ver uma sombra que, à procura de seu túmulo, desapareceu por trás de um dos monumentos funerários perto da Casa de Diomedes. Isto a levou a encaminhar-se para a Via dos Sepulcros, flexionando os pés quase perpendicularmente a cada passo. Hanold fugira para o mesmo local, confuso e envergonhado, e ali caminhava sem parar, de um lado para outro, no pórtico do jardim, empenhado em solucionar a parte ainda obscura do seu problema através de um esforço intelectual. Um fato tornara-se inequivocamente claro para ele: fora insensatez ou loucura sua acreditar que se estava associando com uma jovem pompeana tornada à vida numa forma mais ou menos física. Essa clara compreensão interna (*insight*) de seu delírio era, sem dúvida, um passo essencial para a volta à razão. Por outro lado, essa mulher viva, com quem outras pessoas se comunicavam como se fosse fisicamente tão real quanto elas, era Gradiva, e conhecia o nome dele. Sua razão recém-despertada, porém, não era suficientemente forte para decifrar esse enigma, nem ele possuía a tranquilidade emocional necessária para enfrentar tão árdua tarefa, pois preferia ter sido enterrado há dois mil anos, na Casa de Diomedes, de modo a estar certo de não ter de se encontrar com Zoe-Gradiva novamente.

Todavia, um violento desejo de tornar a vê-la lutava contra os últimos ímpetos de fuga.

Ao dobrar um dos quatro ângulos da colunata, recuou sobressaltado. Num fragmento da alvenaria de pedra estava sentada uma das jovens que morrera ali na Casa de Diomedes. Esta, entretanto, é sua última tentativa, logo repudiada, de refugiar-se no reino do delírio. Não, era Gradiva, que evidentemente viera para lhe ministrar a última parte do seu tratamento. Ela interpretou corretamente o primeiro movimento instintivo dele como uma tentativa de deixar o prédio, e mostrou-lhe que no momento era impossível retirar-se, pois desabara uma chuva torrencial. Implacável, ela iniciou o interrogatório perguntando-lhe o que tentara fazer com a mosca pousada em sua mão. Ele não teve mais coragem de usar um pronome particular, mas ousou algo mais importante: fazer-lhe a pergunta decisiva.

'Como alguém já disse, minha cabeça estava muito confusa, e devo desculpar-me por ter batido na mão... não entendo como pude agir tão desarrazoadamente... mas também não entendo como a dona da mão, ao repreender-me por minha... insensatez, pôde declinar meu nome.' (134.)

'Vejo que há coisas que teu entendimento ainda não alcançou, Norbert Hanold. Não posso dizer, porém, que isto me surpreendeu, pois há muito me acostumaste com isto. Eu não precisava ter vindo a Pompéia para descobri-lo, e poderia tê-lo confirmado bem mais perto, a uns mil

quilômetros daqui.

‘Sim, a uns mil quilômetros daqui’, ela insistiu ao ver que ele ainda não compreendera, ‘do outro lado da tua rua, na casa da esquina. Na minha janela há uma gaiola com um canário.’

Essas últimas palavras, à medida que as ouvia, despertaram nele uma longínqua lembrança. Devia tratar-se do mesmo pássaro cujo canto pro- vocara nele a idéia de viajar para a Itália.

‘Naquela casa mora meu pai, Richard Bertgang, o catedrático de zoologia.’

Assim, como Zoe era sua vizinha, conhecia-o de vista, além de saber seu nome. Sentimo-nos decepcionados; a solução é desinteressante e parece não estar à altura de nossas expectativas.

Norbert Hanold mostrou que ainda não reconquistara uma total independência de pensamento ao replicar: ‘Então vós... vós sois Fräulein Zoe Bertgang? Mas ela tinha um aspecto tão diferente...

A resposta de Fräulein Bertgang revela-nos que entre os dois já houve outra relação que não a de simples vizinhos. Alegando antigos direitos, ela reclamou um tratamento mais familiar, aquele ‘*du*’ que ele usava tão naturalmente ao interpelar o fantasma do meio-dia, mas que repudiara ao dirigir-se a uma jovem de carne e osso: ‘Se julgais ser esse tratamento cerimonioso mais apropriado, eu também o adotarei. Mas o outro sai mais espontaneamente dos meus lábios. Não sei se meu aspecto era diferente em nossa infância, quando costumávamos brincar juntos amigavelmente ou nos atracar de quando em quando para variar. Mas se vos tivésseis dignado a olhar-me com atenção pelo menos uma vez nos últimos anos, poderíeis ter percebido que há muito tempo tenho a aparência de agora.’

Então já houve entre os dois uma amizade infantil - talvez mesmo um amor infantil - que justificava o *du*. Essa solução poderia parecer-nos tão trivial como a que de início suspeitamos. Verificamos, entretanto, que desce a um nível muito mais profundo, ao constataremos que essa relação infantil explica de forma inesperada alguns pormenores do seu contato de agora. Considere-se, por exemplo, a pancada na mão de Zoe-Grädiva, explicada de forma muito convincente por Norbert Hanold pela necessidade de uma resposta experimental para o problema da realidade física da aparição. Acaso isso não parece ao mesmo tempo demasiadamente com um renascimento do impulso para brincadeiras violentas, constantes na infância dos dois, segundo as palavras de Zoe? Considere-se também quando Grädiva indagou ao arqueólogo se este não se recordava de há dois mil anos ter compartilhado de sua refeição. Essa pergunta incompreensível logo parece adquirir sentido, se mais uma vez substituirmos o passado histórico por um passado pessoal - a infância - do qual a jovem retinha lembranças vívidas, mas que parece ter sido esquecido pelo rapaz. De repente, surge-nos a descoberta de que as fantasias do jovem arqueólogo sobre Grädiva talvez sejam um eco dessas lembranças infantis esquecidas. Assim sendo, não se trata de produtos arbitrários de sua imaginação, tendo sido essas fantasias

determinadas, sem que ele soubesse disso, pelo acervo de impressões infantis esquecidas, mas ainda nele atuantes. Seria possível para nós, ainda que só possamos conjecturar sobre elas, mostrar em detalhe a origem dessas fantasias. Ele imaginou, por exemplo, que Gradiva devia ser de origem *grega*, filha de uma alta personagem, talvez de um sacerdote de Ceres. Isso se ajusta com perfeição ao seu conhecimento do nome grego da jovem, Zoe, e ao fato de ela pertencer à família de um professor de zoologia. Mas se as fantasias de Hanold são lembranças modificadas, podemos esperar encontrar, na informação fornecida por Zoe Bertgang, uma indicação da fonte dessas fantasias. Vamos ouvir o que ela tem a dizer. Já nos falou sobre a íntima amizade infantil deles, e agora irá revelar-nos o subsequente desenvolvimento dessa relação de infância.

‘Na verdade, naquela época, até a idade em que começam, não sei por que, a chamar-nos de “*Backfisch*”, habituei-me a depender muitíssimo de vossa companhia e acreditava que nunca encontraria no mundo um amigo melhor. Eu não tinha mãe, nem irmã ou irmão, e para meu pai uma cobra-de-vidro conservada em álcool era muito mais interessante do que eu. Todos (inclusive as meninas) precisam de *algo* para ocupar seus pensamentos e o que quer que esteja ligado a eles. E isto é o que fostes para mim então. Mas quando vos voltastes inteiramente para a arqueologia, descobri - deveis perdoar-me, mas na verdade esse tratamento formal parece-me *demasiadamente* ridículo e, além disso, não se ajusta ao que quero dizer -, como estava dizendo, descobri que te tinhas tornado uma pessoa insuportável, que, ao menos no que me dizia respeito, não possuía olhos para ver nem boca para falar, e nem memória para lembrar-se de nossa amizade infantil. Sem dúvida foi por isso que me achaste agora com aspecto diferente pois, quando às vezes te encontrava em reuniões sociais - o que aconteceu ainda uma vez no último inverno -, tu não me vias e muito menos me dirigias a palavra. Não que houvesse nisso algo de pessoal, já que tratavas a todas igualmente. Para ti, eu era invisível, e tu, com teu topete de cabelos louros que tantas vezes arrepiei em nossas brincadeiras, te mostravas tão maçante, tão seco e mudo como uma cacatua empalhada e ao mesmo tempo tão pomposo como um *arqueoptérix* - sim, é esse mesmo o nome daquele monstruoso pássaro antediluviano há pouco descoberto. Só de uma coisa nunca suspeitei: que entretinhas uma fantasia igualmente afetada, considerando-me também aqui, em Pompéia, como algo que fora escavado e que retornara à vida. Quando deparei contigo inesperadamente em minha frente, de início foi-me muito difícil compreender a incrível trama tecida por tua imaginação em teu cérebro. Depois ela me divertiu e até me deu prazer, apesar da loucura, pois, como já te disse, eu não suspeitava isso de ti.’

Assim ela nos mostrou claramente o que os anos haviam feito de sua amizade infantil. Nelas cresceu até transformar-se em amor, pois uma jovem precisa de um objeto a quem dedicar o seu coração. Fräulein Zoe, a corporificação da inteligência e da clareza, torna sua mente transparente para nós. Se é regra geral que toda jovem normalmente constituída dirija primeiramente sua afeição ao pai, Zoe, cuja família se resumia neste, estava especialmente destinada a fazê-lo. Mas seu pai, totalmente absorvido em seus interesses científicos, não lhe dava a mínima atenção. Assim, ela foi obrigada a se dirigir para outra pessoa, ligando-se particularmente

ao seu jovem companheiro de brinquedos. Quando ele também deixou de fazer caso dela, seu amor não sofreu nenhuma diminuição; ao contrário, intensificou-se, pois ele se tornara semelhante ao pai, absorvendo-se como ele na ciência e afastando-se da vida e de Zoe. Dessa forma foi possível para ela manter-se fiel mesmo na infidelidade - reencontrar o pai no amado, abrangendo os dois na mesma emoção ou, como podemos dizer, identificando-os em seu sentimento. Mas que justificativa temos para essa pequena análise psicológica que pode parecer arbitrária? O próprio autor a oferece para nós num único, mas altamente significativo, pormenor. Quando Zoe descreveu a transformação, que tanto a perturbou, de seu antigo companheiro de folguedos, injuriou-o comparando-o a um arqueptérix, o monstro alado antediluviano que pertence à arqueologia da zoologia. Desse modo ela encontrou uma única expressão concreta da identidade das duas figuras. Sua queixa aplica-se, com a mesma palavra, tanto ao homem que ela amava quanto a seu pai. O arqueoptérix é, podemos dizer, uma idéia conciliatória ou intermediária, na qual seu pensamento sobre a insensatez do homem amado coincidiu com o pensamento análogo sobre seu pai.

Já com o rapaz, as coisas tomaram um rumo diferente. Absorto na arqueologia, só se interessava por mulheres de bronze e de mármore. Nele a amizade de infância, em vez de intensificar-se transformando-se em paixão, dissolveu-se, caindo em tão profundo esquecimento que, ao encontrar socialmente a antiga companheira de brinquedos, não a reconheceu. É verdade que, se examinarmos os fatos com mais cuidado, iremos perguntar-nos se 'esquecimento' será a descrição psicológica correta do destino dessas lembranças em nosso jovem arqueólogo. Existe um gênero de esquecimento que se caracteriza pela dificuldade que a convocação externa mais forte tem em despertar a memória, como se alguma resistência interna lutasse contra seu ressurgimento. Em psicopatologia essa espécie de esquecimento recebeu o nome de 'repressão', da qual o caso exposto pelo autor parece ser um exemplo. Ora, não sabemos se o esquecimento de uma impressão está sempre vinculado à dissolução de seu traço de memória na mente, mas podemos certamente afirmar que a 'repressão' não coincide com a dissolução ou a extinção da memória. É verdade que o reprimido, via de regra, não pode emergir da memória sem maiores dificuldades, mas conserva uma capacidade de ação efetiva e, sob a influência de algum evento externo, pode vir a ter conseqüências psíquicas que podem ser consideradas como produtos da modificação da lembrança esquecida e como derivados dela, e que, se não forem vistas por esse prisma, permanecerão incompreensíveis. Parece-nos já termos reconhecido nas fantasias de Norbert Hanold sobre Gradiva derivados de lembranças reprimidas de sua amizade infantil com Zoe Bertgang. Tal retorno do que foi reprimido deve ser esperado com particular regularidade quando os sentimentos eróticos de uma pessoa estão ligados às impressões reprimidas - quando sua vida erótica sofreu as investidas da repressão. Esses casos comprovam o velho ditado latino: 'Naturam expelles furca, tamen usque recurret,' embora este originalmente se referisse somente à expulsão por influências externas, e não por conflitos internos. No entanto, esse provérbio não nos explica tudo; só nos informa sobre o *fato* do retorno da parte da natureza

que foi reprimida, mas não descreve a *maneira* altamente singular desse retorno, que se realiza através do que classificaríamos de malévola traição. É precisamente o que foi escolhido como instrumento da repressão - como o '*furca*' do provérbio latino - que vai constituir o veículo do retorno: oculto na força repressora, o que é reprimido revelar-se-á por fim vencedor. Esse fato, pouco tido em conta e que merece um exame atento, é ilustrado - de forma mais impressionante do que o seria por muitos outros exemplos - por uma conhecida água-forte de Félicien Rops; e é ilustrado com o caso típico de repressão na vida dos santos e penitentes. Um monge ascético, fugindo certamente das tentações do mundo, volta-se para a imagem do Salvador na cruz, mas esta vai submergindo nas sombras, e em seu lugar ergue-se, radiante, a imagem de uma voluptosa mulher nua, também crucificada. Outros artistas, com menor compreensão interna (*insight*) psicológica, mostram, em alegorias da tentação semelhantes a essa, o Pecado erguendo-se, insolente e triunfante, em diversas atitudes junto à cruz do Salvador. Só Rops, porém, fê-lo ocupar o lugar do Salvador na Cruz. Ele parece ter sabido que, quando o que foi reprimido retorna, emerge da própria força repressora.

Vale a pena fazer uma pausa para observar em casos patológicos como a mente humana se torna sensível, em estados de repressão, a qualquer aproximação do que foi reprimido, e como até mesmo leves semelhanças bastam para que por trás da força repressora, e por meio da mesma, o reprimido venha a emergir. Tive entre meus pacientes um jovem - pouco mais que um menino - que, após involuntariamente tomar conhecimento dos processos sexuais, passara a fugir de todos os desejos eróticos que nele surgiam. Para esse propósito utilizava vários métodos de repressão, intensificando sua dedicação aos estudos, tornando-se exageradamente dependente da mãe e adotando em geral um comportamento infantil. Não vou expor aqui a forma como sua sexualidade reprimida voltou à tona, justamente em sua relação com a mãe, mas descreverei a circunstância invulgar e original como uma de suas proteções ruiu numa ocasião que jamais julgaríamos suficiente para tal. A matemática goza da reputação de desviar as atenções da sexualidade. Jean-Jacques Rousseau recebeu de uma dama a quem havia desagradado o seguinte conselho: 'Lascia le donne e studia la matematica!' Também o nosso fugitivo atirou-se com avidez ao estudo da matemática e da geometria que lhe cabiam no currículo escolar, até que um dia suas faculdades de conhecimento paralisaram-se diante de alguns problemas aparentemente inocentes. Foi possível reconstituir o enunciado de dois desses problemas: 'Dois corpos chocam-se, um com a velocidade de...etc.' e 'num cilindro de diâmetro m , inscrever um cone...etc.' Outros certamente não teriam visto nesses problemas alusões evidentes a eventos sexuais, mas o jovem sentiu que a matemática também o traíra, e afastou-se dela também.

Se Norbert Hanold fosse alguém na vida real que dessa forma e com o auxílio da arqueologia houvesse fugido do amor e de uma amizade infantil, seria lógico e dentro das normas que o que nele revivesse as lembranças esquecidas da menina amada em sua infância fosse justamente uma escultura antiga. Seria para ele um merecido destino apaixonar-se pela imagem em mármore de Gradiva, por trás da qual, devido a uma semelhança inexplicada, a esquecida Zoe

de carne e osso fizesse sua influência notada.

A própria Fräulein Zoe parece ter compartilhado do nosso enfoque do delírio do jovem arqueólogo, pois a satisfação que exprimiu na parte final de sua 'franca, detalhada e instrutiva reprimenda' dificilmente poderia ter base em outra coisa que não no conhecimento de que ela própria, desde o início, estivera relacionada com o interesse dele por Gradiva. Fora precisamente *isto* que ela não esperara dele, mas que lograra perceber através dos disfarces delirantes. O tratamento psíquico que ela administrara, entretanto, já exercera nele seus efeitos benéficos, e Hanold sentia-se libertado, pois seu delírio foi substituído por aquilo de que não constituía senão uma cópia inadequada e distorcida. Também não hesitou mais em lembrar-se da jovem e nela reconhecer a alegre, bondosa e inteligente companheira de folguedos, que em nada mudara nos pontos essenciais. Mas fez uma descoberta muito estranha...

'Tu te referes', disse a jovem, 'ao fato de que alguém tenha de morrer para chegar a estar vivo; mas sem dúvida isso tem de ser assim mesmo para os arqueólogos.' (141.) Evidentemente ela ainda não o perdoara pelo caminho tortuoso percorrido por ele, através da arqueologia, para de sua amizade infantil chegar à relação que há pouco haviam iniciado.

'Não, refiro-me ao teu nome... "Bertgang" tem o mesmo significado que "Gradiva", e quer dizer "alguém que brilha ao avançar".'

Não estávamos preparados para isso. Nosso herói começou a despojar-se de sua humildade e a desempenhar um papel ativo. É evidente que estava completamente curado de seu delírio e já o superara, tendo provado isso ao romper os últimos fios da trama do delírio. É também exatamente dessa forma que se comportam os pacientes quando aliviados da compulsão dos seus pensamentos delirantes pela revelação do material reprimido oculto por estes. Ao compreendê-los, eles próprios revelam nas idéias que subitamente lhe ocorrem as soluções dos enigmas finais e mais importantes de sua estranha condição. Já adivinháramos que a origem grega da imaginária Gradiva era um resultado obscuro do nome grego 'Zoe', mas não ousáramos examinar o nome 'Gradiva', deixando-o passar como uma criação arbitrária da imaginação de Norbert Hanold. Mas eis que esse nome agora se revela como sendo derivado - sendo na verdade uma tradução - do sobrenome reprimido da menina que ele amara na infância e aparentemente esquecera.

A investigação da origem do delírio e sua solução estão agora completas. No que em seguida narra, o autor sem dúvida tem em mira um final harmonioso para sua história. Tranquilizamo-nos quanto ao futuro ao ler que o rapaz, que até aqui fora obrigado a desempenhar o lamentável papel de um indivíduo necessitado de tratamento urgente, deu mais alguns passos no caminho do restabelecimento e conseguiu despertar em Zoe alguns dos sentimentos que anteriormente o fizeram sofrer. Foi assim que a fez sentir ciúmes, mencionando a simpática jovem senhora que há pouco interrompera seu tête-à-tête na Casa de Meleagro, e confessando que a mesma fora a primeira mulher a despertar-lhe sentimentos favoráveis. A essas palavras, Zoe mostrou-se disposta a separar-se friamente dele, observando que já havia sido recuperada a razão - inclusive por ela própria; ele poderia procurar Gisa Hartleben (ou como quer que ela agora se

chamasse) e oferecer seus préstimos científicos para a visita dela em Pompéia; quanto a ela, Zoe, voltaria ao Albergio del Sole, onde seu pai a esperava para almoçar; talvez viessem a se encontrar novamente em alguma festa na Alemanha ou na lua. Contudo, pretextando mais uma vez afastar uma mosca, o arqueólogo beijou-a na face e em seguida nos lábios, passando à agressividade que é o inevitável dever masculino na prática do amor. Uma única vez uma nova sombra pareceu ameaçar a felicidade do par, quando Zoe declarou precisar então realmente reunir-se ao pai, senão ele morreria de fome no Sole. 'Teu pai?... O que acontecerá?...' (147.) Mas a inteligente jovem desfez rapidamente as preocupações de Hanold. 'Provavelmente nada. Não sou um exemplar indispensável de sua coleção zoológica. Se o fosse, talvez não tivesse tão intensamente entregue a ti meu coração.' No entanto, se acaso o pai inesperadamente encarasse o assunto de outra forma, haveria um expediente seguro. Hanold só precisaria tomar um barco para Capri, ali capturar um *Lacerta faraglionensis* (ele poderia praticar a técnica no dedo mindinho dela), soltar o animalzinho em Pompéia e tornar a caçá-lo sob as vistas do zoólogo, deixando-o escolher entre um *faraglionensis* do continente e sua filha. É fácil ver que nesse ardil se mesclavam a zombaria com a amargura, e que por meio dele a jovem como que advertia o noivo a não imitar muito fielmente o modelo pelo qual ela o escolhera. Nesse ponto Norbert Hanold torna a nos tranquilizar, demonstrando por vários indícios, aparentemente triviais, a grande transformação nele ocorrida. Propôs à sua Zoe uma lua-de-mel na Itália, e em Pompéia, como se todos aqueles pares de ternos Edwins e Angelinas nunca houvessem provocado a sua indignação. Sua memória não guardara quaisquer sentimentos contra aqueles felizes casais que tanto e tão desnecessariamente se haviam afastado de seus lares alemães. O autor tem razão em apresentar tal perda de memória como o melhor e mais fidedigno sinal de uma mudança de atitude. À sugestão do 'seu companheiro de infância, também de certa maneira desenterrado das ruínas' (150), Zoe respondeu que ainda não se sentia suficientemente viva para tomar tal decisão geográfica.

O delírio foi, portanto, sobrepujado por uma bela realidade, mas, antes que os dois amorosos deixassem Pompéia, iriam prestar-lhe uma última homenagem. Ao alcançarem a Porta de Herculano, onde no começo da Via Consolare uma fieira de antigas pedras com ressaltos cruza a estrada, Norbert Hanold parou e pediu à jovem que caminhasse à sua frente. Percebendo sua intenção, 'Zoe Bertgang, Gradiva *rediviva*, ergueu um pouco a saia com sua mão esquerda e avançou, enquanto ele a observava com um olhar sonhador. Com passos ágeis e silenciosos ela atravessou a rua sobre as pedras, iluminada pelo sol de Pompéia.' Como o triunfo do amor, o que era belo e precioso no delírio encontrou reconhecimento como tal.

Em sua última metáfora - 'o amigo de infância desenterrado das ruínas' - o autor nos forneceu a chave do simbolismo utilizado pelo delírio de nosso herói para disfarçar as lembranças deprimidas. Na verdade não existe melhor analogia para a repressão - que preserva e torna algo inacessível na mente - do que um sepultamento como o que vitimou Pompéia, e do qual a cidade só pôde ressurgir pelo trabalho das pás. Por essa razão o jovem arqueólogo, em sua fantasia, foi

obrigado a deslocar para Pompéia o modelo do relevo que lhe recordava o objeto de seu amor ao estender-se sobre essa valiosa similaridade que sua delicada sensibilidade percebera entre um determinado processo mental do indivíduo e um evento histórico isolado da história da humanidade.

Mas afinal nosso propósito primitivo era somente investigar, com a ajuda de certos métodos analíticos, dois ou três sonhos que aparecem aqui e ali no texto de *Gradiva*. Como foi, então, que passamos a dissecar toda a história e a examinar os processos mentais dos dois personagens principais? Na verdade todo esse trabalho não foi inútil; tratava-se de trabalho preliminar essencial. Assim também, ao tentarmos compreender os sonhos reais de uma pessoa real, temos de examinar atentamente seu caráter e sua história, investigando não só as experiências que antecederam de pouco seu sonho, mas também as de seu passado remoto. Acredito até que ainda não estamos prontos para nos dedicarmos à nossa tarefa original, sendo necessário que examinemos mais demoradamente a história a fim de efetuar outros trabalhos preliminares.

Meus leitores sem dúvida terão ficado surpresos ao notar que até aqui tratei todas as atividades e manifestações mentais de Norbert Hanold e Zoe Bertgang como se os dois fossem pessoas reais e não criações de um autor, e como se a mente do autor não fosse um instrumento capaz de deformar ou obscurecer, mas um instrumento totalmente límpido. Meu procedimento deve parecer-lhes ainda mais incompreensível se considerarem que o autor classificou sua história de 'fantasia', negando-lhe qualquer semelhança com a realidade. Entretanto, descobrimos que todas as suas descrições copiam tão fielmente a realidade, que não nos oporíamos à apresentação de *Gradiva* como um estudo psiquiátrico. Só em duas ocasiões o autor fez uso do seu indiscutível direito de formular proposições que não parecem apoiar-se nas leis da realidade. A primeira é quando faz o jovem arqueólogo deparar um autêntico relevo da Antiguidade clássica de tal forma semelhante a uma pessoa viva de época muito posterior, não só numa singular postura do pé ao andar, mas também em todos os traços fisionômicos e formas corporais, que o jovem é capaz de tomar a aparência física dessa pessoa como sendo a própria escultura tornada à vida. E a segunda ocasião é quando faz com que o rapaz encontre a jovem viva precisamente em Pompéia, onde sua imaginação colocara a mulher morta, ao passo que sua viagem para a Itália na verdade o afastara da primeira, a qual ele acabara de ver na rua da cidade onde morava. Entretanto, essa segunda disposição do autor não se afasta demasiadamente da possibilidade real, apenas faz intervir o acaso, que inegavelmente desempenha seu papel em muitas histórias humanas; além disso, recorre a ele acertadamente, pois aqui o acaso demonstra a fatídica e comprovada verdade de que a fuga é o instrumento mais seguro para se cair prisioneiro daquilo que se deseja evitar. A primeira proposição, o ponto de partida em que se apóia toda a história, ou seja, a grande semelhança entre a escultura e a jovem viva (que uma escolha mais moderada

poderia ter limitado à singular flexão do pé ao andar), parece-nos mais fantasiosa, sendo uma decisão totalmente arbitrária do autor. Aqui sentimo-nos tentados a permitir que nossa própria fantasia estabeleça um elo com a realidade. O nome 'Bertgang' talvez seja um indício de que em tempos idos as mulheres dessa família distinguiam-se pelo singular e gracioso andar, e podemos supor que os Bertgangs germânicos descendessem de uma família romana a que pertencera a mulher que inspirara um escultor a perpetuar na escultura a peculiaridade do caminhar dela. Todavia, já que as variações da forma humana não são independentes umas das outras, e já que mesmo nos tempos modernos reaparecem com frequência tipos antigos (como podemos comprovar pelo exame de obras de arte), não seria totalmente impossível que uma Bertgang da atualidade pudesse reproduzir a forma de uma antiga ascendente em todas as outras características de sua estrutura corpórea. Mas em vez de tecer tais conjecturas, seria sem dúvida mais sensato perguntar ao próprio autor de que fontes se originou essa parte de sua criação; talvez tivéssemos então uma boa oportunidade de mostrar mais uma vez como muitas coisas aparentemente arbitrárias na verdade obedecem a leis. No entanto, como não temos acesso a essas fontes ocultas na mente do autor, concedamos-lhe seu irrestrito direito de basear uma narrativa totalmente verossímil numa premissa improvável - um direito de que Shakespeare, por exemplo, também fez uso no *Rei Lear*.

Com exceção disso, reafirmamos que o autor apresentou-nos um estudo psiquiátrico perfeitamente correto, pelo qual podemos medir nossa compreensão dos trabalhos da mente - um caso clínico e a história de uma cura que parecem concebidos para ressaltar determinadas teorias fundamentais da psicologia médica. Já é bastante singular que o autor possa ter realizado tal trabalho, mas o que diríamos se, ao ser interrogado, ele negasse ter tido tal intenção? É muito fácil estabelecer analogias e atribuir sentidos às coisas, mas acaso não teremos emprestado a essa encantadora e poética história um significado secreto bastante distanciado das intenções do autor? É possível. Voltaremos à questão mais tarde. Por hora, entretanto, limitar-nos-emos a ressaltar que tentamos evitar qualquer interpretação tendenciosa, expondo quase toda a história nas próprias palavras do autor. Quem cotejar nossa síntese com o verdadeiro texto de *Gradiva* terá de corroborar nossa asserção.

Talvez, na opinião da maioria das pessoas, estejamos prestando um desserviço ao autor, ao declarar que sua obra é um estudo psiquiátrico. Dizem que um autor deveria evitar qualquer contato com a psiquiatria e deixar aos médicos a descrição de estados mentais patológicos. A verdade, porém, é que o escritor verdadeiramente criativo jamais obedece a essa injunção. A descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica. Mas o limite entre o que se descreve como estado mental normal e como patológico é tão convencional e tão variável, que é provável que cada um de nós o transponha muitas vezes no decurso de um dia. Por outro lado, a psiquiatria estaria cometendo um erro se tentasse restringir-se permanentemente ao estudo das graves e sombrias doenças decorrentes de severos danos sofridos pelo delicado

aparelho da mente. Desvios da saúde mais leves e suscetíveis de correção, que hoje podemos atribuir apenas a perturbações na interação das forças mentais, atraem igualmente seu interesse. Na verdade, só através deles é que pode chegar à compreensão dos estados normais, assim como dos fenômenos das doenças graves. Conseqüentemente, o escritor criativo não pode esquivar-se do psiquiatra, nem o psiquiatra esquivar-se do escritor criativo, e o tratamento poético de um tema psiquiátrico pode revelar-se correto, sem qualquer sacrifício de sua beleza.

É o que ocorre com essa imaginativa exposição da história de um caso e do seu tratamento: está realmente isenta de erros. Agora que terminamos de contar a história e satisfizemos nossa curiosidade, podemos examiná-la com mais atenção; vamos reproduzi-la fazendo uso da terminologia técnica da nossa ciência, trabalho em que não nos sentiremos desconcertados diante da necessidade de repetir o que foi dito.

O autor refere-se com freqüência ao estado de Norbert Hanold como 'delírio', e não temos motivos para refutar essa designação. Podemos apontar duas características principais de um 'delírio' que, se não o descrevem de forma exaustiva, o distinguem de outras perturbações. Em primeiro lugar, o delírio pertence ao grupo de estados patológicos que não produzem efeito direto sobre o corpo, mas que se manifestam apenas por indicações mentais. Em segundo lugar, é caracterizado pelo fato de que nele as 'fantasias' ganharam a primazia, transformando-se em crença e passando a influenciar as ações. Se lembrarmos a viagem de Hanold a Pompéia com o fito de procurar as pegadas de Gradiva nas cinzas, teremos um ótimo exemplo de uma ação sob a influência de um delírio. Um psiquiatra talvez incluisse o delírio de Norbert Hanold no vasto grupo da 'paranóia', classificando-o provavelmente como 'erotomania fetichista', já que seu traço mais saliente era uma paixão por uma escultura, e aos olhos desse psiquiatra, que tudo tende a ver pelo prisma mais grosseiro, o interesse do jovem arqueólogo por pés e posições de pés inevitavelmente passaria por 'fetichismo'. Contudo, todos os sistemas de nomenclatura ou classificação dos diversos tipos de delírio de acordo com seu tema principal são de certa forma precários e estéreis.

Além disso, como nosso herói era uma pessoa capaz de desenvolver um delírio baseado em uma preferência tão singular, um psiquiatra rigoroso o qualificaria, sem hesitar, de *dégénéré*, e procuraria a hereditariedade que o conduzira inevitavelmente a esse destino. Mas nesse ponto, e com razão, o autor não segue o psiquiatra, pois deseja aproximar-nos do seu herói para facilitar a 'empatia'; o diagnóstico de *dégénéré*, certo ou errado, colocaria uma barreira entre o arqueólogo e nós, leitores, que somos pessoas normais, o tipo padrão da humanidade. As precondições hereditárias e constitucionais do estado também não ocupam muito o autor, que por outro lado se aprofunda na composição mental pessoal que foi capaz de dar origem a tal delírio.

Numa questão muito importante, Norbert Hanold comportava-se de forma bastante diversa de um ser humano comum: não se interessava por mulheres vivas. A ciência de que era servidor apoderara-se desse interesse e deslocara-o para as mulheres de mármore ou de bronze. Esse fato não deve ser encarado como um pormenor trivial; ao contrário, era a precondição básica dos eventos a serem descritos, pois certo dia uma determinada escultura desse tipo atraiu todo o

interesse que normalmente só é dedicado a uma mulher viva, estabelecendo-se assim o delírio. A seguir vimos a maneira como esse delírio foi curado através de uma feliz cadeia de eventos e como o interesse do nosso herói foi deslocado das mulheres de mármore para uma mulher viva. O autor não nos deixa seguir as influências que levaram nosso herói a afastar-se das mulheres; apenas nos informa que a atitude dele não era explicada por sua disposição inata, a qual, muito ao contrário, incluía uma boa parcela de necessidades imaginativas (e, por que não dizer, eróticas). Também vimos, mais tarde, que na infância ele não evitou as outras crianças, mantendo amizade com uma menina, sua inseparável companheira, repartindo com ela suas merendas e deixando-a arrepiar seus cabelos no decurso de brincadeiras violentas. É em ligações como essas, onde o afeto se combina à agressividade, que o erotismo imaturo da infância se expressa; só mais tarde emergem suas conseqüências, mas então de forma irresistível; na infância, geralmente só os médicos e os escritores criativos o reconhecem como erotismo. Nosso escritor mostra-nos claramente que também é da mesma opinião, fazendo com que seu herói desenvolva subitamente um vivíssimo interesse pelos pés e pelo andar das mulheres. Esse interesse lhe traz forçosamente uma má reputação de ser um fetichista de pés. Contudo, *nós* não podemos evitar de ligar esse interesse à lembrança de sua companheira de infância, pois sem dúvida já então a moça andava daquela forma singular e graciosa, apoiando-se nos dedos e flexionando a planta dos pés quase perpendicularmente ao solo. Foi para retratar um andar semelhante que a escultura antiga adquiriu uma tão grande importância para Norbert Hanold. Queremos acrescentar, aliás, que na derivação desse singular fenômeno de fetichismo o autor está em completo acordo com a ciência. Na verdade, desde Binet [1888] temos tentado atribuir o fetichismo às impressões eróticas da infância.

O estado de se manter permanentemente afastado das mulheres produz uma susceptibilidade pessoal ou, como nos acostumamos a dizer, uma 'disposição' à formação de um delírio. Esse distúrbio mental começa a se desenvolver no momento em que uma impressão casual desperta experiências infantis esquecidas e que têm, ainda que levemente, traços de conotação erótica. Entretanto, 'desperta' não é exatamente a descrição adequada, se levarmos em conta o que se segue. Devemos repetir o acurado relato do autor em termos técnicos psicológicos. Ao encontrar o relevo, não se recordou Norbert Hanold de já ter visto a amiga de infância caminhar de forma análoga; não teve lembrança alguma do fato, mas todos os efeitos produzidos pela escultura tiveram origem nessa conexão com uma impressão de sua infância. Ao ser despertada, essa impressão infantil tornou-se ativa, começando a produzir efeitos, mas não chegou à consciência, isto é, permaneceu 'inconsciente', para usar um termo que hoje já é imprescindível na psicopatologia. Desejaríamos que esse inconsciente não fosse objeto de nenhuma discussão de filósofos ou naturalistas, que com freqüência só possuem importância etimológica. Por hora, não dispomos de uma denominação melhor para os processos psíquicos que, embora ativos, não atingem a consciência da pessoa, e isso é tudo o que queremos dizer com nossa 'inconsciência'. Quando alguns pensadores tentam refutar a existência de um inconsciente desse tipo, taxando-o de insensatez, só podemos supor que nunca se ocuparam de fenômenos mentais desse gênero;

que estão sob a influência da experiência geral de que tudo o que é mental e se torna intenso e ativo, torna-se simultaneamente consciente; que eles ainda têm de aprender (o que nosso autor sabe muito bem) que existem sem dúvida processos mentais que, apesar de serem intensos e de produzirem efeitos, ainda assim permanecem afastados da consciência.

Já dissemos há pouco (ver a partir de [1]) que em Norbert Hanold as lembranças de suas relações infantis com Zoe estavam em estados de 'repressão'; e aqui as chamamos de lembranças 'inconscientes'. Agora precisamos dar mais atenção à relação entre esses dois termos técnicos, que parecem coincidir em seu significado. Na verdade não é difícil esclarecer a questão. O conceito de 'inconsciente' é o mais amplo, sendo o de 'reprimido' o mais restrito. Tudo que é reprimido é inconsciente, mas não podemos afirmar que tudo que é inconsciente é reprimido. Se ao ver o relevo, Hanold se houvesse recordado do modo de andar de Zoe, o que anteriormente fora uma lembrança inconsciente se teria tornado simultaneamente ativo e consciente, e isso teria demonstrado que essa lembrança não fora anteriormente reprimida. 'Inconsciente' é um termo puramente descritivo, indefinido em alguns aspectos e, poderíamos dizer, estático. 'Reprimido' é uma expressão dinâmica, que leva em conta a interação de forças mentais; implica a presença de uma força que procura provocar toda uma série de efeitos psíquicos, inclusive o de tornar-se consciente, e a essa força opõe-se uma outra força contrária, capaz de obstruir alguns desses efeitos psíquicos, inclusive também aquele de tornar-se consciente. A característica de algo reprimido é justamente a de não conseguir chegar à consciência, apesar de sua intensidade. Portanto, no caso de Hanold, a partir do momento em que surge o relevo, passamos a nos ocupar com alguma coisa inconsciente que está reprimida ou, mais simplesmente, com alguma coisa reprimida.

As lembranças de Norbert Hanold de sua ligação infantil com a menina de andar gracioso estavam reprimidas, mas esta ainda não é a visão correta da situação psicológica. Enquanto lidarmos apenas com lembranças e idéias, permaneceremos na superfície. Só os sentimentos têm valor na vida mental. Nenhuma força mental é significativa se não possuir a característica de despertar sentimentos. As idéias só são reprimidas porque estão associadas à liberação de sentimentos que devem ser evitados. Seria mais correto dizer que a repressão age sobre sentimentos, mas só nos apercebemos destes através de sua associação com as idéias. Assim, os sentimentos eróticos de Norbert Hanold é que haviam sido reprimidos, e como o seu erotismo não tinha e não tivera na infância outro objeto a não ser Zoe Bertgang, suas lembranças dela foram esquecidas. O relevo antigo despertou seu erotismo adormecido, tornando ativas suas lembranças da infância. Devido a uma resistência presente nele contra esse erotismo, só enquanto inconscientes essas lembranças podiam tornar-se operativas. O que nele então se desenvolveu foi uma luta entre o poder do erotismo e o poder das forças que o reprimiam, luta esta que se manifestava como delírio.

Nosso autor omitiu as razões que levaram à repressão da vida erótica de seu herói, pois a dedicação de Hanold à ciência não passava certamente de um instrumento utilizado pela

repressão. Nesse ponto um médico teria de investigar mais profundamente, mas talvez sem nenhuma garantia de sucesso. Contudo, como já assinalamos com admiração, com muito acerto o autor mostrou-nos como o erotismo reprimido emerge precisamente do campo dos instrumentos que serviram à sua repressão. Apontou-se com justiça ter sido uma antiguidade, a escultura feminina em mármore, que arrancou nosso arqueólogo do seu afastamento do amor, advertindo-o da necessidade de pagar à vida a dívida que desde o nascimento pesa sobre nós.

As primeiras manifestações do processo desencadeado em Hanold pelo relevo foram as fantasias que giravam em torno da figura representada nesse relevo. A figura parecia-lhe 'atual', no melhor sentido da palavra, e 'viva', como se o artista houvesse perpetuado no mármore uma visão colhida nas ruas. O arqueólogo batizou a figura de 'Gradiva', inspirando-se no epíteto do deus da guerra dirigindo-se ao combate - 'Mars Gradivus'. Dotou a personalidade dela com um número cada vez maior de características. Ela poderia ter sido filha de um alto personagem, talvez de um patrício ligado ao culto de alguma divindade. Acreditava poder ver nos seus traços fisionômicos uma origem grega e, por fim, sentiu-se compelido a removê-la da vida agitada de uma capital para a mais tranqüila Pompéia, onde a fazia caminhar sobre as pedras de lava que facilitavam a travessia das ruas. (ver em [1]) Esses produtos de sua fantasia parecem-nos bastante arbitrários, mas ao mesmo tempo inocentes e inequívocos. E, na verdade, mesmo quando pela primeira vez eles o estimularam à ação - quando, obcecado pelo problema da realidade daquele andar, o arqueólogo começou a observar a vida para observar os pés das mulheres e jovens contemporâneas -, essa ação era aparentemente justificada por motivos científicos conscientes, como se todo o seu interesse por Gradiva tivesse origem em sua dedicação profissional à arqueologia. (ver em [2]) As jovens e as senhoras por ele escolhidas na rua como objeto de tal investigação devem, naturalmente, ter atribuído ao seu comportamento um caráter grosseiramente erótico, e só podemos dar-lhes razão, embora não tenhamos dúvida alguma de que Hanold ignorasse totalmente tanto os motivos de suas pesquisas quanto as origens de suas fantasias sobre Gradiva. Como vimos depois, estas eram ecos das lembranças do seu amor infantil, derivados, transformações e distorções dessas lembranças, após não terem elas conseguido chegar à consciência dele de uma forma inalterada. Seu juízo de natureza aparentemente estética de que a escultura tinha um aspecto 'atual' substituiu seu conhecimento de que um andar desse tipo pertencia a uma jovem que ele conhecia e que andava na rua *na época presente*. Por trás da impressão de que a escultura era 'viva' e da fantasia de que o modelo era grego, estava sua lembrança do nome Zoe, que significa 'vida' em grego. 'Gradiva', como nos revela o próprio herói no fim da história, após ter sido curado do seu delírio, é uma tradução do sobrenome 'Bertgang', que quer dizer mais ou menos 'alguém que brilha ou esplende ao avançar'. (ver em [1]) Os pormenores relativos ao pai de Gradiva procediam do conhecimento de Hanold de que Zoe Bertgang era a filha de um renomado professor da Universidade, o que em termos clássicos pode ser traduzido como 'serviço do templo'. Por fim, sua fantasia transportou-a para Pompéia, não 'porque sua natureza serena e tranqüila assim o exigisse', mas porque em sua ciência ele não

pôde encontrar uma analogia mais apropriada para seu singular estado, no qual tomou conhecimento de suas lembranças de uma amizade de infância, embora através de obscuros meios de informação. Após ter feito sua própria infância coincidir com o passado clássico (o que era muito fácil para ele), houve uma perfeita analogia entre o soterramento de Pompéia - que fez desaparecer mas ao mesmo tempo preservou o passado - e a repressão, de que ele tinha conhecimento através do que poderíamos chamar de percepção 'endopsíquica'. Assim ele utilizava o mesmo simbolismo a que o autor faz a jovem recorrer quase no final da história: 'Eu disse a mim mesma que seria capaz de desenterrar algo de interessante aqui, sem a ajuda de ninguém. Naturalmente eu não contava com a descoberta que fiz...' (124 (ver em [1])). E bem no final, quando Hanold sugeriu que passassem ali sua lua-de-mel, ela respondeu com uma referência a 'seu companheiro de infância, também de certa maneira desenterrado das ruínas'. (150 (ver em [2])).

Assim, observamos já nos primeiros produtos das fantasias delirantes e ações de Hanold um duplo grupo de determinantes, derivando-se de duas fontes diferentes. Uma delas era manifesta para Hanold, a outra é revelada para nós quando examinamos os processos mentais dele. Uma delas, encarada do ponto de vista de Hanold, era consciente para ele; a outra era completamente inconsciente. Uma delas procedia em sua totalidade do círculo de idéias da ciência arqueológica, a outra surgia das lembranças infantis reprimidas, que se tinham tornado ativas, e dos instintos emocionais a elas ligados. Pode-se dizer que uma era superficial e se sobrepunha à outra, a qual como que se ocultava sob a primeira. A motivação científica servia de pretexto para a motivação erótica inconsciente, estando a ciência inteiramente a serviço do delírio. Entretanto, não se deve esquecer que os determinantes inconscientes nada conseguem realizar sem satisfazer simultaneamente os determinantes científicos conscientes. Os sintomas de um delírio - tanto as fantasias como as ações - na verdade são produtos de uma conciliação entre as duas correntes mentais, e numa conciliação são levadas em conta as pretensões das duas partes, mas cada parte precisa renunciar a uma parcela do que quer alcançar. Só através de uma luta é que se alcança essa conciliação - no caso presente, através do conflito que presumimos entre o erotismo suprimido e as forças que o mantinham em repressão. Na realidade essa luta é constante na formação do delírio. O ataque e a resistência são renovados após a construção de cada conciliação, que nunca é, por assim dizer, inteiramente satisfatória. Nosso autor também em conhecimento desse fato, e é por isso que faz um desassossego peculiar dominar esse estágio do distúrbio do seu herói, como precursor e garantia de novos desenvolvimentos.

Essas peculiaridades significativas - a motivação dupla de fantasias e decisões, e a construção de pretextos conscientes para ações que são motivadas em grande parte pelo reprimido - surgirão freqüentemente, e talvez com maior clareza, no curso posterior da história. E com muito acerto, pois o autor soube compreender e expor a característica principal e indispensável dos processos mentais patológicos

O desenvolvimento do delírio de Norbert Hanold prosseguiu com um sonho que, não tendo

sido provocado por nenhum novo evento, parece ter-se originado inteiramente de sua mente, onde havia um conflito. Mas façamos uma pausa antes de conjecturar se o autor também demonstra possuir, como esperávamos, uma profunda compreensão da construção dos sonhos. Averiguemos primeiro o que tem a dizer a ciência psiquiátrica sobre as hipóteses formuladas pelo autor a respeito da origem de um delírio, e qual a sua atitude quanto ao papel desempenhado pela repressão e pelo inconsciente, assim como quanto ao conflito e às formações de conciliações. Em síntese, vejamos se essa imaginosa representação da gênese de um delírio resiste a um exame científico.

E aqui nossa resposta talvez seja uma surpresa. Nada realidade a situação é inversa: é a ciência que não resiste à criação do autor. Entre as precondições constitucionais e hereditárias de um delírio, e as criações deste, que parecem emergir prontas, existe uma lacuna não explicada pela ciência - lacuna esta que achamos ter sido preenchida pelo nosso autor. A ciência ainda não suspeita da importância da repressão, não reconhece que para explicar o mundo dos fenômenos psicopatológicos o inconsciente é absolutamente essencial, não procura a base dos delírios num conflito psíquico, e nem considera seus sintomas como conciliações. Acaso nosso autor ergue-se sozinho contra toda a ciência? Não, não é assim (isto é, se eu puder considerar como científicos os meus próprios trabalhos), pois já há alguns anos - e, até bem pouco tempo, mais ou menos sozinho - eu mesmo venho defendendo todos os princípios que aqui extraí da *Gradiva* de Jensen, expondo-os em termos técnicos. Assinalei, particularmente em conexão com os estados mentais conhecidos como histeria e obsessões, que o determinante individual desses distúrbios psíquicos é a supressão de uma parcela da vida instintual e a repressão das idéias que representam o instinto suprimido, e pouco depois apliquei esses mesmos princípios a algumas formas de delírio. Neste caso particular da análise de *Gradiva*, podemos considerar sem importância o problema de determinar se os instintos envolvidos nessa causação são sempre componentes do instinto sexual ou se acaso serão também de outro gênero, já que sem dúvida no exemplo escolhido por nosso autor o que estava em questão era certamente nada mais do que a supressão dos sentimentos eróticos. A validade das hipóteses de conflito psíquico e de formação de sintomas através de conciliações entre as duas correntes em luta já foi demonstrada por mim no caso de pacientes observados e tratados medicamente na vida real, assim como pude fazer no caso imaginário de Norbert Hanold. Já antes de mim, Pierre Janet, discípulo do grande Charcot, e Josef Breuer, em colaboração comigo, haviam atribuído os produtos das doenças neuróticas, e especialmente das histéricas, ao poder dos pensamentos inconscientes.

Quando, a partir de 1893, me dediquei a tais investigações sobre a origem dos distúrbios mentais, certamente nunca me teria ocorrido procurar uma comprovação de minhas descobertas nas obras de escritores imaginativos. Assim fiquei bastante surpreso ao verificar que o autor de *Gradiva*, publicada em 1903, baseara sua criação justamente naquilo que eu próprio acreditava ter acabado de descobrir a partir das fontes de minha experiência médica. Como pudera o autor alcançar conhecimentos idênticos aos do médico - ou pelo menos comportar-se como se os

possuísse?

Como dizíamos, o delírio de Norbert Hanold avançou mais ainda devido a um sonho ocorrido durante seu esforços para descobrir um andar semelhante ao de Gradiva nas ruas da cidade em que ela morava. O conteúdo desse sonho pode ser facilmente resumido. O sonhador descobriu que estava em Pompéia no dia da destruição daquela infeliz cidade, e experimentou seus horrores sem correr perigo. Subitamente viu Gradiva caminhando pela rua e deu-se conta de que, sendo a jovem pompeana, era natural que residisse em sua cidade natal, e 'na mesma época que ele, sem que disto ele tivesse a menor suspeita' (ver em [1]). Receando por ela, advertiu-a com um grito, ao que a jovem lhe voltou por um momento o rosto, mas sem lhe dar atenção prosseguiu seu caminho, deitou-se nos degraus do templo de Apolo e foi soterrada pelas cinzas, após ter empalidecido até adquirir a cor do mármore, como se estivesse transformando-se numa estátua. Ao despertar, ele interpretou os ruídos matutinos da cidade que penetravam em seu quarto como gritos de socorro dos desesperados habitantes de Pompéia e o rugir do mar enfurecido. Por algum tempo permaneceu com o sentimentos de ter realmente vivido os acontecimentos de seu sonhos, tendo este lhe deixado a convicção de que Gradiva residira em Pompéia e ali perecera no dia fatal, convicção esta que iria constituir um novo ponto de partida para seu delírio.

Não nos é assim tão fácil dizer o que pretendia o autor com esse sonho e porque ligou o desenvolvimento do delírio justamente a um sonho. É verdade que investigadores diligentes reuniram muitos exemplos de como distúrbios mentais estão ligados a sonhos e de como surgem de sonhos. Relata-se também que na vida de alguns homens famosos, os sonhos deram origem a impulsos para atos e decisões importantes. No entanto, essas analogias não nos ajudam a muito em nossa compreensão; portanto, vamo-nos cingir ao caso imaginário do arqueólogo Norbert Hanold. Mas por que aspectos começaremos a examinar esse sonho, de modo a encaixá-lo no contexto global, para que não permaneça como um ornato desnecessário da história?

Nesse ponto posso imaginar a réplica de um leitor: 'Esse sonho pode ser explicado com muita facilidade. Trata-se de um simples sonho de ansiedade provocado pelos ruídos da cidade, os quais o arqueólogo, cuja mente estava voltada para a jovem pompeana, interpretou erroneamente como a destruição de Pompéia'. Devido ao pouco valor que geralmente se concede ao papel dos sonhos, costuma-se limitar o que se pede da explicação dos mesmos a que um estímulo externo coincida mais ou menos com parte do conteúdo do sonho. Esse estímulo externo para sonhar seria o ruído que acordou o arqueólogo; e com isso terminaria nosso interesse pelo sonho. Mas se ao menos tivéssemos alguma base para supor que naquela manhã o ruído da cidade era mais intenso que o normal! Se ao menos, por exemplo, o autor não tivesse deixado de nos dizer que, contrariando seus hábitos, Hanold dormira com as janelas abertas! Que pena que ele tenha omitido isso! E se ao menos ainda os sonhos de ansiedade fossem assim tão simples! Mas não é nada disso, e nosso interesse por esse sonho não poderá esgotar-se assim tão facilmente.

Para a construção de um sonho não é essencial um vínculo com um estímulo sensorial externo. Aquele que dorme pode ignorar um estímulo desse gênero a partir do mundo externo, pode ser despertado pelo mesmo sem construir um sonho, ou, como aconteceu aqui, pode incorporá-lo a seu sonho, se isto lhe convier por alguma razão. Além disso, existem inúmeros sonhos cujo conteúdo de forma alguma pode ser explicado como sendo determinado por um estímulo externo sobre os sentidos do indivíduo que dorme. Portanto, procuremos outro caminho.

Talvez os efeitos posteriores do sonho sobre a vida de vigília de Hanold possam fornecer-nos um ponto de partida. Até então, ele tivera a fantasia de que Gradiva fora uma pompeana. Essa hipótese então se transforma para ele numa certeza, a que logo se soma uma outra: ela fora soterrada com o resto da população no ano de 79 D.C. Um sentimento de melancolia acompanhou essa extensão da estrutura delirante, como um eco da ansiedade do sonho. Não nos parece muito compreensível essa nova dor em relação a Gradiva; afinal ela devia estar morta há muitos séculos, mesmo se houvesse escapado da destruição de 79 D.C. Mas parece que nada nos adiantará continuar argumentando com Norbert Hanold ou com o próprio autor, pois esse caminho não levará a nenhum esclarecimento. Contudo, vale a pena ressaltar que o incremento adquirido pelo declínio a partir desse sonho era acompanhado por um sentimento muito doloroso.

Com exceção disso, entretanto, continuamos tão embaraçados quanto antes. Esse sonho não se explica por si só, e precisamos recorrer à nossa *Interpretação de Sonhos* e aplicar ao presente exemplo algumas das regras que ali são encontradas para a solução dos sonhos.

Uma dessas regras diz que um sonho invariavelmente se relaciona com os eventos do dia anterior. Nosso autor parece querer mostrar que seguiu essa regra, pois imediatamente liga o sonho às 'pesquisas pedestres' de Hanold. Ora, essas pesquisas não significavam senão a procura de Gradiva, cujo andar característico ele tentava reconhecer. Assim o sonho deveria conter um início do paradeiro de Gradiva. E realmente contém, pois mostra-a em Pompéia, o que para nós não constitui novidade.

Outra regra diz que, se uma crença na realidade das imagens oníricas persistir por um espaço de tempo invulgarmente prolongado, de modo que o indivíduo não consiga desligar-se do sonho, esse fenômeno não deve ser considerado como um erro de julgamento provocado pela vividez das imagens oníricas, mas um ato psíquico independente: uma garantia, em relação ao conteúdo do sonho, de que algo nele é realmente tal como foi sonhado; e pode-se confiar nessa garantia. Se observarmos essas duas regras, concluiremos que o sonho fornece alguma informação sobre o paradeiro de Gradiva e que essa informação se ajusta à realidade das coisas. Já conhecemos o sonho de Hanold: será que, aplicando-lhe essas regras, extrairemos dele algum sentido plausível?

Por estranho que pareça, sim. O que acontece é que esse sentido está de tal forma disfarçado que não o reconhecemos de imediato. O sonho informou a Hanold que a jovem que ele

procurava morava numa cidade em que ele também vivia. Ora, essa informação sobre Zoe Bertgang era verdadeira, só que no sonho essa cidade era Pompéia e não uma cidade universitária alemã, e o tempo não era o presente, mas o ano de 79 D.C. Trata-se de uma distorção por deslocamento: em vez de Gradiva no presente, tem-se o sonhador transportado para o passado. Entretanto, mesmo assim, um fato novo e essencial é transmitido: *ele está no mesmo local e na mesma época que a jovem que ele procura*. Mas então para que esse deslocamento e esse disfarce que forçosamente iludiriam a nós e ao sonhador quanto ao verdadeiro sentido e conteúdo do sonho? Bem, já temos à nossa disposição meios para fornecer uma resposta satisfatória a essa pergunta.

Vamos relembrar tudo que aqui foi dito sobre a origem e a natureza das fantasias precursoras dos delírios (ver a partir de [1]). Elas são substitutos e derivados de lembranças reprimidas que não conseguem atingir a consciência de forma inalterada devido a uma resistência, mas que podem alcançar a possibilidade de se tornarem conscientes levando em consideração, por meio de mudanças e distorções, a censura da resistência. Uma vez realizada essa conciliação, as lembranças reprimidas transformam-se em fantasias que com facilidade poderão ser compreendidas erroneamente pela personalidade consciente - isto é, compreendidas de modo a se adaptarem à corrente psíquica dominante. Agora suponhamos que as imagens oníricas sejam o que poderia ser descrito como criações dos delírios fisiológicos [isto é, não-patológicos] das pessoas - produtos de uma conciliação na luta entre o reprimido e o dominante que provavelmente existe em todo ser humano, inclusive naqueles que no estado de vigília possuem perfeita saúde mental. Compreenderemos então a necessidade de encarar as imagens oníricas como algo distorcido, por trás do qual se pode procurar mais alguma coisa, *não* distorcida, mas de alguma forma censurável, tal como as lembranças reprimidas de Hanold escondidas por suas fantasias. Podemos dar expressão ao contraste acima verificado, distinguindo o *conteúdo manifesto do sonho*, isto é, o que o sonhador lembra quando acorda, dos *pensamentos oníricos latentes*, isto é, aquilo que constituía a base do sonho antes da distorção imposta pela censura. Assim, interpretar um sonho consiste em traduzir o conteúdo manifesto do sonho nos pensamentos oníricos latentes, desfazendo a distorção que a censura da resistência impôs aos pensamentos oníricos. Se aplicarmos essas noções ao sonho que estamos examinando, descobriremos que os pensamentos oníricos latentes só podem ter sido os que se seguem: 'a jovem de andar gracioso que procuras, na realidade mora aqui nesta mesma cidade em que vives.' Mas com essa forma o pensamento não conseguiu tornar-se consciente, sendo obstruído pelo fato de que uma fantasia afirmara, como resultado de uma conciliação anterior, que Gradiva era pompeana; portanto, para expressar o fato real de que ela vivia no mesmo lugar e na mesma época que ele, só houve um caminho, o da seguinte distorção: 'vives em Pompéia na época de Gradiva.' Esta foi a idéia transmitida pelo conteúdo manifesto do sonho, que a mostrou como uma realidade vivida no momento.

Só raramente um sonho representa ou, como poderíamos dizer, 'encena' um único pensamento; geralmente trata-se de um conjunto, de uma trama de pensamentos. Do sonho de

Hanold podemos extrair com facilidade um outro componente de seu conteúdo, livrando-o facilmente de sua distorção, de modo a expor a idéia latente que ele representa. A essa parte do sonho também se aplica a garantia de realidade com a qual o sonho terminou. Neste houve a transformação de Gradiva numa estátua de mármore, o que não é senão uma representação engenhosa e poética do evento real. Na verdade, Hanold havia transferido seu interesse da jovem viva para a escultura, transformando a amada num relevo de mármore. Os pensamentos oníricos latentes, forçados a permanecer inconscientes, tentam realizar a transformação inversa da escultura na jovem viva; o que queriam dizer a ele era mais ou menos o seguinte: 'afinal só estás interessado na estátua de Gradiva porque ela te recorda Zoe, que vive aqui e agora.' Mas se essa descoberta pudesse ter-se tornado consciente, isso teria significado o fim do delírio.

Acaso seremos obrigados a substituir de forma análoga cada fragmento do conteúdo manifesto do sonho por pensamentos inconscientes? Se quiséssemos ser rigorosos, sim; se estivéssemos interpretando um sonho que tivesse sido realmente sonhado não poderíamos furtar-nos a esse dever. Mas em tal caso, aquele que sonhou teria de nos fornecer explicações muito mais amplas. É claro que tal requisito não pode ser satisfeito no caso da criação do autor; entretanto, não devemos esquecer que o conteúdo central do sonho ainda não foi submetido ao processo de interpretação ou tradução.

Evidentemente o sonho de Hanold foi um sonho de ansiedade. De conteúdo apavorante, provocou ansiedade naquele que sonhava e deixou atrás de si sentimentos dolorosos. Esse fato em muito dificulta nossa tentativa de explicação, e somos mais uma vez obrigados a recorrer à teoria da interpretação dos sonhos. Esta nos acautela contra o erro de atribuir a ansiedade que pode ser sentida em sonhos ao conteúdo desses sonhos, e de tratar esse conteúdo como se fosse o de uma idéia que ocorre no estado de vigília. Alerta-nos também sobre a freqüência com que temos sonhos apavorantes sem sentir o mais leve traço de ansiedade. A situação real é bem diversa e nada evidente, mas pode ser comprovada de forma irrefutável. A ansiedade nos sonhos de ansiedade, como toda ansiedade neurótica em geral, corresponde a um afeto sexual, a um sentimento libidinal, e surge da libido pelo processo de repressão. Portanto, ao interpretarmos um sonho devemos substituir a ansiedade por excitação sexual. Nem sempre, mas com freqüência, a ansiedade que assim se origina exerce uma influência seletiva sobre o conteúdo do sonho, nele introduzindo elementos ideativos que, de um ponto de vista consciente e errôneo, parecem adequados para o afeto de ansiedade. Como já disse, isso nem sempre acontece, existindo muitos sonhos de ansiedade nos quais o conteúdo nada tem de apavorante e nos quais é impossível encontrar uma explicação, em termos conscientes, para a ansiedade que é sentida.

Sei que essa explicação da ansiedade em sonhos parece muito estranha e de difícil aceitação, mas aqui só posso aconselhar o leitor a dar-lhe crédito. Contudo, seria realmente extraordinário se o sonho de Norbert Hanold se encaixasse nessa concepção da ansiedade e pudesse ser assim explicado. Partindo dessa hipótese, diríamos que seus desejos eróticos vieram

à tona durante a noite e fizeram um esforço intenso para tornar conscientes as lembranças da jovem por ele amada e para arrancá-lo do seu delírio; esses desejos, porém, foram novamente repudiados, transformando-se em ansiedade, a qual, por sua vez, introduziu no conteúdo do sonho as imagens aterradoras das lembranças dos tempos de estudante. Dessa forma o verdadeiro conteúdo inconsciente do sonho, seu apaixonado desejo pela Zoe que conhecera no passado, transformou-se no conteúdo manifesto da destruição de Pompéia e da perda de Gradiva.

Até aqui isso me parece plausível. Mas poder-se-ia com justiça ressaltar que, se o conteúdo não-distorcido do sonho é constituído de desejos eróticos, deveria ser possível identificar pelo menos algum resíduo desses desejos ocultos no sonho transformado. Bem, talvez isso seja possível, com a ajuda de um indício contido num trecho posterior da história. Ao encontrar-se pela primeira vez com Gradiva, Hanold recordou-se do sonho e pediu à jovem que se deitasse novamente na escadaria, como então a vira fazer (ver em [1]). A esse pedido, entretanto, a jovem ergueu-se indignada e deixou seu estranho companheiro, pois percebera o inconveniente desejo erótico por trás das palavras que ele pronunciara sob a influência do delírio. Julgo que devemos aceitar a interpretação de Gradiva; nem mesmo num sonho real poderíamos esperar encontrar uma expressão mais definida de um desejo erótico.

Aplicando ao primeiro sonho de Hanold algumas regras da interpretação de sonhos, conseguimos tornar inteligíveis seus elementos principais e inseri-lo no contexto da história. Poderemos então ter como certo que o autor observou essas regras ao criá-lo? E uma segunda pergunta também nos ocorre: por que o autor introduziu esse sonho para realizar o desenvolvimento posterior do delírio? Em minha opinião, o recurso é engenhoso e fiel à realidade. Já vimos (ver em [1]) que em doenças reais um delírio com muita freqüência surge em conexão com um sonho, e, após esses últimos esclarecimentos sobre a natureza dos sonhos, esse fato não deve constituir para nós um novo enigma. Os sonhos e os delírios surgem de uma mesma fonte - do que é reprimido. Poderíamos dizer que os sonhos são os delírios fisiológicos das pessoas normais. (ver em [2]) Antes de tornar-se suficientemente forte para irromper na vida de vigília como delírio, o que é reprimido pode ter alcançado um primeiro sucesso, sob as condições mais favoráveis do sono, na forma de sonho de efeitos duradouros. Durante o sono, juntamente com uma diminuição geral da atividade mental, dá-se um relaxamento da força da resistência que as forças psíquicas dominantes opõem ao que é reprimido. É esse relaxamento que possibilita a formação dos sonhos, e é por isso que estes constituem o melhor caminho para o conhecimento da parte inconsciente da mente - só que, via de regra, ao se restabelecerem das catexias psíquicas da vida de vigília, os sonhos se desvanecem e o inconsciente é obrigado a evacuar mais uma vez o terreno que conquistara.

Em trecho posterior da história encontramos um novo sonho que talvez mais do que o anterior nos desafie a tentar traduzi-lo e inseri-lo na cadeia de eventos na mente do herói. Mas

pouco nos adiantaria abandonar o relato do autor e lançarmo-nos imediatamente ao segundo sonho, pois quem deseja analisar os sonhos de outra pessoa não pode deixar de dar a máxima atenção a todas as experiências, tanto externas como internas, daquele que sonha. Portanto, certamente será melhor seguir o fio da história, intercalando nossos comentários à medida que avançarmos.

A construção do novo delírio acerca da morte de Gradiva durante a destruição de Pompéia no ano de 79 não foi o único resultado do primeiro sonho, já por nós analisado. Logo após o mesmo, Hanold resolveu viajar para a Itália, viagem esta que terminou por levá-lo a Pompéia. Mas, antes dessa decisão, sucedeu-lhe outro fato. Ao se debruçar na janela julgou ver um vulto com um porte e um andar semelhantes aos de sua Gradiva. Apesar de incompletamente vestido, correu em seu encalço, mas perdeu-a de vista, sendo obrigado a voltar para casa devido aos gracejos dos transeuntes. De volta a seu quarto, o canto de um canário numa gaiola na janela da casa fronteira despertou-lhe a sensação de que também ele era um prisioneiro desejoso de liberdade, e imediatamente decidiu empreender uma viagem de primavera à Itália, plano que logo colocou em execução.

O autor focalizou com bastante clareza essa viagem de Hanold, permitindo que seu personagem tivesse uma compreensão interna (*insight*) parcial de seus próprios processos internos. Naturalmente Hanold descobriu um pretexto científico para a viagem, mas isso não durou por muito tempo. Na verdade, tinha ciência de que ‘o impulso para empreender aquela viagem tivera origem num sentimento que ele não podia nomear’. Um estranho desassossego tornou-o insatisfeito com tudo que o cercava, impelindo-o de Roma para Nápoles e dali para Pompéia, mas nem mesmo nessa última cidade encontrou tranquilidade. Irritava-se ante a insensatez dos casais em lua-de-mel, e se enfureceu com a impertinência das moscas que povoavam os hotéis de Pompéia. Por fim não conseguiu esconder de si mesmo ‘que sua insatisfação não podia ser motivada apenas pelas circunstâncias externas, devendo também ter origem em seu íntimo.’ Sentiu-se superexcitado, ‘descontente pela falta de alguma coisa que não sabia o que era. Esse mau humor acompanhava-o por toda a parte.’ Nesse estado de espírito sua fúria voltou-se até mesmo contra a ciência de que era servo fiel. Quando ao calor do sol do meio-dia vagueava sem rumo por Pompéia, ‘não somente esquecera-se de toda a sua ciência, como também não sentia o menor desejo de voltar a se ocupar dela. Ela lhe parecia algo muito distante, uma tia velha enfadonha, encarquilhada, ressequida, a criatura mais maçante e indesejável do mundo.’ (55.)

Enquanto se encontrava nesse estado de espírito desagradável e confuso, deparou com a solução de um dos problemas referentes à sua viagem - no momento em que viu Gradiva andando por uma rua de Pompéia. ‘Tomou consciência, pela primeira vez, de que, embora ignorando o motivo interno que o impelira, se viera à Itália dirigindo-se a Pompéia sem se deter em Roma ou em Nápoles, fora para procurar as pegadas de Gradiva - e “pegadas” no sentido literal, pois com aquele andar peculiar ela deveria ter deixado impressões inconfundíveis nas cinzas.’ (58 (ver em [1]).)

Se o autor deu-se ao trabalho de escrever a viagem com tantas minúcias, deve valer a pena examinar a relação da mesma com o delírio de Hanold e sua posição na cadeia dos eventos. O arqueólogo empreendeu a viagem por motivos que a princípio desconhecia, mas que veio a admitir mais tarde; motivos esses que o próprio autor qualifica de 'inconscientes'. Isso é verossímil. Não é preciso que uma pessoa sofra de um delírio para se comportar de forma análoga. Ao contrário, uma pessoa, mesmo saudável, pode com frequência enganar-se quanto aos motivos de um ato, tomando consciência dos mesmos só depois do evento; para tanto só é necessário que um conflito entre as diversas correntes de sentimentos crie as condições para tal confusão. Assim, desde o momento em que foi concebida, a viagem de Hanold estava a serviço do delírio, sendo seu propósito conduzir o arqueólogo a Pompéia, onde poderia continuar a procurar Gradiva. Recordemo-nos que, tanto antes como imediatamente após o sonho, sua mente se ocupava com essa procura, e que o sonho nada mais era do que uma resposta ao enigma do paradeiro de Gradiva, ainda que uma resposta sufocada pela sua consciência. Alguma força inibidora, por nós ainda desconhecida, impedia-o de tomar consciência de sua intenção delirante, de modo que para justificar conscientemente sua viagem só lhe restam débeis pretextos que necessitam ser renovados a cada etapa. O autor coloca-nos diante de novo enigma ao fazer com que o sonho, a descoberta da suposta Gradiva na rua e a viagem inspirada pelos gorjeios de um canário se sucedessem como uma série de eventos casuais, sem qualquer tipo de conexão interna um com o outro.

Algumas explicações que inferimos de frases posteriores de Zoe Bertgang nos elucidam esse trecho obscuro da história. Na verdade, foi o original de Gradiva, a própria Fräulein Zoe, que Hanold viu passar em frente de sua janela (89) e que ele quase alcançou. Se o tivesse feito, a informação transmitida pelo sonho - que na realidade ela vivia no mesmo local e na mesma época que ele - por um feliz acaso teria recebido uma irrefutável confirmação, a qual provocaria o fim de sua luta interna. Também o canário, que o motivou a empreender sua longa viagem, pertencia a Zoe, e sua gaiola na janela da jovem do outro lado da rua ficava bem em frente à casa de Hanold. (135 (ver em [1]).) Este, que segundo uma acusação da jovem possuía o dom da 'alucinação negativa', isto é, a arte de não ver e não reconhecer pessoas que estavam à sua frente, deve desde o início ter tido um conhecimento inconsciente daquilo que só mais tarde descobriríamos. Os indícios da proximidade de Zoe (seu aparecimento na rua e o canto do seu canário tão próximo à janela dele) intensificaram o efeito do sonho, e nessa situação, tão perigosa para a sua resistência aos sentimentos eróticos, Hanold decidiu fugir. Sua viagem era o resultado de novo fortalecimento dessa resistência, em seguida ao avanço obtido no sonho por seus desejos eróticos; era uma tentativa de fugir da presença física da jovem amada. Na prática significava uma vitória para a repressão, assim como sua atividade anterior, suas 'pesquisas pedestres' em mulheres e jovens, significara uma vitória do erotismo. Mas em todas essas oscilações verificadas no conflito, o caráter de conciliação dos resultados é preservado: a viagem para Pompéia, que deveria afastá-lo da Zoe viva, o conduziu ao menos para a sua substituta, Gradiva. A viagem,

empreendida num desafio aos pensamentos oníricos latentes, seguiu, entretanto, a rota para Pompéia indicada pelo conteúdo manifesto do sonho. Assim, verificamos que, a cada novo conflito entre o erotismo e a resistência, o delírio sempre triunfa.

Essa interpretação da viagem de Hanold como sendo uma fuga diante do seu desejo erótico despertado pela jovem amada, e que estava tão próxima dele, é a única que se ajustará à descrição do seu estado emocional durante a estada na Itália. O repúdio ao erotismo que o dominava expressava-se pelo horror que votava aos casais em lua-de-mel. Um curto sonho que tivera em seu *albergo* em Roma, ocasionado pela proximidade de um casal de alemães cujo colóquio noturno ouvia através das delgadas paredes de seu quarto, elucidou retrospectivamente as tendências eróticas do seu primeiro sonho. Nesse novo sonho, ele estava novamente em Pompéia durante a erupção do Vesúvio, o que estabelecia uma ligação deste sonho com o anterior, cujos efeitos prolongados fizeram-se sentir durante toda a viagem. Entretanto, dessa vez as pessoas ameaçadas não eram ele próprio e Gradiva, como na ocasião anterior, mas Apolo do Belvedere e Vênus Capitolina, certamente uma irônica exaltação do casal do quarto contíguo. Apolo ergueu Vênus nos braços e colocou-a sobre um objeto escuro, que parecia ser um coche ou uma carreta, pois 'estavam'. No mais a interpretação desse sonho não requer nenhuma habilidade especial. (31.)

Nosso autor, que, como descobrimos há muito, nunca introduz em sua história elementos ociosos ou inúteis, forneceu-nos outro indício da tendência assexual que dominou Hanold em sua viagem. Enquanto perambulava durante horas por Pompéia, 'estranhamente nem por um momento se recordou do sonho em que testemunhara o soterramento de Pompéia na erupção de 79 D.C.' (47.) Só quando encontrou Gradiva é que se lembrou do sonho e ao mesmo tempo tomou consciência do motivo delirante de sua enigmática viagem. Esse esquecimento do sonho, essa barreira de repressão entre o sonho e seu estado mental durante a viagem, só pode ser explicado pela suposição de que a viagem, não foi empreendida sob a inspiração direta do sonho, mas como uma revolta contra o mesmo, como uma manifestação de uma força mental que se recusava a conhecer qualquer parcela do significado secreto do sonho.

Entretanto, por outro lado, essa vitória sobre o erotismo não causou prazer a Hanold. O impulso mental suprimido conservava poder suficiente para vingar-se do impulso supressor através da inibição e do descontentamento. Os desejos do arqueólogo transformaram-se em desassossego e insatisfação, que retiravam de sua viagem todo sentido. Inibida a compreensão interna (*insight*) dos motivos da viagem empreendida sob o comando do delírio, seus interesses científicos, que deveriam ser estimulados pelo novo ambiente, também ficaram tolhidos. Após essa fuga do amor, o autor mostra-nos seu herói num estado de completa perturbação e confusão, numa crise semelhante ao ponto culminante de uma doença, quando nenhuma das duas forças conflitantes é suficientemente superior à outra para que essa vantagem possibilite o estabelecimento de um regime mental vigoroso. Nesse ponto, entretanto, o autor intervém em auxílio de seu personagem e traz Gradiva à cena, encarregando-a de curá-lo. Utilizando seu direito

de conduzir os destinos de suas criaturas para um desenlace feliz, embora as faça curvar-se às leis da necessidade, o autor desloca para Pompéia a mesma jovem que Hanold tentava evitar em sua fuga para aquele lugar. Assim corrige a insensatez a que o delírio induzira o jovem - a insensatez de trocar a cidade da jovem viva que ele amava pelo sepulcro de sua substituta imaginária.

Com o aparecimento de Zoe Bertgang como Gradiva, clímax de tensão na história, nosso interesse logo toma um curso diferente. Assistimos até aqui ao desenvolvimento de um delírio; agora, iremos testemunhar sua cura. Poderemos indagar se o autor expôs o desenrolar dessa cura de forma totalmente fantasiosa ou se acaso a construiu de acordo com as possibilidades presentes. As palavras que Zoe dirigiu à amiga recém-casada nos dão o inegável direito de atribuir-lhe uma intenção de realizar a cura. (124 (ver em [1]).) Mas como atingiu seus propósitos? Após sobrepujar a indagação provocada pelo pedido de Hanold para que se deitasse na escadaria como 'então' o fizera, ela retornou no dia seguinte, à mesma hora, decidida a arrancar de Hanold os segredos cuja ignorância por parte dela a havia impedido de compreender o comportamento dele no dia anterior. Assim veio a saber do sonho, da escultura de Gradiva e do andar que era uma peculiaridade de ambas. Ela aceitou o papel de um fantasma redivivo por uma fugaz hora, papel que, como ela percebera, o delírio de Hanold lhe atribuíra, mas, ao aceitar sua oferta das flores dedicadas aos mortos e ao lamentar que ele não tivesse escolhido rosas, insinuou delicadamente com palavras ambíguas a possibilidade de ele admitir uma nova situação. (90 (ver em [1]).)

Essa jovem de inteligência invulgar estava então decidida a converter seu amigo de infância em seu marido, após descobrir que a força motivadora do delírio deste era o amor que ele lhe devotava. Nosso interesse no comportamento da jovem, entretanto, cederá momentaneamente lugar à surpresa que o próprio delírio nos provoca. A última forma assumida por ele era que Gradiva, soterrada no ano 79 D.C., era capaz de agora, na qualidade de fantasma do meio-dia, falhar-lhe por uma hora, no fim da qual ela teria de sumir nas entranhas da terra ou voltar a seu túmulo. Essa teia mental, que não se desfaz nem pela constatação de que a aparição usava sapatos modernos e desconhecia as línguas clássicas, falando o alemão, idioma ainda inexistente na época da catástrofe de Pompéia, parece sem dúvida justificar a denominação de 'fantasia pompeana' dada pelo autor à sua obra e excluir qualquer possibilidade de julgá-la pelos critérios da realidade clínica.

Entretanto, a um exame mais apurado esse delírio de Hanold me parece perder a maior parte de sua improbabilidade; esta, aliás, repousa no fato de o autor ter baseado sua história na premissa de que Zoe era uma réplica da escultura. Devemos, porém, evitar deslocar a improbabilidade dessa premissa para a sua consequência: o fato de Hanold tomar a jovem pela própria Gradiva ressuscitada. Essa explicação delirante adquire maior valor pelo fato de que o autor não nos forneceu nenhuma explicação racional. Acrescentou, entretanto, circunstâncias atenuantes para tal extravagância do seu herói, na forma do sol ardente da *campagna* e na magia inebriante do vinho originário das encostas do Vesúvio. Contudo, o mais importante dos fatores

que podem explicar e justificar isso reside na facilidade com que nosso intelecto está pronto a aceitar algo absurdo, desde que este satisfaça impulsos emocionais poderosos. É um fato espantoso, e também geralmente ignorado, a presteza e a freqüência com que, em tais condições psicológicas, pessoas de viva inteligência reagem como débeis mentais. Todo indivíduo não muito preconceituoso pode, amiúde, observar o fato em si mesmo, especialmente se os processos mentais em questão estiverem ligados a motivos inconscientes ou reprimidos. A esse respeito, é com satisfação que transcrevo as palavras que me foram enviadas por um filósofo: 'Tenho anotado as circunstâncias em que eu próprio cometi erros ou atos irrefletidos para os quais mais tarde se descobrem motivos (os mais irracionais). É alarmante, porém característica, a quantidade de tolices que assim vêm à tona.' Devemos lembrar, também, que a crença nos espíritos e fantasmas, e no retorno dos mortos, que tanto apoio encontra nas religiões a que todos estivemos ligados pelo menos na infância, está longe de ter desaparecido entre a gente culta, e que muitas pessoas, sensatas em todos os outros aspectos, acham possível conciliar espiritualismo com razão. Mesmo o homem que se tornou cético e racional pode descobrir, envergonhado, que sob o impacto da perplexidade e de emoções fortes facilmente volta por momentos a acreditar em espíritos. Conheço um médico que perdera uma paciente portadora da doença de Graves, e que não conseguia afastar de sua mente uma leve suspeita de talvez haver contribuído para o funesto desenlace por causa de uma medicação imprudente. Certo dia, anos depois, uma jovem entrou em seu consultório e, apesar de resistir à idéia, meu colega não conseguiu impedir-se de a identificar com a morta. Não podia deixar de pensar o seguinte: 'Então afinal é verdade que os mortos podem retornar à vida.' No entanto, seu pavor converteu-se em vergonha quando a jovem se apresentou como a irmã da falecida paciente e revelou estar sofrendo da mesma enfermidade. Os portadores da doença de Graves, como já se observou com freqüência, terminam por apresentar uma grande semelhança fisionômica, intensificada no caso pelos traços de família. O médico a quem isso aconteceu era eu próprio. Portanto, tenho um motivo pessoal para não refutar a possibilidade clínica do delírio temporário de Norbert Hanold de que Grádiva retornara à vida. Enfim, é um fato familiar a todo psiquiatra a ocorrência, em casos graves de delírios crônicos (paranóia), de exemplos surpreendentes de absurdos solidamente construídos com grande engenho.

Após seu primeiro encontro com Grádiva, Norbert Hanold dirigiu-se aos dois hotéis em Pompéia e pediu vinho nas salas de refeições em que estavam reunidos para o almoço os demais visitantes da cidade. 'Naturalmente nem uma vez lhe ocorreu o tolo pensamento' de que assim agia para descobrir em qual desses hotéis Grádiva estava hospedada e fazia suas refeições; contudo, é difícil atribuir outro sentido a seu comportamento. No dia seguinte a seu segundo encontro com a jovem na Casa de Meleagro, passou por uma série de experiências estranhas e aparentemente sem qualquer ligação. Descobriu uma estreita fenda na parede do pórtico, no ponto em que Grádiva desaparecera; encontrou um excêntrico caçador de lagartos, que o interpelou como se o conhecesse; descobriu um terceiro hotel, num local afastado, o 'Albergo del Sole', cujo dono lhe impingiu um broche coberto de pátina verde que teria sido encontrado junto aos restos de

uma jovem pompeana. Por fim, em seu próprio hotel encontrou um jovem casal que tomou por irmãos e que despertou a sua empatia. Mais tarde todas essas impressões interligaram-se em um sonho 'singularmente absurdo':

'Sentada em algum lugar no sol, Gradiva confeccionava um laço de um longo talo de erva para capturar um lagarto, e disse: "Por favor, fique bem quieto. Nossa colega tem razão, esse método é realmente ótimo e ela já o utilizou com excelentes resultados."' (ver em [1])

Ainda adormecido, Norbert Hanold defendeu-se do sonho com o pensamento crítico de que o mesmo era totalmente insensato, e procurou de todas as formas libertar-se dele. Conseguiu isso com a ajuda de um pássaro invisível que, emitindo um pio sarcástico, aprisionou em seu bico o lagarto e o carregou consigo.

Vamos tentar interpretar esse sonho, isto é, substituí-lo pelos pensamentos latentes de cuja distorção deve ter-se originado? É tão sem sentido quanto pode ser um sonho, e é justamente nesse absurdo dos sonhos que se apóiam os que, recusando-se a aceitá-los como atos psíquicos válidos, afirmam ter os mesmos origem numa excitação fortuita dos elementos da mente.

Podemos aplicar a esse sonho uma técnica que constitui o procedimento regular para a interpretação dos sonhos. Consiste em não prestar atenção nas conexões aparentes do sonho manifesto, mas em concentrar atenção isoladamente em cada um dos elementos do seu conteúdo, buscando sua origem nas impressões, lembranças e associações livres do sonhador. Entretanto, como não podemos submeter Hanold a um interrogatório, teremos de nos contentar em consultar suas impressões, e timidamente substituir suas associações pelas nossas.

'Sentada em algum lugar no sol, Gradiva caçava lagartos e falava.' A que impressões da véspera alude essa parte do sonho? Sem dúvida ao encontro com o senhor idoso que caçava lagartos, transformado pelo sonho em Gradiva. Ele estava sentado numa 'encosta ensolarada' e dirigiu-se a Hanold. As palavras pronunciadas por Gradiva no sonho foram copiadas da fala desse homem: 'O método inventado pelo nosso colega Eimer é realmente muito bom. Já o utilizei várias vezes com excelentes resultados. Por favor, fique bem quieto'. (ver em [1]) No sonho, Gradiva proferiu quase as mesmas palavras. 'Nosso colega Eimer', entretanto, transformou-se numa anônima 'colega'; além disso, a expressão 'muitas vezes', na fala do zoólogo, foi omitida no sonho e a ordem das frases sofreu algumas alterações. A experiência da véspera, portanto, foi utilizada pelo sonho e submetida a mudanças e distorções. Mas por que justamente essa experiência? E qual o significado das alterações - a substituição do senhor idoso por Gradiva e a introdução de uma misteriosa 'colega'?

Uma das regras da interpretação de sonhos é a seguinte: 'Uma fala ouvida no sonho sempre deriva de outra que o próprio sonhador ouviu ou pronunciou na vida de vigília. No sonho em questão parece ter sido obedecida essa regra: a fala de Gradiva é uma simples modificação das palavras ditas pelo zoólogo a Hanold na véspera. Outra regra da interpretação de sonhos diz que a substituição de uma pessoa por outra, ou a combinação de duas pessoas (quando, por exemplo, uma ocupa uma posição característica da outra), significa uma equiparação dessas

pessoas, a existência de uma semelhança entre elas. Se aplicarmos também essa regra a nosso sonho, chegaremos à seguinte tradução: 'Gradiva caça lagartos exatamente como aquele velho; é tão perita nesse ofício quanto ele.' Isso ainda não está muito claro, e nos deixa ainda um outro enigma: a que impressão da véspera podemos relacionar a 'colega' que substitui o zoólogo Eimer no sonho? Felizmente não temos muitas opções. Essa 'colega' só pode significar outra jovem - isto é, a simpática jovem que Hanold julgara ser a irmã que viajava com o irmão. 'Ela usava no vestido uma rosa vermelha de Sorrento que despertou no arqueólogo, sentado a um canto do salão de jantar, uma recordação imprecisa.' (ver em [1]) Essa observação do autor dá-nos o direito de supor ser essa jovem 'a colega' do sonho. Sem dúvida aquilo de que Hanold não podia recordar-se eram as palavras que a suposta Gradiva lhe dirigira ao pedir-lhe as flores brancas dos mortos, pois as mais afortunadas recebiam rosas na primavera. (ver em [2]) Por trás dessas palavras, entretanto, havia um apelo amoroso, uma tentativa de sedução. Assim, que espécie de caça de lagartos teria a sua 'colega' mais afortunada levado a termo com tanto êxito?

No dia seguinte Hanold encontrou os supostos irmãos num terno abraço e pôde, assim, retificar seu engano. Na verdade o par estava em lua-de-mel, como descobrimos mais tarde, quando interromperam de forma tão inesperada o terceiro encontro de Hanold com Zoe. Se agora estivermos dispostos a admitir que Hanold, embora conscientemente os julgasse irmãos, reconheceu inconscientemente a verdadeira relação deles (revelada de forma inequívoca no dia seguinte), a fala de Gradiva no sonho irá adquirir um claro significado. A rosa vermelha tornara-se o símbolo de uma ligação amorosa. Hanold tinha ciência de que aqueles dois já eram um para o outro o que ele e Gradiva ainda tinham de se tornar. A caça de lagartos adquiriu o sentido de caça do homem, e é o seguinte o significado da fala de Gradiva: 'Deixa-me agir sozinha, que saberei conquistar um marido tão bem quanto qualquer outra moça.'

Mas por que foi necessário que essa percepção dos propósitos de Zoe aparecesse no sonho sob a forma da fala do velho zoólogo? Por que a perícia de Zoe na caça de marido foi representada pela perícia do velho senhor na caça de lagartos? Bem, essa pergunta não oferece nenhuma dificuldade. Há muito adivinhamos que o caçador de lagartos não é senão Bertgang, o professor de zoologia e pai de Zoe, que certamente também conhecia Hanold - o que explica o fato de o ter interpelado como a um conhecido. Vamos admitir também que, inconscientemente, Hanold houvesse reconhecido o catedrático. 'Teve a vaga impressão de que já vira rapidamente o caçador de lagartos, provavelmente num dos dois hotéis.' Está assim explicado o estranho disfarce sob o qual surgia a intenção atribuída a Zoe: ela era a filha do caçador de lagartos e dele herdara a perícia.

A substituição, no conteúdo do sonho, do caçador de lagarto por Gradiva é, portanto, uma representação da relação entre essas duas figuras, a qual Hanold conhecia em seu inconsciente. A substituição do 'nosso colega Eimer' por 'uma colega' permitiu ao sonho expressar a compreensão de Hanold quanto ao fato de que Gradiva empreendia uma conquista amorosa. Até aqui o sonho fundiu (condensou, diríamos) duas experiências da véspera em uma única situação, a fim de

expressar (de forma muito obscura, é verdade) duas descobertas que não tinham permissão de se tornarem conscientes. Mas podemos prosseguir, tornar o sonho menos estranho e demonstrar a influência das outras experiências da véspera sobre a forma assumida pelo sonho manifesto.

Não estamos satisfeitos com a explicação até agora obtida para a escolha da cena da caça ao lagarto como núcleo do sonho, e suspeitamos que outros elementos dos pensamentos oníricos pesaram na ênfase dada ao 'lagarto' no sonho manifesto. Isso é bem fácil de demonstrar. Deve ser lembrado (ver em [1] e [2]) que Hanold descobrira uma fenda na parede, no ponto onde Gradiva aparentemente desaparecera - fenda 'que era suficientemente larga para permitir que uma pessoa muito esbelta' passasse. Essa observação levou-o durante o dia a introduzir uma modificação em seu delírio: Gradiva não sumira nas entranhas da terra, mas esgueirara-se pela fenda para voltar ao seu túmulo. Em seus pensamentos inconscientes, ele deve ter dito a si mesmo que descobrira a explicação natural para o surpreendente desaparecimento da jovem. Mas esse desaparecimento pela penetração numa fenda estreita não deve ter lembrado o comportamento dos lagartos? Não estava assim a própria Gradiva agindo como um ágil lagarto? Ao nosso ver, portanto, a descoberta da fenda contribuiu para determinar a escolha do elemento 'lagarto' no conteúdo manifesto do sonho. A cena do lagarto no sonho representava tanto essa impressão da véspera quanto o encontro com o zoólogo, o pai de Zoe.

E que tal se agora tentássemos procurar no conteúdo do sonho a representação da única experiência da véspera que ainda não foi explorada, ou seja, a descoberta do terceiro hotel, o Alberg del Sole? O autor expôs esse episódio com tanta minúcia, relacionando-lhe tantos elementos, que nos surpreenderia constatar que o mesmo em nada tenha contribuído para a construção do sonho. Hanold entrou nesse hotel, que desconhecia devido a sua situação retirada e distante da estação, para comprar uma garrafa de água gasosa que aliviasse seu mal-estar. O proprietário aproveitou a oportunidade para exibir suas antiguidades, e mostrou-lhe um broche dizendo que o mesmo tinha pertencido à jovem pompeiana encontrada junto ao foro nos braços do seu amado. Hanold, que conhecia essa história, mas até então nunca lhe dera crédito, viu-se compelido por uma força desconhecida a acreditar na tocante lenda e na autenticidade do broche; adquiriu-o e deixou o hotel. Ao sair, viu num copo d'água, no peitoril de uma janela, um galho florido de asfódelo, e tomou essa descoberta como uma confirmação da autenticidade de sua aquisição. Sentiu uma firme convicção de que o broche pertencera a Gradiva, e que era ela a jovem morta nos braços do amado. Dominou o ciúme que se apossara dele decidindo-se a, no dia seguinte, mostrar o broche à própria Gradiva e averiguar a validade de suas suspeitas. Sem dúvida é muito curioso esse novo elemento do seu delírio, e seria de esperar que aparecessem traços do mesmo no sonho de Hanold daquela mesma noite.

Valerá a pena, certamente, elucidar a origem desse novo acréscimo do delírio, procurando a descoberta inconsciente que teria sido substituída por esse novo elemento do delírio. O delírio surgiu sob a influência do proprietário do 'Hotel do Sol', em relação a quem Hanold se comportava de forma tão crédula como se tivesse sido vítima de uma sugestão hipnótica. O hoteleiro

mostrou-lhe um broche que supostamente teria pertencido a uma jovem soterrada nos braços do amado; e Hanold, que possuía suficiente espírito crítico para questionar tanto a veracidade da história como a autenticidade do broche, deixou-se convencer com toda a facilidade e adquiriu a mais do que duvidosa antiguidade. O motivo que o levou a proceder assim é incompreensível, e nada nos induz a concluir que a solução esteja na personalidade do hoteleiro. Contudo, há ainda outro aspecto enigmático, e dois enigmas geralmente elucidam-se reciprocamente. Ao sair do *albergo*, ele viu um galho de asfódelo numa janela, e tomou-o como uma confirmação da autenticidade do broche. Por que motivo? Felizmente esse problema é de fácil solução. A flor branca era sem dúvida a mesma que ele dera a Gradiva ao meio-dia, e ao vê-la na janela do hotel alguma coisa foi confirmada. Não a autenticidade do broche, mas outro fato que já se tornara claro para ele ao encontrar aquele *albergo* cuja existência ignorara. Já na véspera, comportara-se como se estivesse procurando a suposta Gradiva nos outros dois hotéis de Pompéia. Ao deparar inesperadamente com um terceiro, no seu inconsciente ele deve ter exclamado: 'Então é *aqui* que ela se hospeda!' E na saída deve ter acrescentado: 'Sim, é aqui mesmo! Lá está o ramo de asfódelo que dei a ela! Aquela deve ser a janela do seu quarto!' Era essa, então, a nova descoberta que foi substituída pelo novo delírio, e que não podia tornar-se consciente, pois seu postulado subjacente de que Gradiva era uma pessoa viva que ele conhecera não podia tornar-se consciente.

Mas como se deu essa substituição da nova descoberta pelo delírio? Julgo que a convicção inerente à descoberta pôde subsistir, ao passo que a própria descoberta, inadmissível à consciência, foi substituída por outro conteúdo ideativo ligado a ela por associações de pensamento. Assim, aquela convicção ligou-se a um conteúdo que na realidade lhe era estranho, conteúdo este que, sob a forma de um delírio, logrou uma imerecida aceitação. Hanold transferiu sua convicção de que Gradiva era hóspede daquele hotel para outras impressões ali recebidas; isso conduziu à credulidade diante do hoteleiro, à aceitação da autenticidade do broche e da lenda dos dois amantes mortos abraçados - mas somente através da ligação entre o que ouviu no hotel e Gradiva. O ciúme nele latente alimentou-se desse material, resultando no delírio (o qual, entretanto, contradizia seu primeiro sonho) de que a jovem morta nos braços do amado era Gradiva e que o broche por ele adquirido pertencera a ela.

Deve-se observar que a conversa com Gradiva e a alusão desta (através da referência às flores) à intenção da conquista amorosa já haviam provocado importantes modificações em Hanold. Começaram a despertar nele traços de desejo masculino - componentes da libido -, ainda que ocultos sob pretextos conscientes. Contudo, o problema da 'natureza corpórea' de Gradiva, que o atormentava o dia inteiro (ver em [1] e [2]), originou-se de uma curiosidade erótica de jovem a respeito do corpo da mulher, ainda que essa curiosidade estivesse envolvida em uma questão científica pela insistência consciente sobre a estranha oscilação de Gradiva entre a vida e a morte. O ciúme era mais um sinal do aspecto cada vez mais ativo do amor de Hanold; este expressou esse ciúme no início da conversa que tiveram no dia seguinte, e recorrendo a um novo pretexto

tocou no corpo da jovem - batendo, como era seu hábito no passado.

Chegou, porém, a hora de indagarmos se o método de construir um delírio, extraído por nós da narrativa, encontra comprovação em outras fontes, ou se de alguma forma ele é possível. Nosso conhecimento médico leva-nos a afirmar que esse método é certamente o método correto, e talvez o único pelo qual o delírio adquire a convicção inabalável que é uma de suas características clínicas. Essa crença profunda que o paciente tem em seu delírio não provém de seus elementos falsos, nem é motivada por uma incapacidade da faculdade de julgamento. Acontece que existe uma parcela de verdade oculta em todo delírio, um elemento digno de fé, que é a origem da convicção do paciente, a qual, portanto, até certo ponto é justificada. Esse elemento verdadeiro, porém, há muito foi reprimido. Se, de forma distorcida consegue chegar à consciência, dá-se uma intensificação da convicção que lhe está ligada, como uma espécie de compensação, e que se liga ao substituto distorcido da verdade reprimida, protegendo-o de quaisquer ataques críticos. É como se a convicção se deslocasse da verdade consciente para o erro consciente que está ligado a ela, ali fixando-se justamente em consequência desse deslocamento. No delírio que se forma a partir do primeiro sonho de Hanold encontramos um exemplo de deslocamento semelhante, embora não idêntico, ao que descrevemos. Na verdade, esse método através do qual a convicção surge no caso de um delírio basicamente em nada difere do método através do qual a convicção se forma em casos normais, onde a repressão não faz parte do quadro. Todos nós emprestamos nossa convicção a conteúdos de pensamento em que se combinam a verdade e o erro, deixando-a estender-se da primeira ao último. É como se a convicção se propagasse da verdade ao erro a ela ligado, protegendo-o das merecidas críticas, embora não tão vigorosamente como no caso de um delírio. Assim, também na psicologia normal, ser bem relacionado - 'ter influência', por assim dizer - pode substituir um valor real.

Voltarei agora ao sonho para examinar um interessante pormenor que estabelece uma conexão entre duas causas que o provocaram. Gradiva salientara uma espécie de contraste entre os botões brancos de asfódelo e as rosas vermelhas. O reencontro do ramo de asfódelo na janela do Alberg del Sole constituiu para Hanold um importante indício que corroborava sua descoberta inconsciente, que encontrou expressão no novo delírio. A isso acrescentou-se o fato de que a rosa vermelha presa ao vestido da simpática recém-casada auxiliou Hanold a ver inconscientemente a natureza da relação que a unia a seu companheiro, tornando possível o aparecimento da jovem no sonho como a 'colega'.

Mas certamente irão indagar onde, no conteúdo manifesto do sonho, encontramos algo que indique e substitua a descoberta para a qual, como vimos, o novo delírio de Hanold era um substituto - a descoberta de que Gradiva e seu pai estavam hospedados naquele hotel menos conhecido de Pompéia, o Alberg del Sole? Está tudo no sonho, e não muito distorcido; hesito, entretanto, em apontá-lo por saber que mesmo os leitores que até aqui me seguiram com paciência irão rebelar-se vigorosamente contra minhas tentativas de interpretação. A descoberta de Hanold é anunciada completamente no sonho, mas sob um disfarce tão engenhoso que

forçosamente passa despercebida. Encontra-se oculta sob um jogo de palavras, uma ambigüidade. 'Sentada em algum lugar no sol, Gradiva...' Acertadamente relacionamos essas palavras ao local onde Hanold encontrou o zoólogo, o pai da jovem. Mas esse 'no sol' não poderia significar 'no Sol', isto é, que Gradiva estava no Albergo del Sole, o Hotel do Sol? Esse 'em algum lugar', que não descreve a situação do encontro com o pai dela, não teria esse caráter tão falsamente vago justamente por esconder uma indicação precisa do paradeiro de Gradiva? Minha longa experiência na interpretação de sonhos reais me garante ser este o sentido dessa ambigüidade. Contudo, eu não teria ousado apresentar a meus leitores essa interpretação, se o autor não viesse aqui em meu auxílio. Ele coloca na boca da jovem o mesmo jogo de palavras quando, no dia seguinte, ela viu o broche: 'Acaso o encontraste no sol? pois o sol faz coisas semelhantes.' (ver em [1]) Ao perceber que o rapaz não entendera o significado de suas palavras, ela explicou que se referia ao Hotel do Sol, que chamavam de 'Sole', e onde já vira a suposta antiguidade.

Vamos agora tentar substituir o 'singularmente insensato' sonho de Hanold pelos pensamentos inconscientes que estão por trás do mesmo e que são tão diversos dele. Talvez esses pensamentos possam ser expressos da seguinte forma: 'Ela está hospedada no "Sol" com o pai. Por que ela se diverte comigo dessa maneira? Estará apenas brincando, ou será que me ama e me quer como esposo?' Certamente ainda durante o sono veio uma resposta que punha de lado essa última possibilidade como 'completa insensatez,' juízo que na aparência se estendia a todo o sonho manifesto.

Alguns leitores mais críticos irão, muito justamente, conjecturar sobre a origem da interpolação (até aqui não justificada) da referência a estar sendo ridicularizado por Gradiva. A resposta a essa pergunta é dada em *A Interpretação de Sonhos*, que explica que, se nos pensamentos oníricos há zombaria, menosprezo ou escárnio, isso é expresso pela forma insensata do sonho manifesto, pelo absurdo do sonho. Esse absurdo não significa uma paralisação da atividade psíquica, constituindo apenas um método de representação utilizado pela elaboração onírica. Como vem acontecendo nos pontos particularmente difíceis, também aqui o autor acorre em nosso auxílio. Esse sonho sem sentido teve um curto epílogo, no qual surgiu um pássaro que, emitindo um pio sarcástico, se apoderou do lagarto. Hanold, porém, já ouvira um som semelhante, logo após o desaparecimento de Gradiva (ver em [1]). Na verdade esse som sarcástico era o riso de Zoe ao se ver livre do seu lúgubre papel de fantasma. Portanto, Gradiva realmente rira dele. Contudo, a imagem onírica do pássaro arrebatando em seu bico o lagarto era provavelmente uma recordação de um sonho anterior, no qual Apolo do Belvedere afastava-se carregando a Vênus Capitolina (ver em [1]).

Talvez para alguns leitores a tradução da cena da caça ao lagarto como um convite amoroso não seja de todo convincente. Um novo argumento favorável à sua validade pode ser fornecido pela consideração do diálogo com a amiga recém-casada, no qual Zoe confirmou as suspeitas de Hanold - ao mencionar sua anterior convicção de poder 'desencavar' algo de

interessante em Pompéia. Ela como que invadia o campo da arqueologia, da mesma forma que, utilizando o símile da caça ao lagarto, ele invadia o campo da zoologia; assim, os dois como que se lançavam um para o outro, cada qual tentando assumir o caráter do outro.

Nesse ponto parece que terminamos a interpretação do segundo sonho. Fomos capazes de compreender tanto esse como o anterior apoiando-nos na pressuposição de que o sonhador sabe, em seus pensamentos inconscientes, de tudo aquilo que esqueceu em seus pensamentos conscientes, e de que nos primeiros avalia corretamente o que nos últimos transforma em delírio. No curso de nossa argumentação fomos, sem dúvida, obrigados a fazer afirmações que, por serem novas, devem ter parecido muito estranhas ao leitor; e talvez amiúde este tenha suspeitado que atribuímos ao autor intenções que eram só nossas. Estou ansioso por fazer o possível para afastar essa suspeita, revendo com prazer e maior minúcia um dos pontos mais delicados: o uso de palavras e frases ambíguas, tais como 'Sentada em algum lugar no sol, Gradiva...'

Quem quer que leia *Gradiva* certamente notará a frequência com que o autor coloca frases ambíguas na boca de seus dois personagens principais. Ao pronunciá-las Hanold não tinha consciência dessa ambigüidade, e somente a heroína lhes percebia o segundo sentido. Quando, por exemplo, ao ouvir as primeiras palavras da jovem, ele retrucou: 'Já sabia como soaria a tua voz' (ver em [1]), ignorando-lhe o sonho, Zoe perguntou como isso era possível, já que ele nunca a ouvira falar. Em sua segunda conversa, por um momento ela põe em dúvida o delírio dele, diante da afirmação de a ter reconhecido à primeira vista (ver em [2]). Zoe não pôde evitar de ver nessas palavras um reconhecimento da amizade infantil de ambos (dedução correta no que diz respeito ao inconsciente dele), ao passo que ele naturalmente não percebeu esse sentido da própria exclamação, julgando que a mesma se relacionava somente ao delírio que o dominava. Por outro lado, as palavras da jovem, cuja personalidade, numa total oposição ao delírio de Hanold, demonstrava uma extrema lucidez e clareza de espírito, assumem muitas vezes uma ambigüidade *intencional*. Um dos sentidos dessas palavras ajusta-se ao delírio de Hanold, dirigindo-se à sua compreensão consciente, mas o outro sentido ultrapassa o delírio e em geral fornece-nos sua tradução para a verdade inconsciente que ele representa. Essa capacidade de dar expressão ao delírio e à verdade numa mesma frase é um triunfo do engenho e do espírito.

A fala em que Zoe explica a situação à amiga e, ao mesmo tempo, livra-se da importuna (ver a partir de [1]), está cheia de ambigüidades desse tipo. Na realidade, trata-se de uma fala feita pelo autor e dirigida mais ao leitor do que à 'colega' recém-casada de Zoe. Nos diálogos de Zoe com Hanold a ambigüidade é atingida por Zoe através do mesmo simbolismo encontrado no primeiro sonho de Hanold - em que o soterramento equivale à repressão e a infância a Pompéia. Assim, em suas palavras a jovem, por um lado, mantém-se fiel ao papel que lhe foi dado pelo delírio de Hanold e, por outro lado, alude às circunstâncias reais a fim de despertar no inconsciente de Hanold a compreensão das mesmas.

'Há muito que me acostumei a estar morta.' (90 (ver em [1]).) 'Essas flores do esquecimento são mais apropriadas para mim.' [Ibid.] Nessas frases há um leve prenúncio das

censuras a que mais tarde a jovem deu vazão na reprimenda em que o comparou a um arqueoptérix. (ver a partir de [2]) ‘Tu te referes ao fato de que alguém tenha de morrer para chegar a estar vivo; mas sem dúvida isso tem de ser assim mesmo para os arqueólogos.’ (ver em [3]) Essas últimas palavras pronunciadas por ela, após o desvanecimento do delírio, são uma chave para suas falas ambíguas. Mas foi ao perguntar: ‘Não te recordas que já compartilhamos uma vez de uma refeição semelhante há dois mil anos atrás?’ (118 (ver em [4]).) que ela utilizou o simbolismo com maior felicidade. Aqui são evidentes a substituição da infância pelo passado histórico e o esforço para despertar as lembranças daquela.

Mas qual é a origem dessa singular preferência em *Grádiva* por falas ambíguas? Parece-nos não ser uma casualidade, mas uma consequência necessária das premissas da história. Trata-se da contraparte da dupla determinação dos sintomas, já que as falas em si constituem sintomas e, como eles, surgem de conciliações entre o consciente e o inconsciente. Simplesmente acontece que essa dupla origem é mais evidente em falas do que em atos. E quando acontece de, devido à natureza maleável do material verbal, essa dupla intenção que está por trás da fala poder ser expressa com êxito pelas mesmas palavras, temos o que denominamos de ‘ambigüidade.’

No decorrer do tratamento psicoterapêutico de um delírio ou de uma perturbação análoga, o paciente com freqüência produz ambigüidades desse tipo, como novos sintomas passageiros, e às vezes o próprio médico pode servir-se delas. Pode também dessa forma, através do sentido pretendido para o consciente do paciente, despertar o conhecimento do sentido que se aplica ao inconsciente. Sei por experiência própria que o papel desempenhado pela ambigüidade pode provocar violenta objeção entre os que desconhecem o assunto, sendo capaz também de provocar sérios mal-entendidos. Mas mesmo assim o autor agiu certamente ao reservar em sua criação um lugar para esse aspecto característico do que ocorre na formação de sonhos e delírios.

A emergência de Zoe enquanto médica, como já assinalei, despertou em nós um novo interesse. Ansiamos por saber se uma cura semelhante à por ela realizada em Hanold é possível ou mesmo plausível, e se o autor expôs as condições do desaparecimento do delírio tão corretamente como mostrou as de sua gênese.

Nesse ponto certamente surgirá uma opinião que irá negar qualquer interesse geral ao caso apresentado pelo autor, assim como contestar a existência de qualquer problema que necessite de solução. Hanold, dirão, não teve outra alternativa senão a de abandonar seu delírio quando a suposta ‘Grádiva’, que constituía objeto do mesmo, mostrou-lhe a incorreção de todas as hipóteses, fornecendo-lhe a explicação natural dos enigmas - por exemplo, o fato de ela saber o nome dele. Esse deveria ser o término lógico da questão, mas como a jovem revelara a ele seu amor, o autor, sem dúvida para agradar às suas leitoras, arranjou os fatos para que sua história,

sob outros aspectos bastante interessante, tivesse o usual final feliz do casamento. Argumentarão também que seria mais lógico e igualmente possível se o jovem cientista, ao reconhecer os seus enganos, se despedisse da dama com corteses agradecimentos e justificasse sua recusa do amor dela pelo fato de que, enquanto era capaz de se interessar vivamente por antigas esculturas femininas de mármore e bronze ou pelas mulheres que lhe haviam servido de modelo, nenhuma serventia possuíam para ele suas contemporâneas de carne e osso. Em resumo, o autor, de forma totalmente arbitrária, acrescentou uma história de amor à sua fantasia arqueológica.

Ao rejeitarmos como inaceitáveis essas concepções, observaremos em primeiro lugar que os primórdios da transformação de Hanold não foram caracterizados apenas pelo abandono do delírio. Simultaneamente, ou mesmo antes do desaparecimento do delírio, ressurgiu no herói uma inconfundível ânsia de amar, que o levou, como seria de esperar, a cortejar a jovem que o libertara de seu delírio. Já ressaltamos os pretextos e os disfarces sob os quais sua curiosidade sobre a 'natureza corpórea' dela, seu ciúme e seu brutal instinto masculino de domínio foram expressos em seu delírio, depois que seu desejo erótico reprimido deu origem ao primeiro sonho. Como nova confirmação disso podemos lembrar que, na noite depois do seu segundo encontro com Gradiva, ele sentiu pela primeira vez simpatia por uma mulher viva, embora, como concessão ao seu antigo horror pelos casais em lua-de-mel, não a reconhecesse como sendo recém-casada. Na manhã seguinte, entretanto, ao surpreender casualmente a atitude amorosa entre a jovem e seu suposto irmão, retirou-se reverentemente, como se houvesse interrompido algum ato sagrado (ver em [1]). Esquecera o quando menosprezara todos aqueles 'Edwins e Angelinas' e recuperara o respeito pelo lado erótico da vida.

O autor estabelece assim uma íntima ligação entre o desvanecimento do delírio e o ressurgimento da ânsia de amar, preparando o caminho para o inevitável desenlace amoroso. Ele conhece a natureza básica do delírio melhor do que seus críticos: sabe que o delírio resultou da combinação de um componente do desejo amoroso com a resistência a esse desejo, e deixa que a jovem encarregada da cura se aperceba do elemento que lhe é agradável. Foi somente esse conhecimento que fez com que ela se decidisse a dedicar-se ao tratamento; foi somente a certeza de ser amada pelo jovem que a induziu a confessar-lhe seu amor. O tratamento consistiu em dar-lhe acesso, pelo exterior, às lembranças reprimidas que ele não conseguia atingir no seu interior; contudo, o tratamento frustrar-se-ia se durante o mesmo a terapeuta não houvesse levado em conta os sentimentos dele, e se sua tradução final do delírio não houvesse sido a seguinte: 'Olha, tudo isso significa apenas que tu me amas.'

O processo que o autor faz Zoe adotar na cura do delírio do seu companheiro de infância mostra, mais do que uma grande semelhança, uma total conformidade em sua essência com o método terapêutico que o Dr. Josef Breuer e eu introduzimos na medicina em 1895, e a cujo aperfeiçoamento desde então me tenho dedicado. Esse método de tratamento, a que inicialmente Breuer chamou de 'catártico', mas que prefiro denominar de 'psicanalítico', consiste, aplicado a pacientes que sofrem de perturbações semelhantes ao delírio de Hanold, em lhes fazer chegar à

consciência, até certo ponto forçadamente, o inconsciente cuja repressão provocou a enfermidade - exatamente como Gradiva fez com as lembranças reprimidas da amizade de infância que a unira a Hanold. É verdade que para ela essa tarefa era mais fácil do que para um médico: por muitas razões a sua posição podia ser considerada ideal para isso. O médico, que não tem conhecimento anterior do paciente e que não possui lembrança consciente do que atua inconscientemente nesse paciente, precisa utilizar uma técnica complexa para compensar essa desvantagem. Deve aprender a deduzir com segurança, das comunicações e associações conscientes do paciente, o que neste está reprimido, e a descobrir o inconsciente dele através de suas palavras e seus atos conscientes. Ele então obtém algo semelhante ao que Norbert Hanold percebeu no fim da história, quando traduziu o nome 'Gradiva' a partir de 'Bertgang'. (ver em [1]) Ao serem identificadas as suas origens, a perturbação desaparece; da mesma forma, a análise produz simultaneamente a cura.

Mas a semelhança entre o processo empregado por Gradiva e o método analítico de psicoterapia não se limita a esses dois aspectos - tornar consciente o que foi reprimido e fazer coincidir o esclarecimento e a cura. Estende-se também ao que consideramos o ponto fundamental de toda a modificação: o despertar dos sentimentos. Toda perturbação semelhante ao delírio de Hanold, o que em termos científicos chamamos habitualmente de 'psiconeurose', tem como pré-condição a repressão de uma parcela da vida instintual ou, já podemos afirmar, do instinto sexual. A cada tentativa de fazer chegar à consciência as causas reprimidas e inconscientes da doença, o componente instintual em questão é necessariamente despertado para uma nova luta com as forças repressoras, com as quais só entra em acordo no resultado final, geralmente acompanhado de violentas manifestações de reação. O processo de cura é realizado numa reincidência no amor, se no termo 'amor' combinamos todos os diversos componentes do instinto sexual; tal reincidência é indispensável, pois os sintomas que provocaram a procura de um tratamento nada mais são do que precipitados de conflitos anteriores relacionados com a repressão ou com o retorno do reprimido, e só podem ser eliminados por uma nova ascensão das mesmas paixões. Todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de libertar amor reprimido que na conciliação de um sintoma encontrara escoamento insuficiente. Na verdade, o ponto culminante da semelhança entre *Gradiva* está no fato de que também na psicoterapia analítica a paixão que ressurgir, seja ódio ou amor, invariavelmente escolhe como objeto a figura do médico.

É nesse ponto que começam as diferenças, as quais fazem do caso de Gradiva um caso ideal que não pode ser igualado pela técnica médica. Gradiva podia corresponder ao amor que passou do inconsciente à consciência, mas o médico não pode fazer isso. Gradiva fora objeto do antigo amor reprimido; sua figura constituía uma meta desejável para a corrente amorosa liberada. O médico era um estranho e deve esforçar-se para voltar a sê-lo depois da cura; geralmente fica embaraçado quanto a indicar aos pacientes curados como empregar na vida real a capacidade de amar que recuperaram. Para descrever os meios e os substitutos utilizados pelo médico para

aproximar-se com maior ou menor êxito do modelo de cura pelo amor que nos foi mostrado pelo autor, iríamos afastar-nos demasiado da tarefa que nos propusemos.

E passemos agora à pergunta final, da qual mais de uma vez fugimos. (ver em [1] e [2]) Nossas concepções sobre a repressão, a gênese de delírios e perturbações correlatas, a formação e solução de sonhos, o papel da vida erótica, o método através do qual tais perturbações são curadas está longe de ser endossado por todos os cientistas, e muito menos aceito pela maioria dos homens cultos. Se a compreensão interna (*insight*) que possibilitou ao autor a criação de sua 'fantasia' de tal modo que pudesse ser analisada por nós como se fosse um caso clínico verdadeiro foi da natureza de um conhecimento, gostaríamos de conhecer as fontes desse conhecimento. Um membro do nosso grupo - o mesmo que, como eu disse no início, estava interessado nos sonhos de *Gradiva* e em sua possível interpretação (ver em [1]) dirigiu-se ao autor para lhe perguntar se conhecia alguma coisa de tais teorias científicas. Como era de esperar, o autor respondeu negativamente, e de maneira um tanto brusca. A inspiração para a *Gradiva*, disse ele, fora sua própria imaginação, e ela lhe dera grande prazer. Aqueles que não gostassem da obra, acrescentou, deveriam deixá-la de lado. Na verdade, o autor nem de longe suspeitava o quanto havia agradado a seus leitores.

É bem possível que a desaprovação do autor não pare aí. Talvez ele também negue ter qualquer conhecimento das regras a que obedeceu, segundo nossa exposição, e repudie os propósitos que reconhecemos em sua obra. Se for este o caso, que não julgo improvável, só existem duas explicações possíveis. Talvez tenhamos produzido apenas uma caricatura de uma interpretação, atribuindo a uma inocente obra de arte propósitos desconhecidos pelo autor, e demonstrando assim, mais uma vez, como é fácil vermos em toda a parte aquilo que se procura e que está ocupando nossa mente - possibilidade da qual a história da literatura nos fornece os exemplos mais estranhos. Que o leitor decida agora se essa explicação o satisfaz. Naturalmente preferimos optar pela outra alternativa. Acreditamos que o autor não necessitava conhecer essas regras e propósitos, podendo então tê-las refutado de boa fé, mas acreditamos também que nada descobrimos em sua obra que ali não exista. Provavelmente bebemos na mesma fonte e trabalhamos com o mesmo objeto, embora cada um com seu próprio método. A concordância entre nossos resultados parece garantir que ambos trabalhamos corretamente. Nosso processo consiste na observação consciente de processos mentais anormais em outras pessoas, com o objetivo de poder deduzir e mostrar suas leis. Sem dúvida o autor procede de forma diversa. Dirige sua atenção para o inconsciente de sua própria mente, auscultando suas possíveis manifestações, e expressando-as através da arte, em vez de suprimi-las por uma crítica consciente. Desse modo, experimenta a partir de si mesmo o que aprendemos de outros: as leis a que as atividades do inconsciente devem obedecer. Mas ele não precisa expor essas leis, nem dar-se claramente conta delas; como resultado da tolerância de sua inteligência, elas se incorporam à sua criação. Descobrimos essas leis pela análise de sua obra, da mesma forma que as encontramos em casos de doenças reais. A conclusão evidente é que ambos, tanto o escritor como o médico, ou

compreendemos com o mesmo erro o inconsciente, ou o compreendemos com igual acerto. Essa conclusão é muito valiosa para nós, e para chegar a ela valeu a pena investigar pelos métodos da psicanálise médica o modo como são representados a formação e a cura dos delírios, assim como os sonhos, na *Gradiva* de Jensen.

Parece que chegamos ao fim. Mas um leitor atento poderia advertir-nos que no início (ver em [1]) afirmamos serem os sonhos a representação da realização de um desejo, e não oferecemos prova alguma dessa asserção. Responderemos que essas páginas devem mostrar quão pouco justificável é tentar abranger as nossas explicações a respeito dos sonhos com a simples fórmula de que são a realização de um desejo. Mantemos, entretanto, nossa afirmação, e podemos prová-la com facilidade nos sonhos de *Gradiva*. Os pensamentos oníricos latentes - sabemos agora o que são - podem ser dos mais diversos tipos; em *Gradiva* são resíduos diurnos, pensamentos que passaram despercebidos e não foram trabalhados pelas atividades mentais da vida de vigília. Mas para que deles resulte um sonho é necessária a cooperação de um desejo (geralmente inconsciente); isso fornece a força motivadora para a construção do sonho, enquanto o material é fornecido pelos resíduos diurnos. Na formação do primeiro sonho de Norbert Hanold, dois desejos competiam entre si; um deles era consciente, enquanto o outro era inconsciente e atuava sob a repressão. O primeiro, muito compreensível num arqueólogo, era o desejo de ter testemunhado a catástrofe do ano 79 D.C. Que sacrifícios não faria um arqueólogo para que esse desejo fosse realizado sem ser em sonhos! O outro desejo, o outro construtor do sonho, era de natureza erótica: de forma grosseira e incompleta podemos dizer que era um desejo de estar presente quando a jovem que ele amava se deitou para dormir. Foi a rejeição desse desejo que transformou o sonho em sonho de ansiedade. Os desejos que constituíam as forças motivadoras do segundo sonho talvez sejam menos evidentes, mas se nos recordarmos de sua tradução não hesitaremos em classificá-los como eróticos. O desejo de ser aprisionado pela jovem que amava, de obedecer seus desejos e submeter-se a ela - pois assim podemos explicar o desejo oculto pela caça ao lagarto - era na verdade de caráter passivo e masoquista. No dia seguinte Hanold agrediu a jovem, como se então o dominasse uma tendência erótica inversa... Mas paremos por aqui, ou poderemos esquecer que Hanold e *Gradiva* são apenas criações da mente de seu autor.

PÓS-ESCRITO À SEGUNDA EDIÇÃO (1912)

Nos cinco anos que decorreram desde o término deste estudo, a investigação psicanalítica encorajou-se a examinar as criações dos escritos imaginativos tendo em vista outro propósito. Não mais procura nelas somente uma confirmação das descobertas feitas em seres humanos neuróticos e banais; também quer conhecer o material de lembranças e impressões no qual o autor baseou a obra, e os métodos e processos pelos quais converteu esse material em obra de arte. Essas perguntas podem ser respondidas com maior facilidade no caso de escritores que

(como Wilhelm Jensen, falecido em 1911) costumavam entregar-se inteiramente à sua imaginação pela simples alegria de criar. Pouco depois da publicação do meu exame analítico de *Gradiva*, tentei interessar seu idoso autor por essas novas tarefas da pesquisa psicanalítica. Ele, porém, recusou sua cooperação.

Mais tarde um amigo chamou minha atenção para dois outros contos do autor, com os quais *Gradiva* pode ter tido uma relação genética e que constituem estudos preliminares ou tentativas anteriores de uma solução poética satisfatória do mesmo problema da psicologia do amor. A primeira dessas histórias, 'Der rote Schirm', lembra *Gradiva*, não só pela recorrência de pequenos motivos, como as flores brancas dos mortos, um objeto esquecido (o caderno de esboços de *Gradiva*) e a importância de pequenos animais (a borboleta e o lagarto em *Gradiva*), mas também principalmente pela repetição da situação principal: a aparição ao sol ardente do meio-dia de uma jovem falecida (ou supostamente falecida). Em 'Der rote Schirm' a cena da aparição é um castelo em ruínas, tal como as ruínas das escavações de Pompéia em *Gradiva*. O outro conto, 'Im gotischen Hause', não se assemelha a *Gradiva* ou a 'Der rote Schirm' no conteúdo manifesto, mas o fato de lhe ter sido atribuída uma unidade externa com essa última, tendo as duas histórias sido publicadas num único volume sob um mesmo título, indica inegavelmente a existência de um sentido latente comum. É fácil perceber que essas três histórias tratam do mesmo tema: o desenvolvimento do amor (em 'Der rote Schirm', a inibição do amor) como consequência posterior de uma íntima ligação infantil de natureza fraternal. Através de uma resenha da condessa Eva Baudissin (no diário vienense *Die Zeit*, de 11 de fevereiro de 1912) soube que o último romance de Jensen, *Fremdlinge unter den Menschen*, que contém muito material da própria infância do autor, é a história de um homem que 'vê uma irmã na mulher que ele ama.' Em nenhuma dessas duas histórias anteriores existem vestígios do *motivo* principal de *Gradiva*: o singular e gracioso andar da jovem com a postura quase perpendicular do pé.

O relevo da jovem que caminha desse modo, a qual Jensen diz ser romana e à qual dá o nome de 'Gradiva', na verdade pertence ao período áureo da arte grega. Está no Museo Chiaramonti do Vaticano (nº 644) e foi restaurado e interpretado por Hauser [1903]. Da união de 'Gradiva' com outros fragmentos, existentes em Florença e Munique, foram obtidos dois relevos, cada qual representando três figuras, identificadas como as Horas, as deusas da vegetação, e as divindades do orvalho fertilizador que são aliadas a elas.

**A PSICANÁLISE E A DETERMINAÇÃO DOS FATOS
NOS PROCESSOS JURÍDICOS (1906)**

NOTA DO EDITOR INGLÊS

TATBESTANDSDIAGNOSTIK UND PSYCHOANALYSE

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1906 *Arch. Krim. Anthrop.*, 26 (1), 1-10.

1909 *S.K.S.N.*, 2, 111-21. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 G.S. 10, 197-209.

1941 G.W. 7, 3-15.

(b) TRADUÇÕES INGLESAS:

'The Testimony of Witnesses and Psychoanalysis'

1920 S.P.H., 216-25. (Somente na 3ª ed.) (Trad. de A.A. Brill.)

'Psycho-Analysis and the Ascertaining of Truth in Courts of Law'

1924 C.P., 2, 13-24. (Trad. de E.B.M. Herford.)

A presente tradução, com título alterado, baseia-se na que foi publicada em 1924.

A pedido do professor Löffler (catedrático de jurisprudência em Viena), esta conferência foi pronunciada antes do seminário desse professor na Universidade, em junho de 1906. Existe uma certa confusão a respeito da data de publicação. O número do periódico em que esta conferência apareceu traz na primeira página a data de 21 de dezembro de 1907. Há aí, certamente, um erro de impressão para '1906', pois os números seguintes trazem as datas de 6 de março de 1907 e 29 de abril 1907.

Esta conferência possui algum interesse histórico, pois é a primeira vez que num trabalho publicado de Freud se menciona o nome de Jung (ver em [1]). Freud começara a corresponder-se com Jung há apenas dois meses quando pronunciou esta conferência, vindo a conhecê-lo pessoalmente somente em fevereiro do ano seguinte.

Neste trabalho evidencia-se o impacto imediato de Jung. O propósito desta conferência foi apresentar aos estudantes vienenses as experiências de associação e a teoria dos complexos de Zurique. Os estudos de Zurique haviam começado a aparecer em periódicos dois anos antes (Jung e Riklin, 1904), e o próprio Jung publicara dois ou três estudos sobre a aplicação de seu processo à prova legal apenas alguns meses antes de Freud pronunciar esta conferência (e. g. Jung, 1906, referido em [1]).

Mais tarde, após o afastamento de Jung, Freud, em suas notas sobre 'A História do Movimento Psicanalítico' (1914), reduziu a importância tanto das experiências de associação como da teoria dos complexos (ver em [1], 1974.) Mesmo neste trabalho, há uma certa crítica oculta sob a aprovação. Freud faz questão de mostrar que as descobertas de Zurique não passam, na verdade, de aplicações particulares de princípios básicos da psicanálise, indicando no penúltimo parágrafo o perigo de tirar conclusões apressadas dos resultados dos testes de associação.

Como esta é a primeira vez que nos trabalhos publicados de Freud aparece o termo de Zurique 'complexo', cabem aqui alguns comentários sobre o assunto. As primeiras experiências sistemáticas de associação foram realizadas por Wundt, e mais tarde foram introduzidas na psiquiatria por Kräpelin e particularmente por Aschaffenburg. Sob a direção de Bleuler, então diretor do hospício público Burghölzli de Zurique, e de Jung, seu primeiro assistente, foi levada a

cabo uma série de experiências análogas, cujas conclusões foram publicadas a partir de 1904. Mais tarde foram reunidas em dois volumes (1906-1909) por Jung. Com exceção de uma nova classificação das formas assumidas pelas reações verbais às palavras-estímulo, o principal interesse das descobertas de Zurique residia na ênfase dada à influência de um determinado fator sobre as reações. Esse fator era descrito na primeira dessas publicações (Jung e Riklin, 1904) como um 'complexo ideativo com colorido emocional'. Numa nota de rodapé (ibid., 57) os autores o explicam como 'a totalidade das idéias relativas a um evento de especial colorido emocional', acrescentando que nesse sentido passarão a usar o termo 'complexo'.

Note-se que não há qualquer referência direta a se essas idéias são ou inconscientes ou reprimidas, e fica claro no que se segue (e. g. ibid., 74) que um 'complexo' pode ou não constituir-se de material reprimido. Salvo sua conveniência como abreviatura, não parece haver mérito particular na palavra 'complexo' assim definida, sendo pouco provável que tenha sido esta, na verdade, a primeira vez em que foi utilizada em tal sentido. Ernest Jones revela-nos (1955, 34 e 127) que Ziehen, o conhecido psiquiatra berlinense, afirmou ter dado origem a seu uso. Mas na verdade a palavra ocorre três vezes, com o que parece ser exatamente o mesmo sentido, numa obra anterior de Freud - o caso de Frau Emmy von N. nos *Estudos sobre a Histeria* (1895d), ver em [1], 1974; enquanto Breuer, na mesma obra (ver em [2]), parece dar mais ênfase ao fator inconsciente do que essas primeiras definições de Zurique, ao escrever que 'as idéias que são despertadas, mas não entram na consciência... às vezes... acumulam e formam complexos - camadas mentais extraídas da consciência.' Quando mais tarde o termo se popularizou, e não somente dentro da psicologia, já englobava como elemento essencial de sua conotação o fato de as idéias em questão serem 'extraídas da consciência', ou seja, 'reprimidas'.

Os contatos posteriores de Freud com a jurisprudência foram poucos e espaçados. O terceiro de seus estudos sobre tipos de caráter (1916d) relaciona-se diretamente com a psicologia do crime. Em duas outras ocasiões ele escreveu relatórios acerca de casos criminais. Em uma delas (1931d) pediram-lhe que examinasse o parecer de um especialista num caso de assassinato, e na outra fez um memorando para a defesa num caso de estupro (Jones, 1957, 93). Esse memorando (escrito em 1922) se perdeu. Nos dois casos expôs sua reprovação a uma aplicação inepta das teorias psicanalíticas nos processos legais.

A PSICANÁLISE E A DETERMINAÇÃO DOS FATOS NOS PROCESSOS JURÍDICOS

SENHORES:

Estamos cada vez mais convictos da falta de fidedignidade das declarações feitas por testemunhas, sobre as quais, entretanto, se apóiam tantas condenações nos tribunais. Esse fato levou-os, futuros juízes e defensores, a se interessar por um novo método de investigação, que se propõe a induzir o próprio réu a estabelecer sua culpa ou inocência por meio de sinais objetivos. Esse método consiste numa experiência psicológica e se baseia em pesquisas da mesma ordem.

Está estreitamente ligado a certas concepções que só muito recentemente chegaram ao conhecimento da psicologia médica. Sei que os senhores, por meio do que poderíamos chamar de 'exercícios simulados', já se ocupam em testar as possibilidades e a utilização desse novo método, e aceitei com prazer o convite do professor Löffler, que preside este seminário, para explicar-lhes de forma completa a relação entre esse método e a psicologia.

Todos conhecem aquele jogo de salão, também apreciado pelas crianças, em que alguém deve acrescentar a uma palavra escolhida ao acaso uma outra, sendo o resultado uma palavra composta; por exemplo 'steam' (vapor) e 'ship' (navio), dando 'steam-ship' (navio a vapor). A 'experiência de associação' introduzida na psicologia pela escola de Wundt nada mais é do que uma modificação desse jogo infantil, do qual se suprime uma regra.

A experiência é a seguinte: apresenta-se uma palavra (denominada 'palavra-estímulo') ao indivíduo que se está submetendo à experiência e ele deverá responder com uma outra palavra (denominada 'reação') o mais depressa possível, não havendo nenhuma restrição em sua escolha dessa reação. Devem ser observados os seguintes detalhes: o *tempo* exigido para a 'reação' e a *relação* - que pode ser de diversos tipos - entre a palavra-estímulo e a palavra-reação. Como era de esperar, essas experiências não produziram inicialmente muitos frutos, tendo sido realizadas sem uma finalidade definida e sem uma diretriz pela qual se pudessem avaliar os resultados. Essas 'experiências de associação' só se tornaram significativas e proveitosas quando, em Zurique, Bleuler e seus discípulos, especialmente Jung, começaram a lhes dedicar atenção. O valor das experiências realizadas pelo grupo deriva-se de terem partido da hipótese de que a reação à palavra-estímulo não podia ser fruto do acaso, mas devia ser determinada pelo conteúdo ideativo presente na mente do sujeito que reagia.

Habituo-nos a denominar de 'complexo' todo conteúdo ideativo que é capaz de influenciar a reação à palavra-estímulo. Essa influência ocorre quando a palavra-estímulo toca diretamente o complexo, ou quando o complexo estabelece contato com a palavra através de elos intermediários. A determinação da reação é realmente um fato muito singular, e a literatura do assunto reflete o indisfarçável assombro que a mesma tem provocado. Mas não há como duvidar de sua veracidade, pois, via de regra, perguntando ao próprio sujeito as razões de sua reação, é possível expor o complexo atuante e esclarecer relações que de outro modo não seriam inteligíveis. Exemplos como os que Jung nos apresenta (1906, 6 e 8-9) fazem-nos duvidar da incidência da casualidade nos eventos mentais ou de sua pretensa arbitrariedade.

Façamos agora um breve exame dos antecedentes dessa concepção de Bleuler e Jung de que a reação do sujeito submetido a exame é determinada pelo seu complexo. Publiquei em 1901 uma obra na qual demonstrei serem de determinação rígida toda uma série de atos que se acreditava imotivados, contribuindo assim, em certo grau, para limitar o fator arbitrário em psicologia. Usei como exemplos as pequenas falhas de memória, os lapsos de língua e de escrita, e o extrativo de objetos. Mostrei que o responsável por um lapso de língua não é o acaso, nem a semelhança no som, nem uma simples dificuldade de articulação, mas que em todos os casos

podemos descobrir um conteúdo ideativo perturbador, isto é, um complexo, que alterou o sentido da fala intencionada sob a forma aparente de um lapso de língua. Além disso, examinei pequenos atos aparentemente casuais e gratuitos - por exemplo, o hábito de brincar ou de manusear um objeto, e outros semelhantes - e demonstrei que são 'atos sintomáticos', ligados a um sentido oculto e cuja finalidade é expressar discretamente esse sentido. Descobri que nem mesmo um prenome nos vem à mente de forma arbitrária, tendo sido sua escolha determinada por algum poderoso complexo ideativo. Até mesmo números que acreditávamos ter escolhido ao acaso podem ser relacionados com a influência de um complexo oculto dessa espécie. Poucos anos depois disso, um colega, o Dr. Alfred Adler, pôde corroborar essa minha singularíssima afirmação com alguns exemplos notáveis (Adler, 1905). Depois que nos habituamos a essa concepção do determinismo na vida psíquica, sentimo-nos justificados em inferir das descobertas da psicopatologia da vida cotidiana que as idéias que ocorrem ao sujeito numa experiência de associação podem também não ser arbitrárias, mas determinadas por um conteúdo ideativo nele atuante.

Senhores, voltemos a examinar a experiência de associação. No tipo de experiência a que até agora nos referimos, era a própria pessoa submetida a exame que nos explicava a origem de suas reações, circunstância que subtrai dessas experiências qualquer interesse judicial. Mas o que sucederia se alterássemos a planificação da experiência? Não se poderia adotar processo semelhante ao da resolução de uma equação com várias grandezas, em que se pode optar por qualquer uma como ponto de partida, considerando-se *ou o a ou o b* como o *x* procurado? Até agora em nossas experiências a incógnita tem sido o *complexo*. Escolhemos a esmo as palavras-estímulo, e o sujeito submetido a exame revelou-nos o complexo, que veio a ser expresso através dessas palavras-estímulo. Mas agora vamos abordar a questão de forma diversa. Vamos tomar um complexo *conhecido* e reagir, nós mesmos, a esse complexo com palavras-estímulo deliberadamente escolhidas, transferindo então o *x* para a pessoa que está reagindo. Será acaso possível deduzir da maneira pela qual a mesma reage se o complexo escolhido também existe nela? Podem ver os senhores que essa forma de planificação da experiência corresponde exatamente ao método adotado pelo juiz de instrução ao tentar descobrir se o acusado também conhece, em sua qualidade de agente, alguma coisa de que ele, juiz, tem conhecimento. Wertheimer e Klein, dois discípulos de Hans Gross, professor de direito penal em Praga, parecem ter sido os primeiros a introduzir essa modificação, tão importante para os propósitos dos senhores, na planificação das experiências.

As suas próprias experiências já os levaram a concluir da necessidade de considerar vários pontos nas reações do sujeito para determinar se o mesmo possui o complexo ao qual os *senhores* estão reagindo com suas palavras-estímulo. Esses pontos são os seguintes: (1) O *conteúdo* da reação pode ser incomum, o que requer explicação. (2) O *tempo de reação* pode ser prolongado, pois parece que as palavras-estímulo que tocaram o complexo produzem uma reação apenas após considerável intervalo (intervalo que pode ser muito maior que o tempo de reação

comum). (3) Pode haver um engano na *reprodução* da reação. Os senhores já conhecem o significado desse fato singular. Se o sujeito submeteu-se a uma experiência de associação com uma lista bastante longa de palavras-estímulo, e se depois de um curto espaço de tempo essa lista for-lhe novamente apresentada, ele reproduzirá as mesmas reações anteriores, salvo nos casos em que a palavra-estímulo atingiu um complexo; nesse caso é muito provável que o sujeito substitua a sua primeira reação por outra. (4) O fenômeno da *perseveração* (ou talvez seja melhor empregar o termo 'efeito secundário') pode ocorrer. Quando um complexo é despertado, ao ser atingido por uma palavra-estímulo - palavra-estímulo 'crítica' -, com freqüência os efeitos disso (por exemplo, o prolongamento do tempo de reação) persistem e modificam as reações do sujeito ante as próximas palavras-estímulo não-críticas. A presença de várias dessas circunstâncias, ou de todas elas, comprova que o complexo conhecido está presente como fator perturbador na pessoa que está sendo interrogada. Tal perturbação significa que na mente do sujeito o complexo está catexizado com afeto, sendo capaz de desviar sua atenção da tarefa de reagir; assim, vê-se nessa perturbação uma 'autotraição psíquica.'

Sei que no momento os senhores se ocupam das potencialidades e das dificuldades desse processo, cuja finalidade é levar o acusado a uma autotraição objetiva. Portanto, gostaria de chamar-lhes a atenção para o fato de que um método semelhante para trazer à tona material psíquico encoberto ou secreto vem sendo utilizado, há mais de uma década, em um outro campo. Pretendo expor-lhes as semelhanças e as diferenças entre as condições desses dois campos.

O campo que tenho em mente é, na verdade, muito diverso deste dos senhores. Refiro-me à terapia empregada em certas 'doenças nervosas' - conhecidas como psiconeuroses - das quais são exemplo a histeria e as idéias obsessivas. O método denomina-se 'psicanálise'; foi por mim desenvolvido a partir do método 'catártico' de terapia, empregado pela primeira vez por Josef Breuer em Viena. Diante do espanto dos senhores, devo estabelecer primeiramente uma analogia entre o criminoso e o histérico. Em ambos defrontamos com um segredo, alguma coisa oculta. Para não incorrer num paradoxo, devo em seguida apontar a diferença. O criminoso conhece e oculta esse segredo, enquanto o histérico não conhece esse segredo, que está oculto para ele mesmo. Como é possível tal coisa? Ora, através de laboriosas pesquisas, sabemos que todas essas enfermidades resultam do êxito obtido pelo paciente na repressão de certas idéias e lembranças fortemente catexizadas com afeto, assim como dos desejos que delas se originam, de tal modo que não representam qualquer papel em seu pensamento, isto é, não penetram em sua consciência, permanecendo assim desconhecidos para ele. É desse material psíquico reprimido (desses 'complexos') que derivam os sintomas somáticos e psíquicos que atormentam o paciente, da mesma forma que uma consciência culpada. Nesse aspecto, portanto, é fundamental a diferença entre o criminoso e o histérico.

A tarefa do terapeuta, entretanto, é a mesma do juiz de instrução. Temos de descobrir o material psíquico oculto, e para isso inventamos vários estratagemas detetivescos, alguns dos quais parece que os senhores, homens da lei, estão prestes a copiar de nós.

Ser-lhes-á profissionalmente interessante saber como nós, os médicos, procedemos na psicanálise. Depois que o paciente nos fez um primeiro relato de sua história, pedimos-lhes que se abandone aos pensamentos que lhe ocorrerem espontaneamente e que diga, sem qualquer reserva crítica, tudo o que lhe vier à cabeça. Como vêem, partimos da hipótese, não compartilhada pelo paciente, de que esses pensamentos espontâneos não serão escolhidos de forma arbitrária, mas determinados pela relação com seu segredo - isto é, com seu 'complexo' -, podendo ser encarados como derivados desse complexo. Os senhores observarão que essa hipótese é semelhante à que os auxiliou a interpretar as experiências de associação. Embora tenhamos instruído o paciente a obedecer à regra de comunicar todos os pensamentos que lhe ocorrerem, ele não parece capaz de o fazer. Logo começa a reter pensamentos, dando várias razões para isso: ou o pensamento não era importante, ou não era pertinente, ou era totalmente sem sentido. A essa altura, insistimos que o revele e o acompanhe, a despeito dessas objeções, pois a presença dessa crítica demonstra que o pensamento pertence ao 'complexo' que procuramos descobrir. Vemos nesse comportamento do paciente uma manifestação da 'resistência' nele presente, que se faz notar durante todo o curso do tratamento. Limitar-me-ei a indicar que o conceito de resistência é da maior importância na compreensão da origem de uma enfermidade assim como do mecanismo de sua cura.

Em suas experiências, os senhores não observam diretamente críticas como essas das idéias espontâneas do sujeito, ao passo que em nossas psicanálises podemos observar todas as indicações de um complexo que se dão a conhecer. Mesmo quando o paciente não mais se atreve a infringir a regra que lhe foi imposta, notamos que de vez em quando hesita ou se cala, ou faz pausas ao reproduzir suas idéias. Cada hesitação dessa espécie é, a nosso ver, uma expressão de sua resistência, e indica uma conexão com o 'complexo'. Na verdade, nós a encaramos como o sinal mais importante dessa conexão, exatamente como nos casos dos senhores a prolongação análoga do *tempo de reação*. Habituo-nos a interpretar desse modo qualquer hesitação, mesmo quando aparentemente o *conteúdo* da idéia retida nada tem de censurável e quando o paciente afirma reconhecer o motivo de sua hesitação. Via de regra, as pausas que ocorrem na psicanálise são muito mais prolongadas do que as observadas em experiências de reação.

Outro de seus indícios de um complexo - a alteração no conteúdo da reação - também desempenha seu papel na técnica da psicanálise. Em geral também encaramos os menores afastamentos das formas comuns de expressão, em nossos pacientes, como sinal de algum sentido oculto, e nos dispomos a ser ridicularizados por eles ao fazermos interpretações nesse sentido. Na verdade, ficamos à espreita de observações portadoras de qualquer ambigüidade, nas quais transparece, sob uma expressão inocente, um sentido oculto. Não só os pacientes, mas também colegas médicos, que desconhecem a técnica da psicanálise e seus aspectos especiais, não acreditam nesses fatos e nos acusam de exagero e de fazer jogo de palavras; quase sempre, porém, temos razão. Afinal, não é difícil compreender que a única maneira pela qual um segredo cuidadosamente guardado se trai é através de alusões muito sutis ou, quando muito, ambíguas.

Por fim, o paciente acostuma-se a nos revelar, por meio do que chamamos de 'representação indireta', tudo aquilo de que necessitamos para descobrir o complexo.

O terceiro dos seus indícios de um complexo (enganos - isto é, alterações - na *reprodução* [da reação]) também é utilizado, embora num setor mais restrito, na técnica da psicanálise. Uma tarefa que freqüentemente se nos apresenta é a interpretação de sonhos - isto é, a tradução do conteúdo lembrado de um sonho para o seu sentido oculto. Algumas vezes não temos certeza por onde devemos começar essa tarefa, e nesses casos empregamos uma regra, descoberta empiricamente, que consiste em fazer com que o sonhador torne a nos contar seu sonho. Nesse mister, em geral ele modifica em alguns pontos sua maneira de expressar-se, embora repetindo com fidelidade todo o resto. É justamente a esses pontos reproduzidos erroneamente, ou então omitidos, que nos prendemos, pois essa imprecisão indica uma conexão com o complexo e promete o melhor acesso ao sentido secreto do sonho.

Se eu agora admitir para os senhores que em psicanálise não se manifesta fenômeno semelhante à *perseveração*, não devem os senhores concluir que se esgotaram os pontos de concordância que estivemos examinando. Essa aparente divergência deriva-se apenas das condições especiais das suas experiências, pois nelas não se dá tempo para que se desenvolva o efeito do complexo. Sua ação apenas começou, quando os senhores distraem a atenção do sujeito com uma nova palavra-estímulo, provavelmente inocente; podem então observar que algumas vezes, apesar de sua interferência, ele continua ocupado com o complexo. Em psicanálise, por outro lado, evitamos tais interferências e mantemos o paciente ocupado com o complexo. Como em nosso trabalho, *tudo*, por assim dizer, é *perseveração*, não poderemos observar esse fenômeno como uma ocorrência isolada.

Podemos com justiça afirmar que, em princípio, técnicas como as que descrevi permitem-nos tornar o paciente consciente do que nele está reprimido, isto é, do seu segredo, assim removendo a causação psicológica dos sintomas de que ele sofre. Mas antes que os senhores retirem desses resultados positivos conclusões referentes às possibilidades de seu próprio trabalho, examinaremos alguns pontos de divergência entre as situações psicológicas dos dois casos.

Já apontamos a diferença principal: no neurótico o segredo está oculto de sua própria consciência; no criminoso, o segredo está oculto apenas dos senhores. No primeiro existe uma autêntica ignorância, embora não em todos os sentidos, enquanto no último só existe uma simulação de ignorância. Com essa diferença está em conexão uma outra que tem grande importância prática. Na psicanálise o paciente ajuda a combater sua resistência através de esforços conscientes, porque espera lucrar com essa investigação, isto é, curar-se. O criminoso, ao contrário, não cooperará com o trabalho dos senhores; se o fizesse, estaria trabalhando contra todo o seu próprio ego. Entretanto, em compensação, em suas investigações apenas os senhores necessitam obter uma convicção objetiva, ao passo que nossa terapia exige que o paciente também adquira essa mesma convicção. Contudo, resta ver até que ponto essa falta de

cooperação do sujeito de seu exame irá dificultar ou alterar o desenrolar do mesmo. Tal situação não pode ser reconstituída em suas experiências num seminário, pois o colega que desempenha o papel de acusado continua, no fim das contas, a ser um companheiro, e os auxiliará, apesar da determinação consciente dele de não se denunciar.

Se examinarem atentamente a comparação das duas situações, verão com clareza que a psicanálise se ocupa com uma forma mais simples e especial de descobrir o que está oculto na mente, ao passo que no trabalho dos senhores a tarefa é mais ampla. Embora não necessitem levar em consideração a diferença de que no caso do psiconeurótico sempre se trata de complexo sexual reprimido (no sentido mais amplo), existe um outro fato que não podem ignorar. O propósito da psicanálise é absolutamente uniforme em todos os casos: é preciso trazer à tona os complexos reprimidos por causa de sentimentos de desprazer e que produzem sinais de resistência ante as tentativas de levá-los à consciência. É como se essa resistência estivesse localizada; surge na fronteira entre o consciente e o inconsciente. Já no caso dos senhores, a resistência origina-se totalmente da consciência, não sendo possível deixar de lado essa diferença. Os senhores, em primeiro lugar, terão de determinar experimentalmente se a resistência consciente denuncia-se exatamente pelos mesmos indícios que a resistência inconsciente. Além disso, em minha opinião os senhores ainda não podem estar seguros de poder interpretar seus indícios objetivos de um complexo como sendo uma 'resistência', tal como nós psicoterapeutas fazemos. No caso dos sujeitos de suas experiências, pode acontecer que o complexo atingido seja de acento agradável - embora isso não seja muito freqüente em criminosos -, o que levará a indagar se tal complexo irá produzir a mesma reação que um complexo de acento desagradável.

Gostaria também de assinalar que o teste dos senhores pode estar sujeito a uma complicação que, em virtude de sua própria natureza, não ocorre na psicanálise. Os senhores, em sua investigação, podem ser induzidos a erro por um neurótico que, embora inocente, reage como culpado, devido a um oculto sentimento de culpa já existente nele e que se apodera da acusação. Não julguem essa possibilidade como uma invenção ociosa; lembrem-se que isso pode ser observado com freqüência na infância. Muitas vezes uma criança acusada de uma transgressão nega veementemente sua culpa, embora chore como um criminoso desmascarado. Talvez pensem que a criança mentiu ao afirmar sua inocência, mas isto nem sempre é verdade. Pode ser que, embora não tenha cometido uma falta de que a acusam, tenha cometido uma outra que permanece ignorada e que não lhe foi imputada. Assim, fala a verdade ao negar ser culpada da primeira transgressão, ao mesmo tempo que revela seu sentimento de culpa proveniente da outra falta. Nesse particular, como em muitos outros pontos, o adulto neurótico comporta-se exatamente como uma criança. Muitas pessoas são assim, e ainda é muito discutível se a sua técnica logrará distinguir tais indivíduos auto-acusadores daqueles que são realmente culpados. Finalmente, mais uma questão. Os senhores sabem que, pelas normas do direito penal, é vedado sujeitar o acusado a qualquer medida que o tome de surpresa; portanto, ele deverá ter sido advertido de que poderá denunciar-se nessa experiência. Isso leva a perguntar se podem ser esperadas as mesmas

reações tanto quando a atenção do sujeito está dirigida para o complexo como quando está afastada desse mesmo complexo, e a que ponto a intenção de ocultar alguma coisa pode afetar os modos de reação em pessoas diferentes.

É justamente devido à diversidade de situações que subjazem ao trabalho de investigação dos senhores, que a psicologia se interessa tão vivamente por seus resultados. Gostaria de pedir-lhes que não se desiludissem prematuramente de sua utilidade prática. Embora meu campo esteja muito afastado da prática judicial, talvez me permitam mais uma sugestão. Por mais indispensáveis que sejam essas experiências realizadas em seminários, tanto como uma preparação quanto como formulação de problemas, os senhores não poderão jamais reproduzir a mesma situação psicológica existente no interrogatório do acusado numa investigação criminal. Essas experiências serão simples exercícios simulados, e nunca poderão fundamentar uma aplicação prática em casos criminais. Se insistirmos em tentar essa aplicação, um outro caminho se nos apresenta: consigam que lhes seja permitido - ou mesmo imposto como um dever - realizar tais investigações, durante um certo número de anos, em cada processo criminal real, *impedindo que os seus resultados venham a influenciar o veredicto do tribunal*. Na verdade, seria preferível que o tribunal não fosse informado da conclusão inferida pelos senhores a partir da investigação relativa à questão da culpa do acusado. Após alguns anos de compilação e comparação dos resultados assim obtidos, quaisquer dúvidas sobre a utilidade desse método psicológico de investigação serão esclarecidas. Sei, naturalmente, que a concretização de semelhante proposta não depende somente dos senhores, nem de seus ilustres professores.

ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS (1907)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ZWANGSHANDLUNGEN UND RELIGIONSÜBUNGEN

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1907 *Z. Religionspsychol.*, 1 (1) [Abril], 4-12.

1909 *S.K.S.N.*, 2, 122-31. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.*, 10, 210-20.

1941 *G.W.*, 7, 129-39.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'Obsessive Acts and Religious Practices'

1924 *C.P.*, 2, 25-35. (Trad. de R. C. McWatters.)

A presente tradução, com título ligeiramente alterado, é uma versão modificada da que foi publicada em 1924.

Este artigo foi escrito em fevereiro de 1907 para o primeiro número de um periódico dirigido por Bresler e Vordrobt. Na reunião de 27 de fevereiro da Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud informou que enviara uma contribuição para o número de estréia desse novo periódico e também que Bresler o convidara para co-editor, convite por ele aceito. Na verdade seu nome aparece na (longa) lista de consultores editoriais. A informação incorreta de que esse artigo foi lido por Freud para a Sociedade, a 2 de março, é proveniente da biografia de Jones (2, 380). De qualquer forma, 2 de março foi um sábado e não uma quarta-feira. Jung esteve presente à reunião de 6 de março, quando Adler leu um caso clínico. (Ver *Minutes*, 1.) Essa foi a incursão inicial de Freud na psicologia da religião e, como assinala na Seção V da sua 'Uma Breve Descrição da Psicanálise' (1924f), constituiu um passo decisivo em direção a um tratamento mais extenso do assunto, cinco anos depois, em *Totem e Tabu*. Além disso, o interesse deste artigo reside no fato de ser esta a primeira vez que Freud examina a neurose obsessiva desde o período de Breuer, cerca de dez anos antes. Aqui ele fornece um esboço do mecanismo dos sintomas obsessivos que iria elaborar no caso clínico do 'Rat Man' (1909d), cujo tratamento, entretanto, ainda não iniciara quando escreveu o presente trabalho.

ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS

Não sou certamente o primeiro a notar a semelhança existente entre os chamados atos obsessivos dos que sofrem de afecções venosas e as práticas pelas quais o crente expressa sua devoção. O termo 'cerimonial', que tem sido aplicado a alguns desses atos obsessivos, constitui uma evidência disso. Em minha opinião, entretanto, essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (*insight*) da origem do cerimonial neurótico pode, por analogia, estimular-nos a estabelecer inferências sobre os processos psicológicos da vida religiosa.

As pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, idéias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial, que comumente se denomina de 'neurose obsessiva' [*Zwangsneurose*]. Mas não devemos tentar inferir de tal denominação a natureza da enfermidade, pois, a rigor, também outras espécies de fenômenos mentais mórbidos podem possuir características 'obsessivas'. Em lugar de uma definição, contentemo-nos no momento em obter um conhecimento minucioso desses estados, pois ainda não chegamos ao critério distintivo da neurose obsessiva, que provavelmente se encontra oculto em camadas muito profundas, embora pareça revelar sua presença em todas as manifestações da doença.

Os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem ser sempre realizados numa mesma

ordem, ou com variações regulares. Essas atividades, meras formalidades na aparência, afiguram-se destituídas de qualquer sentido. O próprio paciente não as julga diversamente, mas é incapaz de renunciar a elas, pois a qualquer afastamento do cerimonial manifesta-se uma intolerável ansiedade, que o obriga a retificar sua omissão. Tão triviais quanto os próprios atos cerimoniais são as ocasiões e as atividades ornamentadas, complicadas e sempre prolongadas pelo cerimonial - por exemplo, vestir e despir-se, o ato de deitar-se ou de satisfazer as necessidades fisiológicas. O cerimonial é sempre executado como se tivesse de obedecer a certas leis tácitas. Tomemos, por exemplo, um cerimonial relativo ao ato de deitar-se: a cadeira deve ficar numa determinada posição ao lado da cama, as roupas colocadas sobre a mesma numa determinada ordem, o cobertor preso embaixo do colchão e o lençol bem esticado, os travesseiros arrumados de maneira especial, e o corpo da pessoa deve adotar uma posição bem determinada. Só depois disso tudo ela poderá dormir. Em casos leves, o cerimonial parece ser nada mais do que a intensificação de hábitos ordeiros muito justificáveis; é a especial consciência que cerca sua execução e a ansiedade que surge com qualquer falha que lhe dão o caráter do 'ato sagrado'. Em geral se suporta mal qualquer interrupção no cerimonial, sendo quase sempre excluída a presença de outras pessoas durante sua realização.

Toda atividade pode converter-se em um ato obsessivo, no sentido mais amplo do termo, se for complicada por pequenos acréscimos ou se adquirir um caráter rítmico através de pausas e repetições. Não esperemos encontrar uma distinção nítida entre 'cerimoniais' e 'atos obsessivos'. Em geral os atos obsessivos derivam-se de cerimoniais. Além desses, o conteúdo do distúrbio abrange proibições e impedimentos (abulias), que na realidade apenas levam adiante o trabalho dos atos obsessivos, portanto algumas coisas são completamente vedadas ao paciente e outras só permitidas após a realização de um determinado cerimonial.

É singular que tanto as compulsões como as proibições (ter de fazer isso e *não* ter de fazer aquilo) aplicam-se inicialmente só às atividades solitárias do sujeito, e por muito tempo não afetam seu comportamento social. Conseqüentemente, os que sofrem dessa enfermidade são capazes de manter o seu mal como um assunto particular, ocultando-o por muitos anos. Na verdade, o número de pessoas que sofrem dessas formas de neurose obsessiva é muito maior do que o que chega ao conhecimento dos médicos. Além disso, para muitas vítimas a ocultação se torna fácil tendo em vista que são capazes de desempenhar seus deveres sociais durante parte do dia, desde que devam certo número de horas a suas atividades secretas, longe de olhares, como Mélusine.

É fácil perceber onde se encontram as semelhanças entre cerimoniais neuróticos e atos sagrados do ritual religioso: nos escrúpulos de consciência que a negligência dos mesmos acarreta, na completa exclusão de todos os outros atos (revelada na proibição de interrupções) e na extrema consciência com que são executados em todas as minúcias. Mas as diferenças são igualmente óbvias, e algumas tão gritantes que tornam qualquer comparação um sacrilégio: a grande diversidade individual dos atos cerimoniais [neuróticos] em oposição ao caráter estereotipado dos rituais (as orações, o curvar-se para o leste, etc.), o caráter privado dos

primeiros em oposição ao caráter público e comunitário das práticas religiosas, e acima de tudo o fato de que, enquanto todas as minúcias do cerimonial religioso são significativas e possuem um sentido simbólico, as dos neuróticos parecem tolas e absurdas. Sob esse aspecto a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular, mas é justamente essa diferença decisiva entre o cerimonial neurótico e o religioso que desaparece quando penetramos, com o auxílio da técnica psicanalítica de investigação, no verdadeiro significado dos atos obsessivos. No decurso dessa investigação, dilui-se completamente o aspecto tolo e absurdo de que se revestem os atos obsessivos, sendo explicada a razão de tal aspecto. Descobre-se que todos os detalhes dos atos decisivos possuem um sentido, que servem a importantes interesses da personalidade, e que expressam experiências ainda atuantes e pensamentos catexizados com afeto. Fazem isso de duas formas: por representação direta ou simbólica, podendo, conseqüentemente, ser interpretados histórica ou simbolicamente.

Devo ilustrar com alguns exemplos essa minha asserção. Os que estão familiarizados com os achados da investigação psicanalítica das psiconeuroses não se surpreenderão ao saber que o que está sendo representado em atos obsessivos e em cerimoniais deriva das experiências mais íntimas do paciente, principalmente das sexuais.

(a) Uma jovem que esteve sob minha observação sofria da compulsão de fazer a água revoltear na bacia várias vezes após se lavar. O significado desse ato cerimonial prendia-se ao seguinte ditado: 'Não jogue fora a água suja até obter uma limpa'. Com esse ato pretendia advertir a irmã, a quem era muito afeiçoada, e impedi-la de se divorciar de um marido pouco satisfatório até que firmasse uma relação com um homem melhor.

(b) Uma mulher que estava vivendo separada do marido via-se sob a compulsão de deixar intacta a melhor porção de tudo aquilo que comia: por exemplo, só aproveitava as beiradas de uma fatia de carne assada. A explicação dessa renúncia foi encontrada por meio da data de sua origem. Ela surgiu no dia seguinte àquele em que se recusara a ter relações maritais com seu marido - isto é, após ter renunciado ao melhor.

(c) A mesma paciente só podia sentar-se em uma determinada cadeira, da qual se levantava com dificuldade. Devido a certos aspectos de sua vida de casada, a cadeira simbolizava o marido, a quem ela permanecia fiel. Essa mulher encontrou a explicação para sua compulsão na seguinte frase: 'É tão difícil nos separarmos de alguma coisa (um marido, uma cadeira) a que já nos fixamos.'

(d) Durante algum tempo ela repetiu um ato obsessivo especialmente singular e absurdo: saía correndo do seu quarto para outro onde havia uma mesa de centro; arrumava a toalha dessa mesa numa determinada forma e, tocando a sineta, chamava a criada; fazia com que esta se aproximasse da mesa e a despedia após incumbi-la de alguma tarefa sem importância. Tentando encontrar uma explicação para tal compulsão, lembrou-se de que a toalha da mesa estava manchada e de que sempre a arrumava de maneira a que a mancha fosse forçosamente vista pela criada. Essa cena era a reprodução de uma experiência de sua vida conjugal que muito ocupara

sua mente, constituindo-lhe um problema. Na noite de núpcias o marido sofrera um percalço bastante comum: vira-se impotente. Durante a noite ele correrá várias vezes de seu quarto para o dela, em renovadas tentativas de obter sucesso; pela manhã, com vergonha da arrumadeira do hotel que faria as camas, derramou o conteúdo de um vidro de tinta vermelha no lençol, mas de forma tão canhestra que o manchou num local pouco adequado a seus propósitos. Portanto, com seu ato obsessivo ela representava a noite de núpcias. 'Cama e mesa' entre eles compõem o casamento.

(e) Outra compulsão que adquiriu - a de anotar o número de todas as décadas de papel-moeda antes de se desfazer das mesmas - teve de ser interpretada historicamente. Numa época em que ainda tencionava separar-se do marido, se encontrasse outro homem mais digno de confiança, permitiu-se receber as atenções de um cavalheiro que conhecera numa estação de águas, mas de cuja seriedade duvidava. Certo dia, com falta de dinheiro miúdo, pedira-lhe para trocar uma moeda de cinco coroas. Ele a satisfaz, e guardando a moeda declarou galantemente que jamais se separaria da mesma, pois estivera nas mãos dela. Em encontros posteriores, ela com frequência sentiu a tentação de desafiá-lo a mostrar a moeda de cinco coroas, como se quisesse convencer-se de que podia acreditar em suas intenções, mas conteve-se tendo em vista que é impossível distinguir uma determinada moeda entre outras do mesmo valor. Assim, sua dúvida não foi resolvida, deixando-lhe a compulsão de anotar os números das notas, de modo a *poder* distinguir umas das outras.

Com esses poucos exemplos, escolhidos entre os muitos que reuni, tenciono simplesmente ilustrar minha afirmativa de que nos atos obsessivos tudo tem sentido e pode ser interpretado. O mesmo se pode dizer dos cerimoniais propriamente ditos, só que para corroborar tal asserção seriam necessárias maiores provas. Estou cômico de que nossas explicações acerca dos atos obsessivos aparentemente nos estão afastando da esfera do pensamento religioso.

Uma das condições da doença é o fato de que a pessoa que obedece a uma compulsão, o faz sem compreender-lhe o sentido - ou, pelo menos, o sentido principal. É somente através dos esforços do tratamento psicanalítico que ela se torna consciente do sentido do seu ato obsessivo e, simultaneamente, dos motivos que a compelem ao mesmo. Esse fato importante pode ser expresso da seguinte forma: o ato obsessivo serve para expressar motivos e idéias *inconscientes*. Com essa afirmação, parece que nos afastamos ainda mais das práticas religiosas, mas devemos recordar que em geral também o indivíduo normalmente piedoso executa o ceremonial sem ocupar-se de seu significado, embora os sacerdotes e os investigadores científicos estejam familiarizados com o significado, em grande parte simbólico, do ritual. Para os crentes, entretanto, os motivos que os impelem às práticas religiosas são desconhecidos ou estão representados na consciência por outros que são desenvolvidos em seu lugar.

A análise de atos obsessivos já nos possibilitou alguma compreensão interna (*insight*) de suas causas e da seqüência de motivos que os tornam ativos. Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de

culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos. Esse sentimento de culpa origina-se de certos eventos mentais primitivos, mas é constantemente revivido pelas repetidas tentações que resultavam de cada nova provocação. Além disso, acarreta um furtivo sentimento de ansiedade expectante, uma expectativa de infortúnio ligada, através da idéia de punição, à percepção interna da tentação. Quando o cerimonial é formado, o paciente ainda tem consciência de que deve fazer isso ou aquilo para evitar algum mal, e em geral a natureza desse mal que é esperado ainda é conhecida de sua consciência. Contudo, o que já está oculto dele é a conexão - sempre demonstrável - entre a ocasião em que essa ansiedade expectante surge e o perigo que ela provoca. Assim o cerimonial surge com um *ato de defesa* ou de *segurança*, uma *medida protetora*.

O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos corresponde à convicção dos indivíduos piedosos de serem, no íntimo, apenas miseráveis pecadores; e as práticas devotas (tais como orações, invocações, etc.) com que tais indivíduos precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter o valor de medidas protetoras ou de defesa.

Obteremos uma compreensão interna (*insight*) mais profunda do mecanismo da neurose obsessiva se considerarmos o fato fundamental que a mesma oculta. Há sempre *a repressão de um impulso instintual* (um componente do instinto sexual) presente na constituição do sujeito e que pôde expressar-se durante algum tempo em sua infância, sucumbindo posteriormente à pressão. No decurso da repressão do instinto cria-se uma *consciência* especial, dirigida contra os objetivos do instinto; essa formação reativa psíquica, porém, sente-se insegura e constantemente ameaçada pelo instinto emboscado no inconsciente. A influência do instinto reprimido é sentida como uma tentação, e durante o próprio processo de repressão gera-se a ansiedade que adquire controle sobre o futuro, sob a forma de ansiedade *expectante*. O processo de repressão que acarreta a neurose obsessiva deve ser considerado como um processo que só obtém êxito parcial, estando constantemente sob a ameaça de um fracasso. Podemos, pois, compará-lo a um conflito interminável; reiterados esforços psíquicos são necessários para contrabalançar a pressão constante do instinto. Assim, os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como uma proteção contra a tentação e, em parte, como proteção contra o mal esperado. Essas medidas de proteção logo parecem tornar-se insuficientes contra a tentação, surgindo então as proibições, cuja finalidade é manter à distância as situações que podem originar tentações. Veremos que as proibições substituem os atos obsessivos assim como uma fobia evita um ataque histérico. Assim, um cerimonial é um conjunto de condições que devem ser preenchidas, da mesma forma que uma cerimônia matrimonial da Igreja significa para o crente uma permissão para desfrutar os prazeres sexuais, que de outra maneira seriam pecaminosos. Uma outra característica da neurose obsessiva, e de todas as enfermidades semelhantes, é que suas manifestações (seus sintomas, inclusive os atos obsessivos) preenchem a condição de ser uma conciliação entre as forças antagônicas da mente. Essas manifestações reproduzem, assim, uma parcela daquele mesmo

prazer que pretendiam evitar, e servem ao instinto reprimido tanto quanto às instâncias que o estão reprimindo. Na verdade, ao passo que a enfermidade progride, os atos que de início se destinavam principalmente a manter a defesa aproximam-se progressivamente dos atos proibidos pelos quais o instinto pôde expressar-se na infância.

Também na esfera da vida religiosa encontraremos alguns aspectos desse estado de coisas. A formação de uma religião parece basear-se igualmente na supressão, na renúncia, de certos impulsos instintuais. Entretanto, esses impulsos não são componentes exclusivamente do instinto sexual, como no caso das neuroses; são instintos egoístas, socialmente perigosos, embora geralmente abriguem um componente sexual. Afinal, o sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a ansiedade expectante sob a forma de temor da punição divina nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose. Talvez devido à intromissão de componentes sexuais, talvez pelas características gerais dos instintos, também na vida religiosa a supressão do instinto revela-se um processo inadequado e interminável. Na realidade, as recaídas totais no pecado são mais comuns entre os indivíduos piedosos do que entre os neuróticos, dando origem a uma nova forma de atividade religiosa: os atos de penitência, que têm seu correlato na neurose obsessiva.

Já assinalamos, como característica curiosa e menosprezável da neurose obsessiva, que seus cerimoniais se prendem aos atos menores da vida cotidiana e se expressam através de restrições e regulamentações tolas em conexão com eles. Só compreendemos esse singular aspecto do quadro clínico quando percebemos que os mecanismo do *deslocamento* psíquico, por mim descoberto inicialmente na construção de sonhos, domina os processos mentais da neurose obsessiva. Os poucos exemplos de atos obsessivos já citados tornam claro que o simbolismo e os pormenores desses mesmos atos resultam de um deslocamento, da substituição do elemento real e importante por um trivial - por exemplo, do marido pela cadeira. É essa tendência para o deslocamento que modifica progressivamente o quadro clínico, terminando por transformar um fato extremamente banal em algo da maior urgência e importância. É inegável que também no campo religioso existe uma tendência para o deslocamento de valores psíquicos, e em sentido análogo, de forma que os cerimoniais triviais da prática religiosa gradualmente adquirem um caráter essencial, tomando o lugar dos pensamentos fundamentais. Por isso é que as religiões sofrem reformas de caráter retroativo, que visam restabelecer o equilíbrio original dos valores.

O caráter de conciliação que os atos obsessivos possuem em sua qualidade de sintomas neuróticos não é tão evidente nas práticas religiosas correspondentes. Mas também nestas descobrimos esse aspecto das neuroses quando lembramos a freqüência com que são cometidos, justamente em nome da religião e aparentemente por sua causa, todos os atos proibidos pela mesma - ou seja, as expressões dos instintos por ela reprimidos.

Diante desses paralelos e analogias podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. A semelhança

fundamental residiria na renúncia implícita à ativação dos instintos constitucionalmente presentes; e a principal diferença residiria na natureza desses instintos, que na neurose são exclusivamente sexuais em sua origem, enquanto na religião procedem de fontes egoístas.

A renúncia progressiva aos instintos constitucionais, cuja ativação proporcionaria o prazer primário do ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana. Uma parcela dessa repressão instintual é efetuada por suas religiões, ao exigirem do indivíduo que sacrifique à divindade seu prazer instintual: 'A vingança é minha, diz o Senhor'. No desenvolvimento das religiões antigas, pode-se ver que muitas coisas a que a humanidade renunciou como sendo 'iniquidades' haviam sido abandonadas à divindade e ainda eram permitidas em seu nome, de modo que a atribuição a ela dos instintos maus e socialmente nocivos era o meio como o homem se libertava da dominação deles. Por isso, e não por casualidade, todos os atributos humanos, inclusive os crimes que deles derivam, foram imputados, num grau ilimitado, aos deuses antigos. Nem tampouco é uma contradição que, apesar disso, não fosse permitido ao homem justificar suas próprias iniquidades com o exemplo divino.

Viena, fevereiro de 1907.

O ESCLARECIMENTO SEXUAL DAS CRIANÇAS (CARTA ABERTA AO DR. M. FÜRST) (1907)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ZUR SEXUELLEN AUFKLÄRUNG DER KINDER
(OFFENER BRIEF AN DR. M. FÜRST)

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1907 *Soz. Med. Hyg.*, 2 (6) [junho], 360-7.

1909 *S.K.S.N.*, 2, 151-8. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.*, 5, 134-42.

1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 7-16.

1941 *G.W.*, 7, 19-27.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'The Sexual Enlightenment of Children. An Open Letter to Dr. M. Fürst'

1924 *C.P.*, 2, 36-44. (Trad. de E. B. M. Herford.)

A presente tradução baseia-se na que foi publicada em 1924.

Esta carta foi escrita a pedido de um médico de Hamburgo, o Dr. M. Fürst, para ser publicada num periódico dedicado à higiene e à medicina social, de que o mesmo era editor. Ernest Jones (1955, 327-8) conta-nos que Freud expôs o assunto de forma mais detalhada num debate realizado na Sociedade Psicanalítica de Viena a 12 de maio de 1909, já tendo discutido o assunto na reunião de 18 de dezembro de 1907. (Ver *Minutes*, 1.) Trinta anos mais tarde, ele volta ao tópico da instrução sexual das crianças no último parágrafo da Seção IV do seu artigo 'Análise Terminável e Interminável' (1937c), mostrando que a questão é consideravelmente menos simples do que como aparece na presente abordagem.

O ESCLARECIMENTO SEXUAL DAS CRIANÇAS (CARTA ABERTA AO DR. M. FÜRST)

Caro Dr. Fürst,

Ao solicitar minha opinião sobre 'o esclarecimento sexual das crianças', presumo que não deseja um tratado formal e completo do assunto que leve em conta a extensa literatura existente

sobre a questão, mas o juízo independente de um médico a quem a atividade profissional concedeu oportunidades especiais para ocupar-se dos problemas sexuais. Sei que tem acompanhado meus esforços científicos com interesse, não refutando minhas idéias sem examiná-las, como fizeram muitos de nossos colegas, por eu considerar a constituição psicosexual e certos males da vida sexual como as causas primordiais das perturbações neuróticas, que são tão comuns. Há pouco seu periódico também acolheu amavelmente os meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* [1905d], nos quais descrevi como o instinto sexual se compõe e os distúrbios que podem ocorrer, em seu desenvolvimento, na função da sexualidade.

Todavia, o senhor espera que eu responda aos seguintes quesitos: devem as crianças ser esclarecidas sobre os fatos da vida sexual, em que idade isso deve ocorrer e de que modo isso deve ser realizado. Permita-me dizer, inicialmente, que acho perfeitamente razoável o exame dos dois últimos pontos, mas que me é de todo incompreensível que existam divergências sobre o primeiro. Que propósito se visa atingir negando às crianças, ou aos jovens, esclarecimento desse tipo sobre a vida sexual dos seres humanos? Será por medo de despertar prematuramente seu interesse por tais assuntos, antes que o mesmo irrompa de forma espontânea? Será na esperança de que o ocultamento possa retardar o aparecimento do instinto sexual por completo, até que este possa encontrar seu caminho pelos únicos canais que lhe são abertos em nossa sociedade de classe média? Será que acreditamos que as crianças não se interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não os compreenderão, se não forem impelidos a tal por influências externas? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios? Ou será que se pretende genuína e seriamente que mais tarde elas venham a considerar degradante e desprezível tudo que se relacione com o sexo, já que seus pais e professores quiseram mantê-las afastadas dessas questões o maior tempo possível?

Na verdade ignoro em qual dessas proposições se deve procurar o motivo de se ocultar das crianças aquilo que é sexual, ocultação que de fato é levada a cabo. Sei apenas que são todas igualmente absurdas e indignas de uma contestação judiciosa. Lembro-me, porém, de que encontrei na correspondência familiar do grande pensador e filantropo Multatuli, algumas linhas que constituem uma resposta mais do que adequada:

‘A meu ver, certas coisas são, em geral, exageradamente encobertas. É justo conservar pura a imaginação de uma criança, mas não é a ignorância que irá preservar essa pureza. Ao contrário, acho que a ocultação conduz o menino ou menina a suspeitar mais do que nunca da verdade. A curiosidade nos leva a esmiuçar coisas que teriam pouco ou nenhum interesse para nós, se tivéssemos sido informados com simplicidade. Se fosse possível manter essa ignorância inalterada, eu poderia aceitá-la, mas isso é impossível. O convívio com outras crianças, as leituras que induzem à reflexão e o mistério com que os pais cercam fatos que terminam por vir à tona, tudo isso na verdade intensifica o desejo de conhecimento. Esse desejo, satisfeito apenas parcialmente e em segredo, excita seu sentimento e corrompe sua imaginação, de forma que a

criança já peca enquanto os pais ainda acreditam que ela desconhece o pecado.’

Eu não sei como a questão poderia ser mais bem expressa, mas talvez possa acrescentar algumas observações. Certamente são apenas a pudicícia usual dos adultos e sua má consciência em relação a assuntos sexuais que os induzem a criar todo esse mistério diante das crianças, mas é possível que também uma certa ignorância teórica desempenhe seu papel nessa atitude, ignorância que pode ser remediada dando aos adultos algum esclarecimento. É crença geral que o instinto sexual inexistente nas crianças, só começando a irromper na puberdade, com a maturação dos órgãos sexuais. Esse erro grosseiro que acarreta sérias conseqüências, tanto no conhecimento quanto na prática, é tão facilmente corrigido pela observação que é de admirar que alguém possa incorrer no mesmo. Na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido sensações e atividades sexuais. Quem se interessar por um exame detalhado dessas asserções, poderá encontrá-lo em meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, a que me referi acima. Ali verá que os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que geram sensações de prazer sexual, e que a natureza dispôs as coisas de tal forma que as estimulações reais dos genitais são inevitáveis na primeira infância. Esse período de vida, durante o qual uma certa cota do que é sem dúvida prazer sexual é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos, é conhecido como o período de *auto-erotismo*, para usar um termo introduzido por Havelock Ellis [1898]. A puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora. Naturalmente esse processo pode sofrer certas inibições, e em muitas pessoas (que tendem a se tornar mais tarde pervertidas ou neuróticas) não se completa senão imperfeitamente. Por outro lado, muito antes da puberdade a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor - por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme. Com freqüência, uma irrupção desses estados mentais associa-se às sensações físicas de excitação sexual, de modo que a criança não pode ficar em dúvida quanto à conexão entre ambos. Em resumo, com exceção do seu poder de reprodução, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar; e pode-se afirmar que o clima de mistério apenas a impede de apreender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta.

O interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo, o seu desejo de conhecimento sexual, revela-se numa idade surpreendentemente tenra. Se observações como as que exporei a seguir não são feitas com maior freqüência, é apenas por estarem os pais cegos a esse interesse de seus filhos ou porque, se não o conseguem ignorar, tentam imediatamente abafá-lo. Conheço um encantador menino de quatro anos, filho de pais compreensivos que se abstiveram de reprimir uma parte de seu desenvolvimento. O pequeno Hans certamente não foi exposto a nada da

natureza de uma sedução pela babá, mas, apesar disso, já há algum tempo demonstrava um vivo interesse por aquela parte do seu corpo que ele chama de 'pipi'. Aos três anos, perguntou à mãe: 'Mamãe, você também tem um pipi?' Ela respondeu: 'Naturalmente. O que é que você acha?' Também ao pai ele perguntou várias vezes a mesma coisa. Nessa época, ao entrar pela primeira vez num estábulo, viu uma vaca ser ordenhada. 'Olhe só!' exclamou surpreso, 'sai leite do pipi dela'. Aos três anos e nove meses parecia a caminho de por si mesmo fazer a descoberta de categorias corretas, através de suas observações. Ao ver sair água de uma locomotiva, exclamou: 'Veja, a máquina está fazendo pipi. Onde está o pipi dela?' E acrescentou, depois de refletir: 'O cachorro e o cavalo têm pipis; a mesa e a cadeira não têm.' Recentemente, olhava a irmãzinha de sete dias tomar banho, quando comentou: 'O pipi dela é muito pequeno, mas vai ficar grande quando ela crescer.' (Sei da mesma atitude em relação ao problema da diferença dos sexos em outros meninos da mesma idade.) Gostaria de deixar claro que o pequeno Hans não é uma criança sensual, nem com disposição patológica. A meu ver, o que acontece é que, não tendo sofrido intimidações e não tendo sido oprimido por nenhum sentimento de culpa, ele expressa candidamente aquilo que pensa.

O segundo grande problema a ocupar a mente de uma criança - um pouco mais tarde, sem dúvida - é o da origem dos bebês. Isso geralmente é despertado pelo indesejado nascimento de um irmão ou de uma irmã. Trata-se da questão mais remota e premente a atormentar a humanidade imatura. Os que sabem interpretar os mitos e as lendas podem identificá-lo no enigma que a Esfinge de Tebas apresenta a Édipo. As respostas usualmente concedidas à criança danificam seu genuíno instinto de investigação e, via de regra, também desferem o primeiro golpe na confiança que ela deposita em seus pais. Dessa data em diante, geralmente começa a desconfiar dos adultos e a esconder deles seus interesses mais íntimos. O pequeno documento que se segue mostra como essa curiosidade pode ser aflitiva em crianças mais velhas. Trata-se de uma carta escrita por uma menina de onze anos, órfã de mãe, que havia debatido o problema com sua irmã mais nova.

'Cara tia Mali,

'Será que a senhora poderia fazer o favor de me dizer como teve Christel e Paul? A senhora deve saber, pois é casada. Nós estávamos discutindo sobre isso ontem e queríamos saber a verdade. Não sabemos a quem mais perguntar. Quando a senhora virá a Salzburg? Sabe, tia Mali, não conseguimos compreender como as cegonhas trazem os bebês. Trudel achava que ela os trazia numa camisa. Também queremos saber se as cegonhas apanham os bebês no lago, e por que nunca vimos nenhum bebê no lago. E, por favor, diga-me como é que a gente sabe de antemão quando vai ter um bebê. Escreva-me contando tudo sobre isso.

'Com mil beijos e abraços de todos,

'Sua sobrinha curiosa,

Lili.'

Não acredito que essa enternecedora carta tenha trazido às duas irmãs o esclarecimento

desejado. Posteriormente a autora da mesma adoeceu, vítima da neurose que surge de perguntas inconscientes não respondidas - da meditação obsessiva.

Não me parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige. Certamente se a intenção dos educadores é sufocar a capacidade da criança de pensamento independente, em favor de uma pretensa 'bondade' que tanto valorizam, não poderiam escolher melhor caminho do que ludibriá-la em questões sexuais e intimidá-la pela religião. As naturezas mais fortes, é verdade, resistirão a tais influências e se tornarão rebeldes contra a autoridade dos pais e, mais tarde, contra qualquer outra autoridade. Se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo, levando-as a procurar soluções nas quais a verdade advinhada mescla-se da forma mais extravagante a grotescas falsidades, e a trocar entre si informações furtivas em que o sexo é apresentado como uma coisa horrível e nauseante, em conseqüência do sentimento de culpa dos jovens curiosos. Valeria a pena coletar e examinar essas teorias sexuais infantis. Daí em diante as crianças, em geral, deixam de ter diante do sexo a única atitude adequada, e muitas nunca irão recuperá-la.

Parece que a grande maioria dos autores, homens e mulheres, que escrevem sobre o esclarecimento sexual da juventude, conclui em seu favor. Contudo, a inépcia da maior parte de suas propostas quanto ao momento e ao modo de realizar esse esclarecimento leva-nos a pensar que tiveram dificuldade de chegar a uma conclusão. Entre as obras que conheço sobre o assunto, distingue-se, com brilhante exceção, a encantadora carta de explicação que uma certa Frau Emma Eckstein cita como tendo sido escrita por ela ao filho de dez anos. O método habitualmente utilizado não é, obviamente, o correto: oculta-se das crianças todo conhecimento sexual pelo maior tempo possível, e então, em termos pomposos e solenes, a verdade, ou melhor, uma meia verdade, lhes é revelada de uma só vez, em geral demasiado tarde. A maior parte das respostas à pergunta 'Como contar a meus filhos?' dá, pelo menos a mim, uma impressão tão lamentável que eu preferiria que os pais não se ocupassem desse esclarecimento. O que realmente importa é que as crianças nunca sejam levadas a pensar que desejamos fazer mais mistério dos fatos da vida sexual do que de qualquer outro assunto ainda não acessível à sua compreensão; para nos assegurarmos disso, é necessário que, de início, tudo que se referir à sexualidade seja tratado como os demais fatos dignos de conhecimento. Acima de tudo, é dever das escolas não evitar a menção dos assuntos sexuais. Os fatos básicos da reprodução e sua significação deviam ser incluídos nas lições sobre o reino animal, e ao mesmo tempo deveria ser enfatizado que o homem compartilha o essencial de sua organização com os animais superiores. Então, desde que o ambiente familiar da criança não tenda a refrear diretamente o pensamento infantil através da intimidação, é provável que ocorra com maior freqüência o que certa vez ouvi por acaso entre crianças. Um menino disse à irmãzinha: 'Como é que você pode acreditar que as cegonhas trazem os bebês? Não sabe que o homem é mamífero? Será que você também acredita que a cegonha traga os filhotes de todos os mamíferos?'

A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem. Assim, no final do curso elementar [*Volksschule*], antes que inicie o curso intermediário [*Mittelschule*], isto é, em torno dos dez anos de idade, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da sexualidade humana e sobre a significação social desta. A época da confirmação seria a mais adequada para instruir a criança, que a essa altura deverá ter um completo conhecimento de todos os fatos físicos, sobre as obrigações morais que estão associadas à satisfação real do instinto. Um esclarecimento sobre a vida sexual que se desenvolva de forma gradual, nos moldes que acima descrevemos, sem interrupções e por iniciativa da própria escola, parece-nos ser o único que leva em conta o desenvolvimento da criança e que consegue evitar os perigos que estão envolvidos.

Considero um avanço muito significativo na educação infantil que na França o Estado tenha introduzido, em lugar do catecismo, um manual que dá à criança as primeiras noções de sua situação como cidadão e dos deveres éticos que deverá assumir mais tarde. No entanto, essa educação elementar continuará com sérias deficiências enquanto não abranger o campo da sexualidade. Esta é uma lacuna que deveria merecer a atenção dos educadores e reformadores. Nos países onde colocaram a educação das crianças total ou parcialmente nas mãos do clero será, naturalmente, impossível levantar o problema. Um sacerdote nunca admitirá que os homens e os animais tenham a mesma natureza, pois não pode abdicar da imortalidade da alma, que lhe é necessária como base de seus preceitos morais. Mais uma vez vemos aqui a insensatez de colocar um único remendo de seda num casaco esfarrapado, isto é, a impossibilidade de efetuar uma reforma isolada sem alterar as bases de todo o sistema.

ESCRITORES CRIATIVOS E DEVANEIO (1908 [1907])

NOTA DO EDITOR INGLÊS

DER DICHTER UND DAS PHANTASIEREN

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

(1907 6 de dezembro. Pronunciado como conferência)

1908 *Neue Revue*, 1 (10) [março], 716-2.

1909 *S.K.S.N.*, 2, 197-206 (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.* 10, 229-239.

1924 *Dichtung und Kunst*, 3-14.

1941 *G.W.*, 7, 213-223.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'*The Relation of the Poet to Day-Dreaming*'

1925 *C.P.*, 4, 172-183. (Trad. de I. F. Frant Duff.)

A presente tradução, com um título alterado, é uma versão modificada da publicada em 1925.

Este trabalho foi originalmente pronunciado como conferência a 6 de dezembro de 1907, diante de uma platéia de noventa pessoas, nos salões do editor e livreiro vienense Hugo Heller, que também era membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Um minucioso resumo da conferência apareceu, no dia seguinte, no diário vienense *Die Zeit*, mas a versão completa de Freud foi publicada pela primeira vez no início de 1908, num novo periódico literário de Berlim.

Alguns problemas da literatura criativa haviam sido mencionados pouco antes no estudo de Freud sobre *Gradiva* (por exemplo, em [1]), e cerca de um ou dois anos antes ele examinara a questão em um ensaio não publicado sobre 'Tipos Psicopáticos no Palco' (1924a [1905]). O interesse principal deste artigo, como do que se segue, escrito na mesma época, reside no exame das fantasias.

ESCRITORES CRIATIVOS E DEVANEIOS

Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade - como o Cardeal que fez uma idêntica indagação a Ariosto - em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes. Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória; e de forma alguma ele é enfraquecido por sabermos que nem a mais clara compreensão interna (*insight*) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa em nada irá contribuir para *nos tornar* escritores criativos.

Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária! Uma investigação dessa atividade nos daria a esperança de obter as primeiras explicações do trabalho criador do escritor. E, na verdade, essa perspectiva é

possível. Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta.

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o 'brincar' infantil do 'fantasiar'.

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. Dá [em alemão] o nome de '*Spiel*' ['peça'] às formas literárias que são necessariamente ligadas a objetos tangíveis e que podem ser representadas. Fala em '*Lustspiel*' ou '*Trauerspiel*' ['comédia' e 'tragédia': literalmente, 'brincadeira prazerosa' e 'brincadeira lutuosa'], chamando os que realizam a representação de '*Schauspieler*' ['atores': literalmente, 'jogadores de espetáculo']. A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor.

Existe uma outra circunstância que nos leva a examinar por mais alguns instantes essa oposição entre a realidade e o brincar. Quando a criança cresce e pára de brincar, após esforçar-se por algumas décadas para encarar as realidades da vida com a devida seriedade, pode colocar-se certo dia numa situação mental em que mais uma vez desaparece essa oposição entre o brincar e a realidade. Como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo *humor*.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de

brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada.

As fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças. A criança, é verdade, brinca sozinha ou estabelece um sistema psíquico fechado com outras crianças, com vistas a um jogo, mas mesmo que não brinque em frente dos adultos, não lhes oculta seu brinquedo. O adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias. Pode acontecer, conseqüentemente, que acredite ser a única pessoa a inventar tais fantasias, ignorando que criações desse tipo são bem comuns nas outras pessoas. A diferença entre o comportamento da pessoa que brinca e da fantasia é explicada pelos motivos dessas duas atividades, que, entretanto, são subordinadas uma à outra.

O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo - que auxilia o seu desenvolvimento -, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando 'de adulto', imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não tem motivos para ocultar esse desejo. Já com o adulto o caso é diferente. Por um lado, sabe que dele se espera que não continue a brincar ou a fantasiar, mas que atue no mundo real; por outro lado, alguns dos desejos que provocaram suas fantasias são de tal gênero que é essencial ocultá-las. Assim, o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas.

Mas, indagarão os senhores, se as pessoas fazem tanto mistério a respeito do seu fantasiar, como os conhecemos tão bem? É que existe uma classe de seres humanos a quem, não um deus, mas uma deusa severa - a Necessidade - delegou a tarefa de revelar aquilo de que sofrem e aquilo que lhes dá felicidade. São as vítimas de doenças nervosas, obrigadas a revelar suas fantasias, entre outras coisas, ao médico por quem esperam ser curadas através de tratamento mental. É esta a nossa melhor fonte de conhecimento, e desde então sentimo-nos justificados em supor que os nossos pacientes nada nos revelam que não possamos também ouvir de pessoas saudáveis.

Vamos agora examinar algumas características do fantasiar. Podemos partir da tese de que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita. As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória. Os desejos motivadores variam de acordo com o sexo, o caráter e as circunstâncias da pessoa que fantasia, dividindo-se naturalmente em dois grupos principais: ou são desejos ambiciosos, que se destinam a elevar a personalidade do sujeito, ou são desejos eróticos. Nas mulheres jovens predominam, quase com exclusividade, os desejos eróticos, sendo em geral sua ambição absorvida pelas tendências eróticas. Nos homens jovens os desejos egoístas e ambiciosos ocupam o primeiro plano, de forma bem clara, ao lado dos desejos eróticos. Mas não

acentuaremos a oposição entre essas duas tendências, preferindo salientar o fato de que estão freqüentemente unidas. Assim como em muitos retábulos em que é visível num canto qualquer o retrato do doador, na maioria das fantasias de ambição podemos descobrir em algum canto a dama a que seu criador dedicou todos aqueles feitos heróicos e a cujos pés deposita seus triunfos. Veremos que aqui existem motivos bem fortes para ocultamento; à jovem bem educada só é permitido um mínimo de desejos eróticos, e o rapaz tem de aprender a suprimir o excesso de auto-estima remanescente de sua infância mimada, para que possa encontrar seu lugar numa sociedade repleta de outros indivíduos com idênticas reivindicações.

Não devemos supor que os produtos dessa atividade imaginativa - as diversas fantasias, castelos no ar e devaneios - sejam estereotipados ou inalteráveis. Ao contrário, adaptam-se às impressões mutáveis que o sujeito tem da vida, alterando-se a cada mudança de sua situação e recebendo de cada nova impressão ativa uma espécie de 'carimbo de data de fabricação.' A relação entre a fantasia e o tempo é, em geral, muito importante. É como se ela flutuasse entre três tempos - os três momentos abrangidos pela nossa ideação. O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une.

Um exemplo bastante comum pode servir para tornar claro o que eu disse. Tomemos o caso de um pobre órfão que se dirige a uma firma onde talvez encontre trabalho. A caminho, permite-se um devaneio adequado à situação da qual este surge. O conteúdo de sua fantasia talvez seja, mais ou menos, o que se segue. Ele consegue o emprego, conquista as boas graças do novo patrão, torna-se indispensável, é recebido pela família do patrão, casa-se com sua encantadora filha, é promovido a diretor da firma, primeiro na posição de sócio do seu chefe, e depois como seu sucessor. Nessa fantasia, o sonhador reconquista o que possui em sua feliz infância: o lar protetor, os pais amantíssimos e os primeiros objetos do seu afeto. Esse exemplo mostra como o desejo utiliza uma ocasião do presente para construir, segundo moldes do passado, um quadro do futuro.

Há muito mais a dizer sobre as fantasias, mas limitar-me-ei a salientar aqui, de forma sucinta, mais alguns aspectos. Quando as fantasias se tornam exageradamente profusas e poderosas, estão assentes as condições para o desencadeamento da neurose ou da psicose. As fantasias também são precursoras mentais imediatas dos penosos sintomas que afligem nossos pacientes, abrindo-se aqui um amplo desvio que conduz à patologia.

Não posso ignorar a relação entre as fantasias e os sonhos. Nossos sonhos noturnos nada mais são do que fantasias dessa espécie, como podemos demonstrar pela interpretação de sonhos. A linguagem, com sua inigualável sabedoria, há muito lançou luz sobre a natureza básica

dos sonhos, denominando de 'devaneios' as etéreas criações da fantasia. Se, apesar desse indício, geralmente permanece obscuro o significado de nossos sonhos, isto é por causa da circunstância de que à noite também surgem em nós desejos de que nos envergonhamos; têm de ser ocultos de nós mesmos, e foram conseqüentemente reprimidos, empurrados para o inconsciente. Tais desejos reprimidos e seus derivados só podem ser expressos de forma muito distorcida. Depois que trabalhos científicos conseguiram elucidar o fator de *distorção onírica*, foi fácil constatar que os sonhos noturnos são realização de desejos, da mesma forma que os devaneios - as fantasias que todos conhecemos tão bem.

Deixemos agora as fantasias e passemos ao escritor criativo. Acaso é realmente válido comparar o escritor imaginativo ao 'sonhador em plena luz do dia', e suas criações com os devaneios? Inicialmente devemos estabelecer uma distinção, separando os escritores que, como os antigos poetas egípcios e trágicos, utilizam temas preexistentes, daqueles que parecem criar o próprio material. Vamos examinar esses últimos, e, para os nossos fins, não escolheremos os mais aplaudidos pelos críticos, mas os menos pretensiosos autores de novelas, romances e contos, que gozam, entretanto, da estima de um amplo círculo de leitores entusiastas de ambos os sexos. Nas criações desses escritores um aspecto salienta-se de forma irrefutável: todas possuem um herói, centro do interesse, para quem o autor procura de todas as maneiras possíveis dirigir a nossa simpatia, e que parece estar sob a proteção de uma Providência especial. Se ao fim de um capítulo deixamos o herói ferido, inconsciente e esvaindo-se em sangue, com certeza o encontraremos no próximo cuidadosamente assistido e próximo da recuperação. Se o primeiro volume termina com o naufrágio do herói, no segundo logo o veremos milagrosamente salvo, sem o que a história não poderia prosseguir. O sentimento de segurança com que acompanhamos o herói através de suas perigosas aventuras é o mesmo com que o herói da vida real atira-se à água para salvar um homem que se afoga, ou se expõe à artilharia inimiga para investir contra uma bateria. Este é o genuíno sentimento heróico, expresso por um dos nossos melhores escritores numa frase inimitável. 'Nada *me* pode acontecer!' Parece-me que através desse sinal revelador de invulnerabilidade, podemos reconhecer de imediato Sua Majestade o Ego, o herói de todo devaneio e de todas as histórias.

Outros traços típicos dessas histórias egocêntricas revelam idêntica afinidade. O fato de que todas as personagens femininas se apaixonam invariavelmente pelo herói não pode ser encarado como um retrato da realidade, mas será de fácil compreensão se o encarmos como um componente necessário do devaneio. O mesmo aplica-se ao fato de todos os demais personagens da história dividirem-se rigidamente em bons e maus, em flagrante oposição à verdade de caracteres humanos observáveis na vida real. Os 'bons' são aliados do ego que se tornou o herói da história, e os 'maus' são seus inimigos e rivais.

Sabemos que muitas obras imaginativas guardam boa distância do modelo do devaneio ingênuo, mas não posso deixar de suspeitar que até mesmo os exemplos mais afastados daquele modelo podem ser ligados ao mesmo através de uma seqüência ininterrupta de casos

transicionais. Notei que, na maioria dos chamados 'romances psicológicos', só uma pessoa - o herói - é descrita anteriormente, como se o autor se colocasse em sua mente e observasse as outras personagens de fora. O romance psicológico, sem dúvida, deve sua singularidade à inclinação do escritor moderno de dividir seu ego, pela auto-observação, em muitos egos parciais, e em consequência personificar as correntes conflitantes de sua própria vida mental por vários heróis. Certos romances, que poderíamos classificar de 'excêntricos', parecem contrapor-se ao devaneio modelo. Nestes, a pessoa apresentada como herói desempenha um papel muito pouco ativo; vê os atos e sofrimentos das demais pessoas como espectador. Muitos dos últimos romances de Zola pertencem a essa categoria. Mas devo assinalar que a análise psicológica de indivíduos que não são escritores criativos, e que em alguns aspectos se afastam da norma, mostrou-nos variações análogas do devaneio, nos quais o ego se contenta com o papel de espectador.

Para que nossa comparação do escritor imaginativo com o homem que devaneia e da criação poética com o devaneio tenha algum valor é necessário, acima de tudo, que se revele frutuosa, de uma forma ou de outra. Tentemos, por exemplo, aplicar à obra desses autores a nossa tese anterior referente à relação entre a fantasia e os três períodos de tempo, e o desejo que o entrelaça; e com seu auxílio estudemos as conexões existentes entre a vida do escritor e suas obras. Em geral, até agora não se formou uma idéia concreta da natureza dos resultados dessa investigação, e com frequência fez-se da mesma uma concepção simplista. À luz da compreensão interna (*insight*) de tais fantasias, podemos encarar a situação como se segue. Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga.

Não se alarmem ante a complexidade dessa fórmula. Na verdade suspeito que a mesma irá revelar-se como um esquema muito insuficiente. Entretanto, mesmo assim talvez ofereça uma primeira aproximação do verdadeiro estado de coisas; por experiências que realizei, inclino-me a pensar que essa visão das obras criativas pode produzir seus frutos. Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor - ênfase talvez desconcertante - deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil.

Não devemos esquecer, entretanto, de examinar aquele outro gênero de obras imaginativas, que não são uma criação original do autor, mas uma reformulação de material preexistente e conhecido (ver em [1]). Mesmo nessas obras o escritor conserva uma certa independência que se manifesta na escolha do material e nas alterações do mesmo, às vezes muito amplas. Embora esse material não seja novo, procede do tesouro popular dos mitos, lendas e contos de fadas. Ainda está incompleto o estudo de tais construções da psicologia dos povos, mas é muito provável que os mitos, por exemplo, sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas

de desejos de nações inteiras, os *sonhos seculares* da humanidade jovem.

Poderão dizer que, embora eu tenha colocado o escritor criativo em primeiro lugar no título deste artigo, me ocupei menos dele que das fantasias. Reconheço o fato, e devo tentar desculpar-me alegando o estado atual de nossos conhecimentos. Pude apenas oferecer certos encorajamentos e sugestões que, partindo do estudo das fantasias, levaram ao problema da escolha do material literário pelo escritor. Quanto ao outro problema - como o escritor criativo consegue em nós os efeitos emocionais provocados por suas criações -, ainda não o tocamos. Mas gostaria, ao menos, de indicar-lhes o caminho que do nosso exame das fantasias conduz aos problemas dos efeitos poéticos.

Devem estar lembrados de que eu disse (ver a partir de [1]) que o indivíduo que devaneia oculta cuidadosamente suas fantasias dos demais, porque sente ter razões para se envergonhar das mesmas. Devo acrescentar agora que, mesmo que ele as comunicasse para nós, o relato não nos causaria prazer. Sentiríamos repulsa, ou permaneceríamos indiferentes ao tomar conhecimento de tais fantasias. Mas quando um escritor criativo nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes. Como o escritor o consegue constitui seu segredo mais íntimo. A verdadeira *ars poetica* está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. Podemos perceber dois dos métodos empregados por essa técnica. O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Denominamos de *prêmio de estímulo* ou de prazer preliminar ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse *prazer preliminar*, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha. Isso nos leva ao limiar de novas e complexas investigações, mas também, pelo menos no momento, ao fim deste exame.

FANTASIAS HISTÉRICAS E SUA RELAÇÃO COM A BISSEXUALIDADE (1908)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

HYSTERISCHE PHANTASIEN UND IHRE BEZIEHUNG ZUR BISSEXUALITÄT

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1908 Z. *Sexualwiss.*, 1 (1) [janeiro], 27-34.

1909 S.K.S.N., 2, 138-145. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 G.S., 5, 246-254.

1941 G.W., 7, 191-199.

(b) TRADUÇÕES INGLESAS:

'Hysterical Fancies and their Relation to Bisexuality'

1909 S.P.H; 194-200. (Trad. de A.A.Brill.) (1912, 2ª ed.; 1920, 3ª ed.)

'Hysterical Phantasies and their Relation to Bisexuality'

1924 C.P., 2, 51-48. (Trad. de D. Bryan.)

A presente tradução é uma revisão da publicada em 1924.

Este artigo foi escrito originalmente para o *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen de Hirschfeld*, sendo transferido para um novo periódico recém-lançado pelo mesmo editor. Em 1897, no decurso de sua auto-análise, Freud percebera pela primeira vez a importância das fantasias como bases dos sintomas histéricos. Embora fizesse uma comunicação particular de suas descobertas a Fliess (ver, por exemplo, suas cartas de 7 de julho e 21 de setembro de 1897: Freud, 1950a, Cartas 66 e 69), só as publicou integralmente dois anos antes de escrever o presente artigo. (Ver Freud, 1906a), em [1], 1972.) A parte principal deste artigo é um novo exame da relação entre fantasias e sintomas; apesar do título, o tópico da bissexualidade surge quase como uma reflexão secundária. Deve ser assinalado, aliás, que o assunto das fantasias parece ser um tema dominante na mente de Freud na época deste artigo. Elas são novamente abordadas nos artigos sobre 'As Teorias Sexuais das Crianças' (ver em [2]), sobre 'Romances Familiares' (ver em [3]), sobre 'Escritores Criativos e Devaneio' (ver em [4]) e sobre 'Ataques Histéricos' (ver em [5]), assim como em muitos trechos do estudo de *Gräfin* (e.g. em [6]). Grande parte do material do presente artigo naturalmente já fora examinada. Ver, por exemplo, a análise de 'Dora' (1905e [1901]), ver a partir de [7], 1972, e os *Três Ensaios* (1905d), ver a partir de [8].

FANTASIAS HISTÉRICAS E SUA RELAÇÃO COM A BISSEXUALIDADE

Estamos familiarizados com as imaginações delirantes do paranóico acerca da grandeza ou dos sofrimentos do seu próprio eu (*self*), que aparecem em formas bem típicas e quase monótonas. Conhecemos também, através de numerosos relatos, os estranhos desempenhos pelos quais certos perversos encerram sua satisfação sexual, ou em idéia ou na realidade. Entretanto, talvez seja novidade para alguns leitores o fato de que estruturas psíquicas análogas estão presentes regularmente em todas as psiconeuroses, em particular na histeria, e de que podemos demonstrar terem essas estruturas - conhecidas como fantasias histéricas - importantes ligações com a acusação dos sintomas neuróticos.

Todas essas criações de fantasia têm sua fonte comum e seu protótipo normal nos chamados devaneios da juventude. Estes já foram examinados, embora insuficientemente, na literatura do assunto. Ocorrem talvez com igual frequência em ambos os sexos, sendo invariavelmente de natureza erótica nas jovens e mulheres, enquanto nos homens são tanto ambiciosos como eróticos. Não se deve, entretanto, atribuir uma importância secundária ao fator erótico nos homens; se investigarmos mais de perto os devaneios de um homem, veremos que seus feitos heróicos e seus triunfos só têm por finalidade agradar a uma mulher para que ela o prefira aos outros homens. Essas fantasias são satisfações de desejos originários de privações e anelos. São com justiça denominadas de 'devaneios', já que nos dão a chave para uma compreensão dos sonhos noturnos - nos quais o núcleo da formação onírica não consiste em nada mais do que em fantasias diurnas complicadas, que foram distorcidas e que são mal

compreendidas pela instância psíquica consciente.

Esses devaneios são catexizados com um vivo interesse; são acalentados carinhosamente pelo sujeito e em geral ocultos com muita sensibilidade. É fácil perceber na rua uma pessoa absorta num devaneio: fala sozinha, sorri subitamente distraída ou apressa o passo no momento em que a situação imaginada atinge o clímax. Todo ataque histérico que até hoje investiguei revelou a irrupção involuntária de tais devaneios, pois nossas observações não deixam dúvidas que tais fantasias tanto podem ser inconscientes como conscientes. Quando as últimas tornam-se inconscientes, podem tornar-se também patogênicas, isto é, podem expressar-se através de sintomas e ataques. Em circunstâncias favoráveis o sujeito ainda logra apreender uma tal fantasia inconsciente na consciência. Depois que chamei a atenção de uma das minhas pacientes para suas fantasias, ela me contou ter-se surpreendido em lágrimas na rua e, ao refletir no mesmo instante sobre o motivo deste pranto, ter conseguido capturar a fantasia que se segue. Em sua imaginação, ligara-se amorosamente a um conhecido pianista de sua cidade (embora não o conhecesse pessoalmente); em seguida fora abandonada, com o filho que tivera com ele (na verdade não tinha filhos), ficando na miséria. Fora nesse momento de sua fantasia que irrompera em lágrimas.

As fantasias inconscientes podem ter sido sempre inconscientes e formadas no inconsciente; ou, o que acontece com maior freqüência, foram inicialmente fantasias conscientes, devaneios, desde então deliberadamente esquecidas, tornando-se inconscientes através da 'repressão'. O conteúdo delas pode, posteriormente, ter permanecido o mesmo ou sofrido alterações, de modo que as fantasias inconscientes atuais são derivadas das conscientes. Uma fantasia inconsciente tem uma conexão muito importante com a vida sexual do sujeito, pois é idêntica à fantasia que serviu para lhe dar satisfação sexual durante um período de masturbação. Nesse período, o ato masturbatório (no sentido mais amplo da palavra) compunha-se de duas partes. Uma era a evocação de uma fantasia e a outra um comportamento ativo para, no momento culminante da fantasia, obter autogratificação. Como sabemos, esse composto estava em si simplesmente soldado junto. Originalmente o ato era um processo puramente auto-erótico que visava obter prazer de uma determinada parte do corpo, que pode ser denominada de erógena. Mais tarde, esse ato fundiu-se a uma idéia plena de desejo pertencente à esfera do amor objetual, e serviu como realização parcial da situação em que culminou a fantasia. Quando, posteriormente, o sujeito renuncia a esse tipo de satisfação, composto de masturbação e fantasia, o ato é abandonado, e a fantasia passa de consciente a inconsciente. Se não obtém outro tipo de satisfação sexual, o sujeito permanece abstinente; se não consegue sublimar sua libido - isto é, se não consegue defletir sua excitação sexual para fins mais elevados - estará preenchida a condição para que sua fantasia inconsciente reviva e se desenvolva, começando a atuar, pelo menos no que diz respeito a parte de seu conteúdo, com todo o vigor da sua necessidade de amor, sob a forma de sintoma patológico.

Dessa forma as fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de toda

uma série de sintomas histéricos. Estes nada mais são do que fantasias inconscientes exteriorizadas por meio da 'conversão'; quando os sintomas são somáticos, com freqüência são retirados do círculo das mesmas sensações sexuais e inervações motoras que originalmente acompanhavam as fantasias quando estas ainda eram inconscientes. Assim é anulada a renúncia ao hábito da masturbação e atingido o propósito de todo o processo patológico, que é o restabelecimento da satisfação sexual primária original - embora nunca, é verdade, de forma completa, mas numa espécie de aproximação.

Quem estudar a histeria, portanto, logo transferirá seu interesse dos sintomas para as fantasias que lhes deram origem. A técnica da psicanálise nos permite em primeiro lugar inferir dos sintomas o que essas fantasias inconscientes são, e então torná-las conscientes para o paciente. Dessa maneira descobriu-se que o conteúdo das fantasias inconscientes do histérico corresponde em sua totalidade às situações nas quais os perversos obtêm conscientemente satisfação; e se alguém desejar exemplos de tais situações, basta recordar-se das mundialmente famosas proezas dos imperadores romanos, cujos selvagens excessos eram determinados, naturalmente, pelo enorme e irrestrito poder dos autores das fantasias. Os delírios dos paranóicos são fantasias da mesma natureza, embora se tenham tornado diretamente conscientes. Dependem dos componentes sadomasoquistas do instinto sexual, e também podem encontrar um correspondente completo em certas fantasias inconscientes de sujeitos histéricos. Também conhecemos casos, com sua importância prática, nos quais os histéricos não dão expressão às suas fantasias sob a forma de sintomas, mas como realizações conscientes, e assim tramam e encenam estupros, ataques ou atos de agressão sexual.

Esse método de investigação psicanalítica, que dos sintomas visíveis conduz às fantasias inconscientes ocultas, revela-nos tudo que é possível conhecer sobre a sexualidade dos psiconeuróticos, inclusive o fato que deve ser o tópico principal dessa breve publicação preliminar.

Provavelmente devido às dificuldades que as fantasias inconscientes encontram em seus esforços de expressão, a relação das fantasias com os sintomas não é simples, mas, ao contrário, bem complexa. Via de regra, quando a neurose está plenamente desenvolvida e persiste há algum tempo, um determinado sintoma não corresponde a uma única fantasia inconsciente, mas a várias fantasias desse gênero, e essa correspondência não é arbitrária, mas obedece a um padrão regular. Sem dúvida, no início da doença ainda não se desenvolveram de todo essas complicações.

Considerando o interesse geral, vou afastar-me neste ponto das diretrizes deste trabalho e interpolar aqui uma série de fórmulas que tentam oferecer uma visão progressiva da natureza dos sintomas histéricos. Essas fórmulas não se contradizem, mas enquanto algumas examinam os fatos de forma cada vez mais completa e precisa, outras representam a aplicação de pontos de vista diferentes.

(1) Os sintomas histéricos são símbolos mnêmicos de certas impressões e experiências (traumáticas) operativas.

(2) Os sintomas histéricos são substitutos, produzidos por 'conversão', para o retorno associativo dessas experiências traumáticas.

(3) Os sintomas histéricos são - como outras estruturas psíquicas - uma expressão da realização de um desejo.

(4) Os sintomas histéricos são a realização de uma fantasia inconsciente que serve à realização de um desejo.

(5) Os sintomas histéricos estão a serviço da satisfação sexual e representam uma parcela da vida sexual do sujeito (uma parcela que corresponde a um dos constituintes do seu instinto sexual).

(6) Os sintomas histéricos correspondem a um retorno a um modo de satisfação sexual que era real na vida infantil e que desde então tem sido reprimido.

(7) Os sintomas histéricos surgem como uma conciliação entre dois impulsos afetivos e instintuais opostos, um dos quais tenta expressar um instinto componente ou um inconsciente da constituição sexual, enquanto o outro tenta suprimi-lo.

(8) Os sintomas histéricos podem assumir a representação de vários impulsos inconscientes que não são sexuais, mas que possuem sempre uma significação sexual.

Dessas diversas definições, a sétima descreve de forma mais completa a natureza dos sintomas histéricos como sendo a realização de uma fantasia inconsciente, e a oitava concede ao fator sexual a sua devida significação. Algumas das fórmulas anteriores conduzem a essas duas últimas, estando nelas contidas.

Como demonstrei em meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* [1905d], a conexão entre os sintomas e as fantasias torna fácil chegar da psicanálise dos primeiros a um conhecimento dos componentes dos instintos sexuais que dominam o indivíduo. Em alguns casos, entretanto, uma investigação por esses meios produz resultado inesperado. Mostra que há muitos sintomas onde a exposição de uma fantasia sexual (ou de várias fantasias, uma das quais, a mais significativa e primitiva, é de natureza sexual) não é suficiente para efetuar a resolução dos sintomas. Para resolver isso é necessário ter duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino. Assim uma dessas fantasias origina-se de um impulso homossexual. Essa nova descoberta não altera nossa sétima fórmula. Continua sendo verdade que um sintoma histérico deve necessariamente representar uma conciliação entre um impulso libidinal e um impulso repressor, mas pode também representar a união de duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto.

Abster-me-ei de apresentar exemplos para comprovar essa tese. A experiência ensinou-me que análises curtas, condensadas em resumos, nunca possuem o efeito persuasório que desejaríamos que produzissem; por outro lado, relatos de casos longamente analisados devem ser deixados para outra ocasião.

Portanto, contentar-me-ei em expor uma nova fórmula e em explicar sua significação.

(9) Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina.

Devo ressaltar que não posso reivindicar para essa fórmula a mesma validade geral que atribuí às outras. A meu ver, ela não se aplica a todos os sintomas de um caso, nem a todos os casos. Ao contrário, não é difícil encontrar casos em que os impulsos pertencentes a sexos opostos encontraram expressão sintomática independente, de modo que os sintomas de heterossexualidade e os de homossexualidade podem ser tão claramente diferenciados entre si como as fantasias ocultas por trás deles. Entretanto, a situação descrita na nova fórmula é bastante comum e suficientemente importante quando ocorre para merecer uma ênfase especial. Parece-me constituir o mais alto grau de complexidade que a determinação de um sintoma histérico pode atingir, e que só esperaríamos encontrar numa neurose de longa duração e já muito organizada.

A natureza bissexual dos sintomas histéricos, que pode ser demonstrada em numerosos casos, constitui uma interessante confirmação da minha concepção de que, na análise dos psiconeuróticos, se evidencia de modo especialmente claro a pressuposta exigência de uma disposição bissexual inata no homem. Uma situação exatamente análoga ocorre no mesmo campo quando uma pessoa que se masturba tenta em suas fantasias conscientes ter tanto os sentimentos do homem quanto os da mulher na situação por ela concebida. Encontraremos outros correlatos em certos ataques histéricos nos quais o paciente desempenha simultaneamente ambos os papéis na fantasia sexual subjacente. Em um caso que observei, por exemplo, a paciente pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher), enquanto tentava arrancá-lo com a outra (como homem). Essa simultaneidade de atos contraditórios serve, em grande parte, para obscurecer a situação, que por outro lado é tão plasticamente retratada no ataque, estando assim em condições de ocultar a fantasia inconsciente que está em ação.

No tratamento psicanalítico é extremamente importante estar preparado para encontrar sintomas com significado bissexual. Assim não ficaremos surpresos ou confusos se um sintoma parece não diminuir, embora já tenhamos resolvido um dos seus significados sexuais, pois ele ainda é mantido por um, talvez insuspeito, que pertence ao sexo oposto. No tratamento de tais casos, além disso, podemos observar como o paciente se utiliza, durante a análise de um dos significados sexuais, da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela.

CARÁTER E EROTISMO ANAL (1908)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

CHARAKTER UND ANALEROTIK

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1908 *Psychiat.-neurolog. Wschr.*, 9 (52) [março], 465-7.

1909 *S.K.S.N.* 2, 132-7. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.*, 5, 261-7.

1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 62-8.

1941 *G.W.*, 7, 203-9.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'Character and Anal Erotism'

1924 *C.P.*, 2, 45-50. (Trad. de R.C. McWatters.)

A presente tradução é uma versão modificada da publicada em 1924.

O tema deste artigo já se tornou tão familiar que é difícil conceber a indignação e o assombro que ele provocou quando de sua primeira publicação. Segundo Ernest Jones (1955, 331-2), os três traços de caráter que são aqui associados ao erotismo anal já haviam sido mencionados por Freud em sua carta a Jung de 2 de outubro de 1906. Também os mencionou em algumas observações dirigidas à Sociedade Psicanalítica de Viena a 6 de março de 1907. (Ver *Minutes*, 1.) Em sua carta a Fliess de 22 de dezembro de 1897 (Freud, 1950a, Carta 79), associara dinheiro e avareza com fezes. Foi a análise do 'Rat Man' (1909d), concluída pouco antes, que em parte, sem dúvida o estimulou a escrever este artigo. Entretanto, só alguns anos mais tarde viria a examinar a conexão especial entre o erotismo anal e a neurose obsessiva, em 'A Disposição à Neurose Obsessiva' (1913i). Outro caso clínico, o do 'Homem dos Lobos' (1918b [1914]) levou a uma outra ampliação do tema aqui tratado - o artigo 'As Transformações do Instinto' (1917c).

CARÁTER E EROTISMO ANAL

Entre aqueles que tentamos ajudar com nossos esforços psicanalíticos, freqüentemente encontramos um certo tipo de indivíduo que se distingue por possuir determinados traços de caráter, e simultaneamente nossa atenção é atraída pelo comportamento, em sua infância, de uma de suas funções corporais e pelo órgão nela envolvido. Não posso agora precisar em que ocasião comecei a ter a impressão de que havia uma conexão orgânica entre esse tipo de caráter e esse comportamento de um órgão, mas posso assegurar ao leitor que nessa impressão não pesou qualquer suposição teórica.

A experiência acumulada fortaleceu de tal maneira minha crença na existência dessa conexão que me aventuro agora a torná-la objeto de uma comunicação.

As pessoas que passarei a descrever distinguem-se por uma combinação regular das três características que se seguem. Elas são especialmente *ordeiras*, *parcimoniosas* e *obstinadas*. Cada um desses vocábulos abrange, na realidade, um pequeno grupo ou série de traços de caráter interligados. 'Ordeiro' tanto abrange a noção de esmero individual como o escrúpulo no cumprimento de pequenos deveres e a fidedignidade. O contrário de ordeiro seria 'descuidado' e 'desordenado'. A parcimônia pode aparecer de forma exagerada como avareza, e a obstinação pode transformar-se em rebeldia, à qual podem facilmente associar-se a cólera e os ímpetos vingativos. Essas duas últimas características, a parcimônia e a obstinação, possuem entre si uma ligação mais estreita do que com a primeira - a ordem. Elas constituem também o elemento mais constante de todo o complexo. Parece-me, entretanto, que essas três características estão indubitavelmente ligadas entre si.

É fácil inferir da história da primeira infância desses indivíduos que os mesmos dispenderam um tempo relativamente longo para superar sua *incontinencia alvi* [incontinência fecal] infantil, e que na infância posterior sofreram falhas isoladas nessa função. Quando bebês, parecem ter pertencido ao grupo que se recusa a esvaziar os intestinos ao ser colocado no urinol, porque obtém um prazer suplementar do ato de defecar, pois nos revelam que em anos posteriores gostavam de reter as fezes, e se lembram - embora atribuam o fato mais facilmente em relação a irmãos e irmãs do que a si mesmos - de ter feito toda uma série de coisas indecorosas com suas fezes. Deduzimos de tais indicações que essas pessoas nasceram com uma constituição sexual na qual o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte. Mas como não há resquícios dessas fraquezas e idiossincrasias após o término de suas infâncias, devemos concluir que no decurso do seu desenvolvimento a zona anal perdeu sua significação erógena. É de se suspeitar que a regularidade com que essa tríade de propriedades apresenta-se no caráter dessas pessoas possa ser relacionada com o desaparecimento do erotismo anal.

Sei que ninguém está disposto a dar crédito a uma situação enquanto a mesma se afigura

ininteligível e não passível de explicação. Contudo, com a ajuda dos postulados que expus em 1905 em meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, podemos ao menos nos aproximar dos seus fatores básicos. Tentei demonstrar nesses ensaios que o instinto sexual do homem é altamente complexo e resultante da contribuição de numerosos constituintes e instintos componentes. A 'excitação sexual' recebe importantes contribuições das excitações periféricas de determinadas partes do corpo (os genitais, a boca, o ânus, a uretra), que assim merecem a designação especial de 'zonas erógenas'. Mas as quantidades de excitação que provêm dessas partes do corpo não sofrem as mesmas vicissitudes, nem têm destino igual em todos os períodos da vida. De modo geral, só uma parcela dela é utilizada na vida sexual; outra parte é defletida dos fins sexuais e dirigida para outros - um processo que denominamos de 'sublimação'. Durante o período de vida que vai do final do quinto ano às primeiras manifestações da puberdade (por volta dos onze anos) e que pode ser chamado de período de 'latência sexual', criam-se na mente formações reativas, ou contraforças, como a vergonha, a repugnância e a moralidade. Na verdade surgem às expensas das excitações provenientes das zonas erógenas e erguem-se como diques para opor-se às atividades posteriores dos instintos sexuais. Ora, o erotismo anal é um dos componentes do instinto [sexual] que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a nossa atual civilização exige, se tornarão inúteis para os fins sexuais. Portanto, é plausível a suposição de que esses traços de caráter - a ordem, a parcimônia e a obstinação -, com frequência relevantes nos indivíduos que anteriormente eram anal-eróticos, sejam os primeiros e mais constantes resultados da sublimação do erotismo anal. A limpeza, a ordem e a fidedignidade dão exatamente a impressão de uma formação reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo. ('Dirt is matter in the wrong place.'). Já não é fácil a tarefa de relacionar a obstinação com um interesse pela defecação, mas devíamos lembrar que até mesmo um bebê pode mostrar vontade própria quando se trata do ato de defecar, como vimos acima (ver em [1]), e que é costume bastante difundido na educação da criança administrar estímulos dolorosos à pele das nádegas - ligada à zona erógena anal - para quebrar a obstinação da criança e torná-la submissa. Ainda persiste hoje o convite a uma carícia na zona anal, como expressão de desafio ou desprezo, convite esse que corresponde na realidade a um ato de ternura que sucumbiu à repressão. A exibição das nádegas representa um abrandamento em gesto desse convite verbal. No *Götz von Berlichingen* de Goethe aparecem tanto as palavras como o gesto, em momento apropriado, como expressão de desafio.

As conexões entre os complexos do apego ao dinheiro e da defecação, aparentemente tão diversos, afiguram-se as mais extensas. Todo médico que já praticou a psicanálise sabe que os casos mais antigos e rebeldes daquilo que é descrito como constipação podem ser curados em neuróticos por essa forma de tratamento, fato menos surpreendente se recordarmos que essa função também se mostrou tratável pela sugestão hipnótica. Mas só alcançaremos esse resultado com a psicanálise se nos ocuparmos do complexo monetário dos pacientes e os induzirmos a trazê-lo à consciência, como todas as suas conexões. Talvez a neurose aqui apenas siga um

indício fornecido pela linguagem popular, que qualifica o indivíduo muito apegado ao seu dinheiro de 'sujo' ou 'imundo'. Mas essa explicação seria demasiadamente superficial. Na realidade, onde quer que tenham predominado ou ainda persistam as formas arcaicas do pensamento - nas antigas civilizações, nos mitos, nos contos de fadas e superstições, no pensamento inconsciente, nos sonhos e nas neuroses - o dinheiro é intimamente relacionado com a sujeira. Sabemos que o ouro entregue pelo diabo a seus bem-amados converte-se em excremento após sua partida, e o diabo nada mais é do que a personificação da vida instintual inconsciente reprimida. Também conhecemos a superstição que liga a descoberta de um tesouro com a defecação, e todos estão familiarizados com a figura do 'cagador de ducados' [*Dukatenscheisser*]. Na verdade, segundo as antigas doutrinas da Babilônia, o ouro são 'as fezes do Inferno' (Mammon = *ilu manman*). Assim, aqui como em outras ocasiões, a neurose, acompanhando os usos da linguagem, toma as palavras no seu sentido original e significativo; parecendo utilizá-las em seu sentido figurado, está na realidade simplesmente devolvendo a elas seu sentido primitivo.

É possível que o contraste existente entre a substância mais preciosa que o homem conhece e a mais desprezível, que eles rejeitam como matéria inútil ('refugo') tenha levado a essa identificação específica do ouro com fezes.

Ainda uma outra circunstância facilita essa equação no pensamento neurótico. Sabemos que o interesse erótico original na defecação está destinado a extinguir-se em anos posteriores. Nessa ocasião aparece o interesse pelo dinheiro, que não existia na infância. Isso facilita a transferência da impulsão primitiva, que estava em processo de perder seu objetivo, para o nosso objetivo emergente.

Se houver realmente alguma base para a relação que aqui estabelecemos entre o erotismo anal e essa tríade de traços de caráter, provavelmente não encontraremos um acentuado grau de 'caráter anal' nos indivíduos que conservaram na vida adulta o caráter erógeno da zona anal, como acontece, por exemplo, com certos homossexuais. A menos que esteja enganado, a experiência comprova amplamente essa conclusão.

Devíamos apreciar se os outros complexos de caráter não revelam também uma conexão com a excitação de zonas erógenas específicas. Atualmente só tenho conhecimento da intensa e 'ardente' ambição de indivíduos que sofreram anteriormente de enurese. De qualquer modo, podemos estabelecer uma fórmula para o modo como o caráter, em sua configuração final, se forma a partir dos instintos constituintes: os traços de caráter permanentes, são ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formações reativas contra os mesmos.

MORAL SEXUAL CIVILIZADA E DOENÇA NERVOSA MODERNA (1908)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

DIE 'KULTURELLE' SEXUALMORAL UND DIE MODERNE NERVOSITÄT

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1908 *Sexual-Probleme* 4 (3) [março], 107-129.

1909 *S.K.S.N.*, 2, 175-196. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.*, 5, 143-167.

1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 17-42.

1941 *G.W.*, 7, 143-167.

(b) TRADUÇÕES INGLÊSAS:

'Modern Sexual Morality and Modern Nervousness'

1915 *Amer. J. Urol.*, 11, 391-405. (Incompleta.)

“‘Civilized’ Sexual Morality and Modern Nervousness’

1924 *C.P.*, 2, 76-99. (Trad. de E.B. Herford e E. C. Mayne.)

Uma reimpressão da tradução de 1915 apareceu em forma de panfleto (organizado por W. J. Robinson) publicado por Eugenics Publications, Nova Iorque, 1931. Ambas omitem os dez primeiros parágrafos. A presente tradução, com um título alterado, baseia-se na publicada em 1924.

Sexual-Probleme, o periódico em que apareceram este artigo e o próximo (ver em [1]), foi o sucessor da revista *Mutterschutz*, sob cujo título é às vezes catalogado. A numeração dos volumes não sofreu interrupção apesar da mudança de título.

Embora esta seja a primeira das longas exposições de Freud sobre o antagonismo entre civilização e vida instintual, suas convicções sobre o assunto são muito anteriores. Por exemplo, num memorando enviado a Fliess em 31 de maio de 1897, ele escreve que ‘o incesto é anti-social e a civilização consiste na renúncia progressiva ao mesmo’. (Freud, 1950a, Rascunho N.) Contudo, na verdade, esse antagonismo estava implícito em toda a sua teoria do impacto do período de latência sobre o desenvolvimento da sexualidade humana, e nas últimas páginas dos seus *Três Ensaio*s (1905d) ele mencionou a ‘relação inversa que existe entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade’ (ver em [1], 1972). O presente artigo é em grande parte um sumário das descobertas do último trabalho mencionado, que fora publicado apenas três anos antes.

Os aspectos sociológicos desse antagonismo constituem o tema principal deste artigo, e Freud voltou freqüentemente ao assunto em seus escritos posteriores. Sem determo-nos nas alusões passageiras, podemos mencionar as duas últimas seções do seu segundo artigo sobre a psicologia do amor (1912d), ver a partir de [2], 1970, as páginas iniciais de *O Futuro de uma Ilusão* (1927c) e os parágrafos finais da carta aberta a Einstein, ‘Por que a Guerra?’ (1933b). No entanto, sua exposição mais longa e mais elaborada do assunto está, sem dúvida, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930a).

O antigo problema da tradução da palavra alemã ‘*Kultur*’ por ‘cultura’ ou por ‘civilização’ foi resolvido aqui pela escolha ora de um termo ora de outro. Na verdade os tradutores foram auxiliados por uma observação de Freud no terceiro parágrafo de *O Futuro de uma Ilusão*: ‘desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização.’

MORAL SEXUAL CIVILIZADA E DOENÇA NERVOSA MODERNA

Em seu livro recentemente publicado, *Ética Sexual*, Von Ehrenfels (1907) discorre sobre a diferença entre a moral sexual ‘natural’ e a ‘civilizada’. Segundo ele, devemos entender por moral sexual natural uma moral sexual sob cujo regime um grupo humano é capaz de conservar sua

saúde e eficiência, e por moral sexual civilizada, uma obediência moral sexual àquilo que, por outro lado, estimula os homens a uma intensa e produtiva atividade cultural. Esse contraste é mais bem ilustrado, segundo ele, comparando-se o caráter inato de um povo com suas realizações culturais. Remeterei o leitor que deseje deter-se no exame dessas importantes proposições à obra de Von Ehrenfels, limitando-me a colher ali somente o necessário para alicerçar minha própria contribuição ao assunto.

Não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais. Von Ehrenfels atribui, de fato, à moral sexual que hoje rege a nossa sociedade ocidental numerosos prejuízos, pelos quais responsabiliza diretamente essa moral; embora reconheça plenamente sua vigorosa influência no desenvolvimento da civilização, não pode deixar de concluir da necessidade de uma reforma. Em sua opinião, a singularidade da moral sexual civilizada a que obedecemos é que as restrições feitas às mulheres por tal sistema são estendidas à vida sexual masculina, sendo proibida toda relação sexual exceto dentro do casamento monogâmico. No entanto, as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma moral *dupla*. Contudo, uma sociedade que aceita essa moral ambígua não pode levar muito longe o 'amor à verdade, à honestidade e à humanidade' (Von Ehrenfels, *ibid.*, pág. 32 e segs.), e deverá induzir seus membros à ocultação da verdade, a um falso otimismo, e a enganarem a si próprios e aos demais. A moral sexual civilizada traz conseqüências ainda mais graves, pois, glorificando a monogamia, impossibilita a *seleção* pela *virilidade* - único fator que pode aperfeiçoar a constituição do homem, pois entre os povos civilizados a *seleção pela vitalidade* foi reduzida a um mínimo pelos princípios humanitários e pela higiene (*ibid.*, 35).

Entre os danos acima atribuídos a essa moral sexual civilizada, os médicos terão notado a falta justamente daquele cuja significação examinaremos no presente artigo. Refiro-me ao aumento, imputável a essa moral, da doença nervosa moderna, isto é, da doença nervosa que se difunde rapidamente na sociedade contemporânea. Ocasionalmente, um desses pacientes nervosos chamará, ele próprio, a atenção do médico para o papel que o antagonismo existente entre a sua constituição e as exigências da civilização desempenhou na gênese de sua enfermidade, dizendo: 'Em nossa família todos tornamo-nos neuróticos porque queríamos ser melhores do que, com nossa origem, somos capazes de ser.' Os médicos também encontram matéria para reflexão no fato de que os indivíduos vitimados por doenças nervosas são, com freqüência, justamente os filhos de casais procedentes de rudes e vigorosas famílias camponesas que viviam em condições simples e saudáveis, e que, fixando-se em cidades, num curto espaço de tempo elevaram seus filhos a um alto nível cultural. Os próprios neurologistas asseveram enfaticamente que existe uma relação entre a 'alta incidência da doença nervosa' e a moderna vida civilizada. As bases para tal afirmativa poderão ser encontradas nos testemunhos de alguns

eminentes observadores transcritos a seguir:

W. Erb (1893): 'O problema está em determinar se as causas da doença nervosa que lhes foram expostas estão presentes na vida moderna num grau suficientemente elevado para explicar o incremento dessa doença. A questão será respondida afirmativamente, sem hesitações, se fizermos um rápido exame da nossa vida moderna e de seus aspectos particulares.

'A simples enumeração de uma série de fatos gerais já demonstra claramente a nossa proposição. As extraordinárias realizações dos tempos modernos, as descobertas e as investigações em todos os setores e a manutenção do progresso, apesar de crescente competição, só foram alcançados e só podem ser conservados por meio de um grande esforço mental. Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo, e só reunindo todos os seus poderes mentais ele pode atendê-las. Simultaneamente, em todas as classes aumentam as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais; um luxo sem precedentes atingiu camadas da população a que até então era totalmente estranho; a irreligiosidade, o descontentamento e a cobiça intensificam-se em amplas esferas sociais. O incremento das comunicações resultante da rede telegráfica e telefônica que envolve o mundo alteraram completamente as condições do comércio. Tudo é pressa e agitação. A noite é aproveitada para viajar, o dia para os negócios, e até mesmo as 'viagens de recreio' colocam em tensão o sistema nervoso. As crises políticas, industriais e financeiras atingem círculos muito mais amplos do que anteriormente. Quase toda a população participa da vida política. Os conflitos religiosos, sociais e políticos, a atividade partidária, a agitação eleitoral e a grande expansão dos sindicalismos inflamam os espíritos, exigindo violentos esforços da mente e roubando tempo à recreação, ao sono e ao lazer. A vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquã. Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão. A literatura moderna ocupa-se de questões controvertidas, que despertam paixões e encorajam a sensualidade, a fome de prazeres, o desprezo por todos os princípios éticos e por todos os ideais, apresentando à mente do leitor personagens patológicas, propondo-lhe problemas de sexualidade psicopática, temas revolucionários e outros. Nossa audição é excitada e superestimada por grandes doses de música ruidosa e insistente. As artes cênicas cativam nossos sentidos com suas representações excitantes, enquanto as artes plásticas se voltam de preferência para o repulsivo, o feio e o estimulante, não hesitando em apresentar aos nossos olhos, com nauseante realismo, as imagens mais horríveis que a vida pode oferecer.

'Esse quadro geral que nos indica os numerosos perigos inerentes à evolução da civilização moderna pode ser completado com alguns detalhes.'

Binswanger (1896): 'Designa-se a neurastenia, em especial, como doença fundamentalmente moderna. Beard, a quem devemos sua primeira descrição minuciosa, acreditava ter descoberto uma nova doença nervosa oriunda do solo americano. Sem dúvida tal suposição era errônea; entretanto, o fato de ter sido um médico *americano* o primeiro a compreender e a expor os aspectos singulares dessa doença, devido a uma vasta experiência

clínica, revela certamente a íntima conexão entre essa doença e a vida moderna, com sua desenfreada volúpia de bens materiais e seus enormes progressos no campo da tecnologia, que destruíram todos os entraves temporais ou espaciais à intercomunicação.'

Von Krafft-Ebin (1895): 'O modo de vida de um sem-número de povos civilizados da atualidade apresenta uma grande quantidade de aspectos anti-higiênicos que explicam o nocivo incremento de doenças nervosas, pois esses fatores atuam primordialmente sobre o cérebro. As transformações ocorridas nas últimas décadas nas condições políticas e sociais das nações civilizadas, especialmente no comércio, na indústria e na agricultura, acarretaram grandes mudanças nas atividades profissionais dos indivíduos, em sua posição social e na propriedade - tudo isso à custa do sistema nervoso, que deve atender ao aumento das exigências sociais e econômicas com um maior dispêndio de energia, do qual freqüentemente tem insuficientes oportunidades de recuperar-se.'

A meu ver, a deficiência destas e de outras teorias semelhantes está, não em sua imprecisão, mas no fato de se revelarem insuficientes para explicar as peculiaridades dos distúrbios nervosos, e de ignorarem justamente o fator etiológico mais importante. Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de 'nervosismo' e nos atermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual 'civilizada' que os rege.

Tentei expor a comprovação dessa minha afirmação em vários artigos técnicos. Não vou reapresentá-la aqui, mas farei um resumo dos argumentos mais importantes que resultaram de minhas investigações.

Cuidadosa observação clínica permitiu-nos distinguir dois grupos de distúrbios nervosos: as *neuroses* propriamente ditas e as *psiconeuroses*. Nas primeiras, os distúrbios (sintomas), com efeitos seja no funcionamento somático, seja no mental, parecem ser de natureza *tóxica*, comportando-se da mesma forma que os fenômenos que acompanham o excesso ou a escassez de certos tóxicos nervosos. Essas neuroses - comumente agrupadas sob a denominação de 'neurastenia' - podem resultar de influências nocivas na vida sexual, sem que seja necessária a presença de taras hereditárias; na verdade, a forma da doença corresponde à natureza desses males, de modo que, com freqüência, o fator etiológico sexual pode ser deduzido do quadro clínico. Por outro lado, não existe nenhuma correspondência entre as formas das doenças nervosas e as outras influências nocivas da civilização assinaladas por aquelas autoridades. Podemos, portanto, considerar o fator sexual como o fator básico na causação das neuroses propriamente ditas.

Nas psiconeuroses é mais evidente a influência da hereditariedade, e menos transparente a causação. Entretanto, um método peculiar de investigação, conhecido como psicanálise, possibilitou-nos perceber que os sintomas desses distúrbios (histeria, neurose obsessiva, etc.) são *psicogênicos* e dependem da atuação de complexos ideativos inconscientes (reprimidos). Esse

mesmo método revelou-nos a natureza desses complexos inconscientes, mostrando que, de maneira geral, possuem um conteúdo sexual. Derivam das necessidades sexuais de indivíduos insatisfeitos, representando para os mesmos uma espécie de satisfação substitutiva. Portanto, todos os fatores que prejudicam a vida sexual, suprimem sua atividade ou distorcem seus fins devem também ser visto como fatores patogênicos das psiconeuroses.

Naturalmente o valor da diferenciação teórica entre as neuroses tóxicas e as neuroses psicogênicas não sofre restrição pelo fato de que podem ser observados distúrbios provenientes de ambas as fontes na maior parte das pessoas que sofrem de doenças nervosas.

O leitor que está disposto a procurar comigo a etiologia das doenças nervosas, principalmente em influências nocivas à vida sexual, também estará pronto a acompanhar meus próximos argumentos, cujo fim é inserir num contexto mais amplo o tema do aumento das doenças nervosas.

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado 'santo' o proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão do instinto, torna-se um 'criminoso', um '*outlaw*', diante da sociedade - a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um 'herói'.

O instinto sexual - ou, mais corretamente, os instintos sexuais, pois a investigação analítica nos ensina que o instinto sexual é formado por muitos constituintes ou instintos componentes - apresenta-se provavelmente mais vigorosamente desenvolvido no homem do que na maioria dos animais superiores, sendo sem dúvida mais constante, desde que superou completamente a periodicidade à qual é sujeito nos animais. Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de *sublimação*. Contrastando com essa motilidade, na qual reside seu valor para a civilização, o instinto sexual é passível também de fixar-se de uma forma particularmente obstinada, que o inutiliza e o leva algumas vezes a degenerar-se até as chamadas anormalidades. O vigor original do instinto sexual provavelmente varia com o indivíduo, o que sem dúvida também acontece com a parcela do instinto suscetível de sublimação. Parece-nos que a constituição inata de cada indivíduo é que irá decidir primeiramente

qual parte do seu instinto sexual será possível sublimar e utilizar. Em acréscimo, os efeitos da experiência e das influências intelectuais sobre seu aparelho mental conseguem provocar a sublimação de uma outra parcela desse instinto. Entretanto, não é possível ampliar indefinidamente esse processo de deslocamento, da mesma forma que em nossas máquinas não é possível transformar todo o calor em energia mecânica. Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável uma certa quantidade de satisfação sexual direta, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença.

Novas perspectivas se nos oferecem ao considerarmos que no homem o instinto sexual não serve originalmente aos propósitos da reprodução, mas à obtenção de determinados tipos de prazer. Manifesta-se desse modo na infância do homem, período em que atinge sua meta de obter prazer não só dos genitais, mas também de outras partes do corpo (zonas erógenas), podendo portanto prescindir de qualquer outro objeto menos cômodo. Chamamos a esse estágio de estágio de *auto-erotismo*, e a nosso ver a educação da criança tem como tarefa restringi-lo, pois a permanência nele tornaria o instinto sexual incontrolável, inutilizando-o posteriormente. O desenvolvimento do instinto sexual passa, então, do auto-erotismo ao amor objetual, e da autonomia das zonas erógenas à subordinação destas à primazia dos genitais, postos a serviço da reprodução.

Durante esse desenvolvimento, uma parte da excitação sexual fornecida pelo próprio corpo do indivíduo inibe-se por ser inútil à função reprodutora, sendo sublimada nos casos favoráveis. Assim, grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais são obtidas pela supressão dos chamados elementos *perversos* da excitação sexual.

Considerando essa evolução do instinto sexual, podemos distinguir três estágios de civilização: um primeiro em que o instinto sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas de reprodução; um segundo em que tudo do instinto sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução; e um terceiro no qual só a reprodução *legítima* é admitida como meta sexual. A esse terceiro estágio corresponde a moral sexual 'civilizada' da atualidade.

Mesmo se tomarmos o segundo desses estágios como média, é preciso ressaltar que inúmeros indivíduos não se acham, devido à sua organização, capacitados a satisfazer suas exigências. Em toda uma série de pessoas o desenvolvimento do instinto sexual, acima descrito, do auto-erotismo ao amor objetual com seu objetivo de união dos genitais, não se realizou de forma perfeita e completa. Como resultado desses distúrbios de desenvolvimento, surgem dois tipos de desvios nocivos da sexualidade normal, isto é, da sexualidade que é útil à civilização - desvio esses que possuem entre si uma relação quase de positivo para negativo.

Em primeiro lugar (deixando de lado os indivíduos cujo instinto sexual é exagerado ou que resiste à inibição) estão diversas variedades de *perversos*, nos quais uma fixação infantil a um

objetivo sexual preliminar impediu o estabelecimento da primazia da função reprodutora, e os *homossexuais ou invertidos*, nos quais, de maneira ainda não compreendida, o objetivo sexual foi defletido do sexo oposto. Se os efeitos nocivos desses dois gêneros de distúrbios do desenvolvimento são menores do que seria de esperar, tal se deve justamente à complexa constituição do instinto sexual, que possibilita à vida sexual do indivíduo atingir uma forma final útil, mesmo que um ou mais componentes do instinto tenham sido alijados do seu desenvolvimento. A constituição das pessoas que sofrem de inversão - os homossexuais - distingue-se amiúde pela especial aptidão do seu instinto sexual para a sublimação cultural.

As formas mais acentuadas de perversão e de homossexualidade, especialmente quando exclusivas, sem dúvida tornam o indivíduo socialmente inútil e infeliz, sendo necessário reconhecer que as exigências culturais do segundo estágio constituem uma fonte de sofrimentos para uma certa parcela da humanidade. O destino desses indivíduos de constituição diversa da dos seus semelhantes é variável, dependendo de terem nascido com um instinto sexual forte ou comparativamente fraco, em relação a padrões absolutos. No segundo caso, quando o instinto sexual é em geral fraco, os pervertidos conseguem suprimir totalmente as inclinações que os colocam em conflito com as exigências morais do seu estágio de civilização. Do ponto de vista ideal, essa é a sua única realização, pois para reprimir seu instinto sexual, esgotam as forças que poderiam ser utilizadas em atividades culturais. É como se esses indivíduos estivessem interiormente inibidos e exteriormente paralisados. As apreciações que faremos mais adiante sobre a abstinência exigida de homens e mulheres pelo terceiro estágio de civilização aplicam-se também a esses indivíduos.

Quando o instinto sexual é muito intenso, mas pervertido, existem dois desfechos possíveis. No primeiro, que não examinaremos, o indivíduo afetado permanece pervertido e sofre as conseqüências do seu desvio dos padrões de civilização. No segundo, muito mais interessante, o sujeito consegue realmente, sob a influência da educação, e das exigências sociais, suprimir seus instintos pervertidos, mas essa supressão é falsa, ou melhor, frustrada. Os instintos sexuais inibidos não são mais, é verdade, expressos como tais - e nisto consiste o êxito do processo -, mas conseguem expressar-se de outras formas igualmente nocivas para o sujeito, e que o tornam tão inútil para a sociedade quanto o teria inutilizado a satisfação de seus instintos suprimidos. Aí reside o malogro do processo, malogro que um cômputo final mais do que contrabalança a sua parcela de êxito. Os fenômenos substitutivos surgidos em conseqüência da supressão do instinto constituem o que chamamos de doenças nervosas ou, mais precisamente, de psiconeuroses. Os neuróticos são uma classe de indivíduos que, por possuírem uma organização recalcitrante, apenas conseguem sob o influxo de exigências culturais efetuar uma supressão *aparente* de seus instintos, supressão essa que se torna cada vez mais falha. Portanto, eles só conseguem continuar a colaborar com as atividades culturais com um grande dispêndio de energia e às expensas de um empobrecimento interno, sendo às vezes obrigados a interromper sua colaboração e a adoecer. Defini as neuroses como o 'negativo' das perversões (ver em [1]) porque nas neuroses os impulsos

perversos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente - porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de 'repressão', das perversões positivas.

A experiência nos ensina que existe para a imensa maioria das pessoas um limite além do qual suas constituições não podem atender às exigências da civilização. Aqueles que desejam ser mais nobres do que suas constituições lhes permitem, são vitimados pela neurose. Esses indivíduos teriam sido mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons. A descoberta de que as perversões e as neuroses guardem entre si uma relação de positivo para negativo é, com frequência, confirmada inequivocamente pela observação de membros de uma mesma geração de uma família. É comum a irmã de um perverso sexual, a qual em sua condição de mulher possui um instinto sexual mais débil, apresentar uma neurose cujos sintomas expressam as mesmas inclinações das perversões do seu irmão, mais ativo sexualmente. Correlatamente, em muitas famílias os homens são saudáveis, embora do ponto de vista social sejam altamente imorais, enquanto as mulheres, cultas e de elevados princípios, sucumbem a graves neuroses.

Uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual, conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações, mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às junções morais.

Até aqui essas considerações referiram-se às exigências impostas pelo segundo dos estádios de civilização por nós definidos, exigências que proíbem toda atividade sexual descrita como perversa, ao mesmo tempo que concedem ampla liberdade às relações sexuais chamadas normais. Vemos que, mesmo quando o limite entre a liberdade sexual e as restrições é assim fixado, um certo número de indivíduos é marginalizado como perverso, e outro grupo, que se esforça para não ser perverso, embora por constituição o devesse ser, é impelido às doenças nervosas. É fácil prever as consequências de uma maior redução da liberdade sexual, quando as exigências culturais se elevam ao terceiro estágio, que proíbe toda atividade sexual fora do matrimônio legítimo. O número de naturezas fortes que se colocará em franca oposição às exigências da civilização aumentará extraordinariamente, como também crescerá o número de naturezas mais débeis que, frente ao conflito entre as pressões culturais e a resistência de suas constituições, fugirão para a neurose.

Tentemos agora responder a três perguntas que aqui se apresentam:

- (1) Que deveres exige do indivíduo o terceiro estágio de civilização?
- (2) A satisfação sexual legítima permitida pode oferecer uma compensação aceitável pela renúncia a todas as outras satisfações?
- (3) Qual a relação entre os possíveis efeitos nocivos dessa renúncia e seus proveitos no campo cultural?

A resposta à primeira pergunta envolve um problema que tem sido freqüentemente

debatido e que não pode ser tratado aqui de forma exaustiva: o problema da abstinência sexual. O nosso terceiro estágio cultural exige dos indivíduos de ambos os sexos a prática da abstinência até o casamento, obrigando os que não contraem um casamento legítimo a permanecerem abstinentes por toda a sua vida. A posição, grata a todas as autoridades, de que a abstinência sexual não é nociva nem árdua também tem sido amplamente defendida pela classe médica. Entretanto, podemos afirmar que a tarefa de dominar um instinto tão poderoso quanto o instinto sexual, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo. O domínio do instinto pela sublimação, defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude. Os demais, tornam-se em grande maioria neuróticos, ou sofrem alguma espécie de prejuízo. A experiência demonstra que a maior parte dos indivíduos que constituem a nossa sociedade não possuem a constituição necessária para enfrentar com êxito a tarefa de uma abstinência. Os que teriam já adoecido sob restrições sexuais mais brandas, adoecem ainda mais rapidamente e com maior gravidade ante as exigências de nossa moral sexual cultural contemporânea. A meu ver, a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal. Quanto maior a disposição de um indivíduo para a neurose, menos ele tolerará a abstinência. Os instintos cujo desenvolvimento normal foi coibido, como vimos acima, tornam-se ainda mais indomáveis, e mesmo os indivíduos que conservariam a saúde sob as exigências do segundo estágio cultural mergulharão em grande número na neurose, pois o valor psíquico da satisfação sexual cresce com a sua frustração. A libido represada torna-se capaz de perceber os pontos fracos raramente ausentes da estrutura da vida sexual, e por ali abre caminho obtendo uma satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas patológicos. Quem penetrar nos determinantes das doenças nervosas cedo ficará convencido de que o incremento dessas doenças em nossa sociedade provém da intensificação das restrições sexuais.

Isso nos leva ao problema de determinarmos se as relações sexuais no casamento legítimo podem oferecer uma total compensação para as restrições impostas antes do casamento. Existe tanto material a favor de uma resposta negativa que será necessário expô-lo de forma muito condensada. Acima de tudo, não devemos esquecer que a nossa moral sexual restringe as relações sexuais mesmo dentro do casamento, pois em geral obriga o casal a contentar-se com uns poucos atos procriadores. Em consequência desse fato, as relações sexuais no casamento só são satisfatórias durante alguns poucos anos, e mesmo desse período é preciso subtrair os intervalos de abstenção exigidos pela saúde da esposa. Após esses três, quatro ou cinco anos, o casamento torna-se, pelo menos em relação à satisfação das necessidades sexuais, um fracasso, já que todos os artifícios até hoje inventados para impedir a concepção reduzem o prazer sexual, ferem a sensibilidade de ambos os cônjuges e podem até causar doenças. O medo das consequências do ato sexual acarreta, inicialmente, o término da afeição física do casal e, mais

tarde, como efeito retardado, em geral também destrói a afinidade psíquica que os unia e que deveria substituir a paixão inicial. A desilusão espiritual e a privação física a que a maioria dos casamentos estão então condenados recolocam os cônjuges na situação anterior ao casamento, situação que é agora ainda mais penosa pela perda de uma ilusão, e na qual devem mais uma vez apelar para suas energias a fim de subjugar e defletir seu instinto sexual. Não é preciso que investiguemos o grau de êxito obtido pelos homens, agora em sua maturidade, nessa tarefa. A experiência mostra que, com muita frequência, eles recorrem - embora com relutância e em segredo - à parcela de liberdade sexual que lhes é concedida até mesmo pelo código sexual mais severo. Essa moral sexual 'dupla' que é válida em nossa sociedade para os homens é a melhor confissão de que a própria sociedade não acredita que seus preceitos possam ser obedecidos. Mas a experiência também mostra que as mulheres, em sua qualidade de verdadeiro instrumento dos interesses sexuais da humanidade, só possuem em pequeno grau o dom de sublimar seus instintos, e que, embora possam encontrar um substituto adequado do objeto sexual no filho que amamentam, mas não nas crianças maiores - a experiência mostra, insisto, que as mulheres ao sofrerem as desilusões do casamento contraem graves neuroses que lançam sombras duradouras sobre suas vidas. Nas presentes condições culturais, o casamento há muito deixou de ser uma panacéia para os distúrbios nervosos femininos; embora nós médicos ainda aconselhemos o casamento em tais casos, sabemos que, ao contrário, uma jovem precisa ser muito mais saudável para o tolerar, e enfaticamente aconselhamos nossos pacientes masculinos a não se casarem com moças que antes do casamento já sofriam de doenças nervosas. Ao contrário, a cura das doenças nervosas decorrentes do casamento estaria na infidelidade conjugal; porém, quanto mais severa houver sido a educação da jovem e mais seriamente ela se submeter às exigências da civilização, mais recuará recorrer a essa saída; no conflito entre seus desejos e seu sentimento de dever, mais uma vez se refugiará na neurose. Nada protegerá sua virtude tão eficazmente quanto uma doença. Dessa forma o matrimônio, que é oferecido ao instinto sexual do jovem civilizado como uma consolação, mostra-se inadequado mesmo durante o seu decurso, não havendo sequer possibilidades de que possa compensar as privações anteriores.

Admitindo-se que a moral sexual civilizada cause danos, alguém poderia argumentar em resposta à terceira pergunta (ver em [1]) que o proveito cultural decorrente de tão ampla restrição da sexualidade compensa, provavelmente, esses sofrimentos, os quais afinal de contas só afligem de forma severa uma minoria. Devo confessar-me incapaz de contrapor corretamente os ganhos aos prejuízos, mas poderia oferecer maiores argumentos à causa das perdas. Voltando ao assunto da abstinência, devo insistir que a mesma acarreta também outros males além dos inclusos nas neuroses, e que a importância dessas ainda não foi, em geral, suficientemente apreciada.

A retardação do desenvolvimento e da atividade sexual a que aspiram nossa civilização e educação certamente não é nociva a princípio, parecendo até uma necessidade quando consideramos quão tarde os jovens das classes instruídas atingem a independência e são capazes de ganhar a vida. (Isso nos recorda a íntima interligação de todas as nossas instituições culturais e

as dificuldades de alterar qualquer uma delas sem modificar o todo.) Mas a abstinência mantida por um longo período depois dos vinte anos já apresenta perigo para o jovem, e mesmo que não acarrete uma neurose, causa outros prejuízos. Costuma-se dizer que a luta contra um instinto tão poderoso, com a acentuação de todas as forças éticas e estéticas necessárias para tal, 'enrijecem' o caráter. Isso pode ser verdadeiro no caso de algumas naturezas de organização muito favorável. Devemos admitir também que a diferenciação do caráter individual, tão marcante hoje em dia, só se tornou possível com a existência da restrição sexual. Contudo, na imensa maioria dos casos, a luta contra a sexualidade consome toda a energia disponível do caráter, justamente quando o jovem precisa de suas forças para conquistar o seu quinhão e o seu lugar na sociedade. A relação entre a quantidade de sublimação possível e a quantidade de atividade sexual necessária varia muito, naturalmente, de indivíduo para indivíduo, e mesmo de profissão para profissão. É difícil conceber um artista abstinente, mas certamente não é nenhuma raridade um jovem *savant* abstinente. Este último consegue por sua autodisciplina liberar energias para seus estudos, enquanto naquele provavelmente as experiências sexuais estimulam as realizações artísticas. Em geral não me ficou a impressão de que a abstinência sexual contribuía para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com freqüência bem maior produz homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má-vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes.

O fato de que, em geral, o instinto sexual se comporta de forma voluntariosa e inflexível evidencia-se também nos resultados da luta pela abstinência. A educação civilizada talvez apenas tencione suprimir temporariamente o instinto até o casamento, com o propósito de então utilizá-lo, concedendo-lhe ampla liberdade. Contudo, as medidas extremas são mais eficazes do que as tentativas moderadoras; assim, a supressão vai com freqüência longe demais, com o resultado indesejável de, quando o instinto é liberado, revelar danos permanentes. Por esse motivo, a abstinência total na juventude não é, muitas vezes, a melhor preparação para o casamento no caso do homem. As mulheres apercebem-se disto, preferindo pretendentes que já provaram sua masculinidade com outras mulheres. Os efeitos nocivos que as severas exigências da abstinência antes do casamento produzem nas naturezas femininas são especialmente evidentes. É óbvio que a educação não subestima as dificuldades de suprimir a sensualidade da jovem até o casamento, pois utiliza medidas drásticas. Não somente proíbe as relações sexuais e oferece altos prêmios à preservação da castidade feminina, mas também protege a jovem da tentação durante o seu desenvolvimento, conservando-a ignorante do papel que irá desempenhar e não tolerando nela qualquer impulso amoroso que não possa conduzir ao casamento. O resultado é que, quando a jovem recebe a súbita autorização de seus guardiões para apaixonar-se, não está apta a essa realização psíquica, e chega ao matrimônio insegura dos seus sentimentos. Em consequência dessa retardação artificial de suas funções eróticas, ela nada tem a oferecer além de desapontamentos ao homem que poupou todos os seus desejos para ela. Seus sentimentos

mentais permanecem presos aos seus genitores, cuja autoridade acarretou a supressão de sua sexualidade, e em seu comportamento físico revela-se frígida, privando o homem de um maior prazer sexual. Não sei se esse tipo de mulher anestesiada aparece fora da educação civilizada, embora o considere muito provável, mas certamente essa educação o produz, e essas mulheres que concebem sem prazer mostram-se pouco dispostas a enfrentar as dores de partos freqüentes. Assim, a própria preparação do casamento faz malograr os seus desígnios. Quando mais tarde esse atraso do desenvolvimento da esposa é superado e sua capacidade de amar é despertada no clímax de sua vida de mulher, há muito se deteriorou sua relação com o marido; e, como recompensa da docilidade anterior, resta-lhe a escolha entre o desejo insatisfeito, a infidelidade ou uma neurose.

O comportamento sexual de um ser humano freqüentemente *constitui o protótipo* de suas demais reações ante a vida. Do homem que mostra firmeza na conquista do seu objeto amoroso, podemos esperar que revele igual energia e constância na luta pelos seus outros fins. Mas se, por toda uma série de motivos, ele renuncia à satisfação de seus fortes instintos sexuais, seu comportamento em outros setores da vida será, em vez de enérgico, conciliatório e resignado. No sexo feminino percebemos facilmente um caso especial dessa tese de que a vida sexual constitui um protótipo para o exercício de outras funções. A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de *qualquer* forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de idéias sobre a lealdade entre cidadãos fiéis. Não acredito que a 'debilidade mental fisiológica' feminina seja conseqüência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e a atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual.

Quanto à questão da abstinência, é preciso estabelecer a abstenção de qualquer atividade sexual e a abstenção de relações sexuais com o sexo oposto. Muitos indivíduos que se vangloriam de ser abstinentes, só o conseguiram com o auxílio da masturbação e satisfações análogas ligadas às atividades sexuais auto-eróticas da primeira infância. Entretanto, esses meios substitutivos de satisfação sexual não são em absoluto inofensivos, justamente devido a essa conexão, e predis põem às numerosas formas de neurose e psicose que podem resultar na involução da vida sexual a formas infantis. Tampouco a masturbação satisfaz as exigências ideais da moral sexual civilizada, conseqüentemente levando os jovens a travar com os ideais da educação aqueles mesmos conflitos que procuravam evitar pela abstinência. Além disso, ela corrompe em mais de um sentido o caráter, por meio da *indulgência*. Em primeiro lugar, acostuma o indivíduo a atingir objetivos importantes sem esforço e pelos meios mais fáceis, e não através de uma ação vigorosa,

ou seja, obedece ao princípio de que a *sexualidade constitui o protótipo* do comportamento (ver em [1]). Em segundo lugar, nas fantasias que acompanham a satisfação o objeto sexual é levado a níveis de perfeição dificilmente encontrados na realidade. Um espirituoso escritor (Karl Kraus, no jornal vienense *Die Fackel*) expressou essa mesma verdade, invertendo os seus termos, numa cínica observação: 'A copulação nada mais é do que um substituto insatisfatório da masturbação.'

A severidade das exigências da civilização e as dificuldades da abstinência converteram a proibição da união de genitais de sexos opostos no cerne do problema da abstinência, favorecendo outros tipos de atividade sexual, equivalentes, por assim dizer, a uma semi-obediência. Como o coito normal tem sido tão implacavelmente perseguido pela moral e também pela higiene devido às possibilidades de infecção, as práticas sexuais chamadas pervertidas, nas quais outras partes do corpo assumem o papel de genitais, aumentaram sem dúvida sua importância social. Entretanto, essas atividades não podem ser consideradas tão inofensivas como outras extensões análogas [da meta sexual] nas relações amorosas. São condenáveis do ponto de vista ético, pois degradam as relações amorosas de dois seres humanos, rebaixando-as de uma questão fundamental a um jogo cômodo, livre de riscos e sem nenhuma participação espiritual. Outra consequência desse incremento das dificuldades da vida sexual normal é a expansão da satisfação homossexual: àqueles que são homossexuais devido à sua organização, e aos que passaram a sê-lo na infância, junta-se um grande número de indivíduos em que a obstrução do curso principal de sua libido causou, em anos posteriores, o alargamento do canal secundário da homossexualidade.

Todas essas consequências inevitáveis e indesejadas do preceito da abstinência convergem para um único resultado: o completo malogro da preparação para o casamento, casamento esse que a moral sexual civilizada pensa ser o único herdeiro das impulsões sexuais. Todo homem cuja libido, em consequência de práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas, acostumou-se a situações e condições de satisfação anormais apresenta no casamento uma potência diminuída. Também as mulheres que puderam preservar sua virgindade com o auxílio de recursos análogos mostram-se anestesiadas às relações sexuais normais do casamento, que assim tem início com ambos os cônjuges apresentando uma reduzida capacidade erótica que irá sucumbir ao processo de dissolução com uma rapidez maior do que os demais. Em consequência da fraca potência do marido, a mulher não se satisfaz, permanecendo anestesiada mesmo nos casos onde uma poderosa experiência sexual poderia ter superado sua predisposição para a frigidez decorrente de sua educação. Tal casal encontrará maiores dificuldades para impedir a concepção do que um casal saudável, pois a reduzida potência do marido suporta mal o uso de anticoncepcionais. Nesse embaraço, sendo o ato sexual a fonte de todas as suas dificuldades, logo o casal renuncia ao mesmo, e com isso abre mão da base de sua vida conjugal.

As pessoas bem informadas sabem que não exagero nessa descrição, e que muitos casos igualmente desastrosos podem ser encontrados a cada momento. É difícil para o não iniciado

acreditar quão rara é a potência normal num marido e quão freqüente é a frigidez feminina no casal que vive sob o império da nossa moral sexual civilizada, que grau de renúncia exige freqüentemente de ambos os cônjuges o casamento e a que limites estreitos fica reduzida a vida conjugal - aquela felicidade tão ardentemente desejada. Já expliquei que nessas circunstâncias o desenlace mais óbvio é a doença nervosa, mas é preciso também assinalar que esse tipo de casamento continua a exercer sua influência sobre os poucos filhos, ou o filho único, gerado pelo mesmo. À primeira vista, parece um caso de hereditariedade, mas a um exame mais apurado comprova-se ser na realidade o efeito de poderosas impressões infantis. Uma esposa neurótica, insatisfeita, torna-se uma mãe excessivamente terna e ansiosa, transferindo para o filho sua necessidade de amor. Dessa forma ela o desperta para a precocidade sexual. Além disso, o mau relacionamento dos pais excita a vida emocional da criança, fazendo-a sentir amor e ódio em graus muito elevados ainda em tenra idade. Sua educação rígida, que não tolera qualquer atividade dessa vida sexual precocemente despertada, vai em auxílio da força supressora e esse conflito, em idade tão tenra, fornece todos os elementos necessários ao aparecimento de uma doença nervosa que durará toda a vida.

Retorno agora à minha afirmativa anterior (ver em [1]) de que em geral não se concede às neuroses sua real importância. Não me refiro à subestimação desses estados revelada no leviano menosprezo dos parentes e nas presunçosas afirmações dos médicos de que algumas semanas de tratamento hidroterápico, ou alguns meses de repouso e convalescença, produzirão a cura. Essas atitudes simplistas de leigos e médicos ignorantes podem, no máximo, dar ao doente uma ilusória esperança. Já é sabido, muito ao contrário, que uma neurose crônica, mesmo que não destrua por completo a capacidade vital do indivíduo, representa em sua vida uma séria desvantagem, talvez de grau idêntico a uma tuberculose ou um defeito cardíaco. A situação poderia ser tolerável se as neuroses subtraíssem às atividades civilizadas só um certo grupo de indivíduos mais débeis, permitindo aos demais participar dessas atividades ao pequeno preço de alguns incômodos subjetivos. Mas como a realidade é bem diversa, devo insistir em meu ponto de vista de que as neuroses, quaisquer que sejam sua extensão e sua vítima, sempre conseguem frustrar os objetivos da civilização, efetuando assim a obra das forças mentais suprimidas que são hostis à civilização. Dessa forma, se uma sociedade paga pela obediência a suas normas severas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios; e nem ao menos pode falar em lucros. Consideremos, por exemplo, o caso muito comum da esposa que não ama seu marido, pois as condições em que se iniciou seu casamento não lhe deram motivos para estimá-lo. Ela, porém, deseja intensamente amar esse marido, pois só isso corresponderia ao ideal de casamento em que foi educada. Tal esposa suprimirá qualquer impulso que visasse expressar aquela verdade e contrariar seu empenho para satisfazer seu ideal, e fará intensos esforços para desempenhar o papel de uma esposa amante, terna e cuidadosa. O resultado dessa auto-supressão será uma doença neurótica, e com essa neurose em curto espaço de tempo desfarrar-se-á do marido não amado, causando-lhe tanta

insatisfação e incômodo quanto lhe teria causado a franca admissão da verdade. Este é um exemplo bem típico dos efeitos de uma neurose. A supressão dos impulsos hostis à civilização que não são diretamente sexuais acarreta, também, um fracasso semelhante na obtenção de compensação. Por exemplo, se um homem tornou-se excessivamente bondoso em resultado de uma violenta supressão de uma inclinação constitucional para a aspereza e a crueldade, freqüentemente perde tanta energia ao realizar isso que não consegue fazer tudo que os seus impulsos compensadores exigem, podendo, no final das contas, fazer pior do que teria feito sem a supressão.

Acrescentemos que a restrição da atividade sexual numa comunidade é, em geral, acompanhada de uma intensificação do medo da morte e da ansiedade ante a vida que perturba a capacidade do indivíduo para o prazer, assim como a disposição de enfrentar a morte por uma causa. O resultado é uma redução no desejo de gerar filhos, privando assim esse grupo ou comunidade de uma participação no futuro. Em vista disso, é justo que indaguemos se a nossa moral sexual 'civilizada' vale o sacrifício que nos impõe, já que estamos ainda tão escravizados ao hedonismo a ponto de incluir entre os objetivos de nosso desenvolvimento cultural uma certa dose de satisfação da felicidade individual. Certamente não é atribuição do médico propor reformas, mas me pareceu que eu poderia defender a necessidade de tais reformas se ampliasse a exposição de Von Ehrenfels sobre os efeitos nocivos de nossa moral sexual 'civilizada', indicando o importante papel que essa moral desempenha no incremento da doença nervosa moderna.

SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS (1908)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ÜBER INFANTILE SEXUALTHEORIEN

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1908 *Sexual-Probleme*, 4 (12) [dezembro], 763-779.

1909 *S.K.S.N.* 2, 159-174. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.* 5, 168-185.

1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 43-61.

1941 *G.K.*, 7, 171-188.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'On the Sexual Theories of Children'

1924 *C.P.*, 2, 59-75. (Trad. de D. Bryan.)

A presente tradução é uma versão modificada da publicada em 1924.

Este artigo foi publicado pela primeira vez num número posterior do mesmo periódico em que apareceu o artigo precedente (ver em [1]). Embora tenha vindo a público de forma discreta, e embora contenha muito poucas surpresas para o leitor moderno, na verdade apresentou ao mundo uma quantidade apreciável de idéias novas. Esse paradoxo torna-se compreensível ao verificarmos que este artigo foi publicado alguns meses antes do caso clínico do 'Little Hans' (1909b) (embora, como revela em [1], esse trabalho já estivesse em revisão) e que a seção dos *Três Ensaio*s (1905d) sobre 'As Pesquisas Sexuais da Infância' (ver a partir de [2], 1972) só tenha sido acrescentada a essa obra em 1915, oito anos depois da publicação deste artigo, do qual, na realidade, aquela seção é apenas pouco mais que um resumo. É verdade que, num artigo anterior sobre 'O Esclarecimento Sexual das Crianças' (1907c), Freud transcreveu algum material do 'Little Hans' (ver a partir de [1]) e fez um breve exame da curiosidade infantil sobre o sexo, chegando a mencionar a existência de 'teorias sexuais infantis' (ver em [2]) sem discorrer entretanto sobre a sua natureza.

Aqui os primeiros leitores deste trabalho, quase sem uma preparação, defrontam-se com as idéias da fertilização pela boca, do nascimento pelo ânus, das relações sexuais dos pais como

algo sádico e da posse de um pênis por membros de ambos os sexos. Essa última noção envolveria as implicações mais extensas, também mencionadas pela primeira vez nestas páginas: a importância do pênis para as crianças dos dois sexos, os resultados da descoberta de que um dos sexos não o possui, o aparecimento na menina da 'inveja do pênis' e nos meninos do conceito da 'mulher com um pênis', e o papel desse conceito numa forma de homossexualidade. Por fim, encontramos aqui a primeira menção e o primeiro exame explícito do 'complexo de castração', cujo único prenúncio fora uma obscura referência a uma ameaça de castração em *A Interpretação de Sonhos* (1900a, ver em [1], 1972).

O riquíssimo material aqui exposto pode, sem dúvida, ser em grande parte atribuído às descobertas da análise do 'Little Hans', cujo relato, recentemente terminado, ilustrava e ampliava grande parte do conteúdo deste artigo.

SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS

O material que serve de base a esta síntese procede de várias fontes. Em primeiro lugar, da observação direta do que as crianças dizem e fazem; em segundo, do que neuróticos adultos conscientemente lembram de sua infância e relatam durante o tratamento psicanalítico; e, em terceiro lugar, das traduções e conclusões, e das lembranças inconscientes traduzidas em material consciente, que resultam da psicanálise de neuróticos.

O fato de que a primeira dessas três fontes não tenha sido suficiente para fornecer todos os elementos necessários para o esclarecimento do assunto deve-se à atitude do adulto em relação à vida sexual das crianças. Não lhes atribuindo nenhuma atividade sexual, o adulto não se esforça por observar seus indícios, suprimindo, por outro lado, qualquer manifestação dessa atividade que lhe chame a atenção. Conseqüentemente, são muito mais restritas as oportunidades de obter informações dessa que seria a mais fértil e inequívoca das fontes. O que provém das comunicações espontâneas dos adultos a respeito de suas lembranças infantis conscientes está, na melhor das hipóteses, sujeito à suspeita de uma adulteração no processo de rememoração; ademais, no seu exame deve ser levado em conta que os informantes se tornaram neuróticos. Já o material procedente da terceira fonte será objeto daquelas críticas usualmente dirigidas contra a fidedignidade da psicanálise e de suas conclusões. Não me é possível tentar aqui justificá-la; e posso apenas assegurar que os que conhecem e praticam a técnica psicanalítica adquirem uma ampla confiança em suas descobertas.

Não garanto ter alcançado resultados perfeitos, mas asseguro que empreguei o máximo cuidado para chegar a eles.

Uma questão difícil é determinar até que ponto se deve supor que as observações aqui relatadas a respeito de algumas crianças seja verdade para todas as crianças. As pressões da educação e a variável intensidade do instinto sexual certamente permitem grandes variações individuais no comportamento sexual das crianças, e sobretudo influenciam a época do

aparecimento do interesse sexual da criança. Por esse motivo não dividi minha apresentação do material de acordo com os sucessivos períodos da infância, mas reuni numa única exposição fatos que ocorrem ou mais cedo ou mais tarde em cada criança. Estou convicto de que nenhuma criança - pelo menos nenhuma que seja mentalmente normal e menos ainda as bem dotadas intelectualmente - pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos *anteriores* à puberdade.

Não dou valor à objeção de que os neuróticos constituem uma classe especial, marcada por uma disposição inata 'degenerada', e de cuja vida infantil não podemos tirar qualquer conclusão sobre a infância de outras pessoas. Os neuróticos são muito semelhantes aos demais homens. Não se diferenciam acentuadamente das pessoas normais, e na infância não é fácil distingui-los dos que permanecerão sadios em sua vida posterior. Um dos resultados mais valiosos das investigações psicanalíticas é a descoberta de que as neuroses de tais indivíduos não possuem um conteúdo mental especial e peculiar, mas que, como Jung já analisou, eles adoecem devido aos mesmos complexos com que nós, as pessoas sadias, lutamos. A única diferença é que as sadias sabem superar esse complexo sem sofrer danos graves e visíveis na vida prática, enquanto nos casos nervosos a supressão dos complexos só obtém êxito à custa de dispendiosas formações substitutivas, isto é, do ponto de vista prático trata-se de um fracasso. Na infância, as pessoas neuróticas e as normais estão naturalmente muito mais próximas do que posteriormente, e assim não considero um erro de metodologia utilizar as comunicações dos neuróticos a respeito de sua infância para delas inferir, por analogia, conclusões sobre a vida infantil normal. Mas como aqueles que posteriormente se tornam neuróticos com frequência apresentam em sua constituição inata um instinto sexual particularmente forte e uma tendência à precocidade e à expressão prematura desse instinto, eles nos permitem perceber com maior clareza e precisão uma quantidade maior da atividade sexual infantil do que nossa embotada faculdade de observação poderia reconhecer em outras coisas. No entanto, certamente só poderemos avaliar de forma correta essas comunicações de adultos neuróticos quando, seguindo o exemplo de Havelock Ellis, consideramos proveitoso recolher as lembranças infantis também de adultos *saudáveis*.

Em consequência de circunstâncias desfavoráveis de natureza interna e externa, as observações que se seguem aplicam-se principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo - isto é, o masculino. Entretanto, o valor de uma tal compilação não deve ser puramente de natureza descritiva. O conhecimento das teorias sexuais infantis, tais como as concebe a mente da criança, pode ter interesse em mais de um sentido - até mesmo, surpreendentemente, para a elucidação dos mitos e contos de fadas. Além disso, são indispensáveis para uma compreensão das próprias neuroses, já que nestas ainda atuam as teorias infantis, exercendo uma decisiva influência sobre a forma assumida pelos sintomas.

Se pudéssemos despojar-nos de nossa exigência corpórea e observar as coisas da terra com uma nova perspectiva, como seres puramente pensantes, de outro planeta por exemplo,

talvez nada despertasse tanto a nossa atenção como o fato da existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios. No entanto, não me parece que as crianças também tomem esse fato fundamental como ponto de partida de suas pesquisas sobre os problemas sexuais. Como suas lembranças mais antigas já incluem um pai e uma mãe, aceitam a existência destes como uma realidade indiscutível, e um menino adotará a mesma atitude em relação a uma irmãzinha da qual o separam apenas um ou dois anos. O desejo da criança por esse tipo de conhecimento não surge espontaneamente, em consequência talvez de alguma necessidade inata de causas estabelecidas; surge sob o aguilhão dos instintos egoístas que a dominam, quando é surpreendida - talvez ao fim do seu segundo ano - pela chegada de um novo bebê. Também a criança cuja família não aumentou pode colocar-se na mesma situação observando os outros lares. A perda, realmente experimentada ou justamente temida, dos carinhos dos pais e o pressentimento de que, de agora em diante, terá sempre de compartilhar seus bens com o recém-chegado despertam suas emoções e aguçam sua capacidade de pensamento. A criança mais velha expressa sua franca hostilidade ao rival através de críticas inamistosas, esperando que 'a cegonha o leve de volta', e às vezes até através de pequenas agressões à desamparada criatura que está no berço. Quando a diferença de idades é maior, a expressão dessa hostilidade primária é geralmente mais suave. Assim, em idade posterior, se não apareceu um irmão ou uma irmã menores, o desejo da criança por um companheiro de brinquedos, tal como viu em outras famílias, pode alcançar a primazia.

Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: '*De onde vêm os bebês?*' - indagação cuja forma original certamente era: 'De onde veio esse bebê intrometido?' Parece-nos que ouvimos os ecos desse primeiro enigma nos inúmeros enigmas dos mitos e lendas. Essa pergunta é, como toda pesquisa, o produto de uma exigência vital, como se ao pensamento fosse atribuída a tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos. Suponhamos, entretanto, que o pensamento infantil logo se torne independente dessa instigação e passe a operar como um instinto auto-sustentado de pesquisa. Quando a criança não foi demasiadamente intimidada, mais cedo ou mais tarde recorre ao método direto de exigir uma resposta dos pais ou dos que cuidam dela, que representam a seus olhos a fonte de todo o conhecimento. Esse método, entretanto, falha. A criança recebe respostas evasivas, ou repreensões por sua curiosidade, ou ainda é despedida com a explicação mitológica que, nos países germânicos, é a seguinte: 'A cegonha traz os bebês; ela os retira da água.' Tenho motivos para acreditar que o número de crianças que não se satisfazem com essa solução, recebendo-a com fortes dúvidas que entretanto não admitem abertamente, é bem maior do que os pais supõem. Sei de um menino de três anos que, após receber essa informação, desapareceu - para terror de sua ama. Foi encontrado à margem de um grande lago que ficava perto da casa, para onde acorrera a fim de ver os bebês que estavam dentro d'água.

Sei também de outro menino que só conseguiu expressar sua dúvida retrucando timidamente que não era uma cegonha que trazia os bebês, mas sim uma garça. De um grande

número de informações que reuni, deduzi que as crianças se recusam a crer na teoria da cegonha e que, a partir dessa primeira decepção, começam a desconfiar dos adultos e a suspeitar que estes lhe escondem algo proibido, passando como resultado a manter em segredo suas investigações posteriores. Com isso, entretanto, a criança experimenta o seu primeiro 'conflito psíquico', pois certas concepções pelas quais sente uma preferência instintual não são consideradas corretas pelos adultos e contrapõem-se a outras defendidas pela autoridade dos mais velhos, as quais, entretanto, não lhe parecem aceitáveis. Esse conflito psíquico logo pode transformar-se numa 'dissociação psíquica'. O conjunto de concepções consideradas 'boas', mas que resultam numa cessação da reflexão, torna-se o conjunto das concepções dominantes e conscientes, enquanto o outro conjunto, a favor do qual o trabalho de investigação infantil coligiu novas provas, as quais entretanto não devem ser consideradas, torna-se o conjunto das opiniões reprimidas e inconscientes. Está assim formado o complexo nuclear de uma neurose.

Recentemente, a análise de um menino de cinco anos, feita pelo pai e a mim confiada para publicação, forneceu-me a confirmação irrefutável da correção de uma concepção que há muito inferi da psicanálise de adultos. Sei agora que as alterações sofridas pela mãe no decurso da gravidez não escapam aos olhos aguçados da criança, e que esta é perfeitamente capaz de logo estabelecer uma relação entre o aumento de volume materno e o aparecimento do bebê. No caso que citei acima, o menino tinha três anos e meio quando nasceu a irmã, e quatro anos e nove meses quando revelou o seu conhecimento por meio de claras alusões. Essa descoberta precoce, entretanto, é sempre conservada em segredo e mais tarde reprimida e esquecida, de acordo com as posteriores vicissitudes das pesquisas sexuais da criança.

A 'fábula da cegonha', portanto, não é uma das teorias sexuais da criança. Sua descrença nela é, ao contrário, fortalecida pela observação dos animais, que tão pouco dissimulam sua vida sexual e aos quais ela se sente tão intimamente ligada. Com o conhecimento de que os bebês crescem no interior do corpo da mãe, conhecimento a que chegou por si só, a criança estaria no caminho certo para solucionar o primeiro problema a que aplica suas energias mentais. No entanto, seu progresso é inibido pela ignorância que não pode ser confirmada (ver a partir de [1]) e pelas falsas teorias que lhe são impostas por sua própria sexualidade.

Essas teorias sexuais falsas, que agora examinei, possuem uma característica muito curiosa: embora cometam equívocos grotescos, cada uma delas contém um fragmento da verdade, no que se assemelham às tentativas dos adultos, que consideramos geniais, para decifrar os problemas do universo, que são tão complexos para a compreensão humana. A parte dessas teorias que é correta e atinge o alvo provém dos componentes do instinto sexual que já atuam no organismo infantil. Não surge de um ato mental arbitrário ou de impressões casuais, mas das necessidades da constituição psicosexual da criança, motivo pelo qual podemos falar de teorias sexuais infantis típicas, e pelo qual encontramos as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja vida sexual temos acesso.

A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos a que

me referi no início deste artigo (ver a partir de [1]) como uma característica infantil. Consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis*, tal como o menino sabe a partir de seu próprio corpo. É justamente na constituição sexual que devemos encarar como 'normal' que, já na infância, o pênis é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual auto-erótico. O alto valor que o menino lhe concede reflete-se naturalmente em sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida desse constituinte essencial. As palavras de um menino pequeno quando vê os genitais de sua irmãzinha demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear uma percepção. Ele não se refere à ausência do pênis, mas comenta *invariavelmente*, com intenção consoladora: 'O dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer.' A idéia de uma mulher com pênis retorna mais tarde, nos sonhos dos adultos; o indivíduo que sonha, num estado de excitação sexual noturna, subjuga a mulher, despoja-a de suas vestes, mas quando vai realizar o coito vê no lugar dos genitais femininos um pênis bem desenvolvido, e põe fim ao sonho e à excitação. Os numerosos hermafroditas da Antigüidade clássica reproduzem fielmente essa idéia generalizada na infância. Embora tais imagens não repugnem à maioria das pessoas normais, os exemplos reais de hermafroditismo que ocorrem na natureza despertam sempre o maior asco.

Se um indivíduo na infância 'fixa' essa idéia da mulher com um pênis, tornar-se-á, resistindo a todas as influências dos anos posteriores, incapaz de prescindir de um pênis no seu objeto sexual, e, embora em outros aspectos tenha uma vida sexual normal, está fadado a tornar-se um homossexual, indo procurar seu objeto sexual entre os homens que, devido a características físicas e mentais, lembram a mulher. Quando, mais tarde, vem a conhecer mulheres, elas já não podem mais ser para ele objetos sexuais porque carecem da atração sexual básica; na verdade, em conexão com uma outra impressão de sua vida infantil, elas podem causar-lhe repugnância. O menino, no qual dominam principalmente as excitações do pênis, costuma obter prazer estimulando esse órgão com a mão. Seus pais e sua ama o surpreenderam nesse ato e o intimidam com a ameaça de cortar-lhe o pênis. O efeito dessa 'ameaça de castração' é proporcional ao valor conferido ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente. As lendas e os mitos atestam o transtorno da vida emocional e todo o horror ligado ao complexo de castração, complexo este que será subseqüentemente lembrado com grande relutância pela consciência. Os genitais femininos, vistos mais tarde, são encarados como um órgão mutilado e trazem à lembrança aquela ameaça, despertando assim horror, em vez de prazer, no homossexual. Essa reação não sofre nenhuma alteração quando o homossexual, através da ciência, vem a saber que a suposição infantil que atribui um pênis à mulher não é assim tão errada. A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno - torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado, e a sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos da

puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. Como a função sexual de muitas mulheres apresenta-se reduzida, seja por seu obstinado apego a essa excitabilidade do clitóris, de modo a permanecerem anestesiadas durante o coito, seja por uma repressão tão excessiva que seu funcionamento é em parte substituído por formações compensatórias históricas - tudo isso parece mostrar que existe uma dose de verdade na teoria sexual infantil de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis.

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é possível para os meninos porque possuem um pênis grande; e quando uma delas declara que 'preferiria ser um menino', já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar.

Se as crianças seguissem as pistas fornecidas pela excitação do pênis, chegariam bem mais perto da solução do seu problema. Que o bebê se forma dentro do corpo da mãe não é obviamente uma explicação suficiente. Como ele chega lá dentro? O que provoca o seu desenvolvimento? Parece lógico que o pai tenha alguma coisa a ver com isso, pois diz que o bebê também é *dele*. O pênis também desempenha certamente algum papel nesses misteriosos acontecimentos, como comprova a excitação desse órgão que acompanha tais atividades mentais da criança. A essa excitação associam-se impulsões que a criança não consegue explicar, compulsões obscuras a um ato violento, a esmagar ou romper qualquer coisa, a abrir um buraco em algum lugar. Mas quando parecesse assim bem encaminhada para descobrir a existência da vagina e inferir que a penetração do pênis paterno na mãe foi o ato que gerou o bebê no corpo desta - nesse momento crítico, a criança perplexa e impotente é obrigada a interromper sua investigação. O obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é a sua própria teoria de que a mãe possui um pênis, como um homem. Não é difícil concluir que o malogro de seus esforços intelectuais o faz rejeitá-los e esquecê-los. Essas hesitações e dúvidas tornam-se, entretanto, o protótipo de todo o seu trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas, tendo esse primeiro fracasso um efeito cerceante sobre todo o futuro da criança.

A ignorância da vagina também permite às crianças acreditar na segunda de suas teorias sexuais. Se o bebê se desenvolve no corpo da mãe, sendo então retirado, isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal. *O bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação*. Quando, na infância posterior, a mesma questão é assunto de reflexão solitária ou de discussão entre duas crianças, as explicações encontradas são de que o bebê sai pelo umbigo, que se abre, ou através de um corte na barriga - que foi o que aconteceu com o lobo na história do Chapeuzinho Vermelho. Essas teorias são expressas em voz alta e depois lembradas conscientemente, pois nada contêm de censurável. Essas mesmas crianças já esqueceram completamente que em anos anteriores acreditaram em outra teoria do nascimento, agora obliterada pela repressão, ocorrida nesse intervalo, dos componentes sexuais anais. Naquela

época a criança podia falar em evacuação sem envergonhar-se, não estando ainda tão distanciada de suas inclinações coprófilas constitucionais. A idéia de vir ao mundo como uma massa de fezes não era degradante, não tendo sido ainda condenada por sentimentos de repugnância. A teoria cloacal, que afinal é válida para tantos animais, era a teoria mais natural, a única que poderia parecer provável à criança.

Sendo assim, entretanto, era apenas lógico que a criança negasse às mulheres o doloroso privilégio de dar à luz bebês. Se estes nascem pelo ânus, um homem pode parir tão bem quanto uma mulher. Portanto, é possível que o menino imagine que também ele tenha filhos, sem que por isto tenhamos de lhe atribuir inclinações femininas. Com isso ele apenas revela o erotismo anal nele ainda atuante.

Se a teoria cloacal do nascimento é preservada na consciência nos anos posteriores da infância, como às vezes sucede, a ela se associa uma solução, agora não mais primária, da questão da origem dos bebês. Essa solução é semelhante à dos contos de fadas: a ingestão de uma determinada comida ocasiona a concepção de uma criança. Essa teoria infantil do nascimento é revivida em casos de insanidade. Uma mulher maníaca, por exemplo, irá mostrar ao médico atendente as fezes que defecara a um canto da cela e dizer-lhe com uma gargalhada: 'eis o bebê que tive hoje.'

A terceira das teorias sexuais típicas surge nas crianças quando, por qualquer circunstância doméstica, elas testemunham acidentalmente uma relação sexual entre os pais. Sua percepção dos acontecimentos é fatalmente muito incompleta. Quaisquer que tenham sido os detalhes que atraíram sua atenção - as posições das duas pessoas, os ruídos ou qualquer circunstância acessória -, a criança chega sempre à mesma conclusão, adotando o que se poderia chamar de uma *concepção sádica do coito*. Ela o encara como um ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco. No caso do menino, principalmente, compara-o aos brinquedos violentos da infância, que lhe são tão familiares, e dos quais não está ausente uma certa dose de excitação sexual. Não consigo certificar-me se a criança vê, neste comportamento que testemunhou entre seus pais, o elo que lhe faltava para solucionar o problema dos bebês. É bem provável que não percebam essa conexão pelas simples razão de que interpretam o ato de amor como sendo um ato de violência. No entanto, essa concepção dá a impressão de um retorno ao obscuro impulso para um comportamento cruel que se associou às excitações do pênis da criança no momento em que ela principiou a refletir sobre a origem dos bebês (ver em [1]). Não podemos também excluir a possibilidade de que esse impulso sádico prematuro, que quase levou à descoberta do coito, emergiu sob a influência de lembranças extremamente obscuras das relações sexuais dos pais, cujo material, não utilizado na época, foi obtido pela criança em seus primeiros anos, quando ainda compartilhava do quarto dos pais.

A teoria sádica do coito, que tomada isoladamente é enganosa, quando poderia fornecer provas corroborativas, é também a expressão de um dos componentes inatos do instinto sexual, componentes que podem ser mais ou menos vigorosos segundo a criança. Por esse motivo, a

teoria é até certo ponto correta, pois adivinhou parcialmente a natureza do ato sexual e da 'batalha do sexo' que o precede. Algumas vezes a criança pode confirmar essa teoria por meio de observações acidentais, que em parte compreende corretamente, mas em parte incorretamente, e até mesmo no sentido inverso. Em muitos casamentos a esposa de fato resiste ao abraço do marido, que não lhe causa prazer, mas sim o risco de uma nova gravidez. E assim a criança que julgam adormecida (ou que se finge adormecida) pode ficar com a impressão de que sua mãe se defendia de um ato de violência. Outras vezes o casamento oferece à observadora criança o espetáculo de brigas contínuas, expressas em palavras duras e gestos inamistosos. Assim, ela não se surpreende se o conflito continua à noite, sendo por fim encerrado pelo método que ela própria utiliza em sua relação com os irmãos e irmãs ou companheiros de brinquedos.

Em acréscimo, se a criança descobre manchas de sangue na cama da mãe ou em suas roupas íntimas, considera-se como uma confirmação de suas concepções. Para ela são provas de que o pai tornou a agredir a mãe à noite (ao passo que interpretaríamos essas manchas como indício de uma interrupção temporária das relações sexuais). Grande parte do 'horror ao sangue' dos neuróticos só é explicável através dessa conexão. Uma vez mais, porém, o engano infantil contém um fragmento da verdade, pois, em certas circunstâncias que nos são familiares, os vestígios de sangue são na verdade interpretados como um sinal de iniciação sexual.

Uma outra questão indiretamente relacionada com o problema insolúvel da origem dos bebês atrai também a atenção da criança: a questão da natureza e do conteúdo do estado de casamento. Ela responderá de formas diversas a essa questão, conforme os instintos nela ainda revestidos de prazer tenham coincidido com suas percepções fortuitas dos pais. Contudo, todas essas respostas têm em comum o fato de que a criança vê no casamento uma promessa de prazer e acredita que esse prazer esteja relacionado com uma ausência de pudor. O conceito que encontrei com maior frequência foi que os *casados urinam um em frente do outro*. Uma variação que parece incluir simbolicamente um maior conhecimento é que *o homem urina no urinol da mulher*. Para outras crianças o casamento significa que *as duas pessoas* mostram seus traseiros um ao outro (sem sentir vergonha). Uma menina de quatorze anos, já menstruada, de quem a educação conseguira afastar o conhecimento sexual, deduziu da leitura de alguns livros que o casamento consistia na 'mistura de sangue'; como sua própria irmã ainda não iniciara seus períodos, a jovem tentou uma agressão sexual a uma visitante que confessara estar menstruada no momento, para forçá-la a participar dessa 'mistura de sangue'.

As teorias infantis a respeito do casamento, retidas com frequência pela memória consciente, têm grande significação na sintomatologia de doenças neuróticas posteriores. A princípio elas são expressas pelos jogos infantis nos quais a criança faz com uma outra aquilo que a seu ver constitui o casamento; mais tarde, o desejo de ser casado pode expressar-se de uma forma infantil e aparecer numa fobia, à primeira vista inexplicável, ou em algum sintoma correlato.

Estas parecem ser as mais importantes das teorias sexuais típicas concebidas espontaneamente pela criança nos primeiros anos da infância, sob a única influência dos

componentes do instinto sexual. Sei que não consegui tornar seu material completo, nem estabelecer uma relação contínua entre ele e o resto da vida infantil. No entanto, devo acrescentar algumas observações suplementares cuja ausência seria notada por pessoas bem informadas. Existe assim, por exemplo, a importante teoria de que a criança é gerada num beijo - teoria que obviamente revela a predominância da zona erógena da boca. Que eu saiba, essa teoria é exclusivamente feminina e algumas vezes mostra-se patogênica em meninas cujas pesquisas sexuais foram sujeitadas a inibições fortíssimas na infância. Uma das minhas pacientes, por meio de uma observação fortuita, chegou à teoria da 'couvade', que como se sabe é um costume generalizado entre alguns povos, e cuja finalidade era provavelmente desfazer as dúvidas quanto à paternidade, que nunca podem ser totalmente afastadas. Um tio dessa paciente, meio excêntrico, costumava permanecer em casa por vários dias após os partos de sua mulher, recebendo os visitantes de roupão, fato que a levou à conclusão de que tanto o pai como a mãe participavam do nascimento da criança e precisavam repousar.

Mais ou menos aos dez ou onze anos as crianças começam a ouvir falar de assuntos sexuais. Uma criança que cresceu numa atmosfera social menos inibida, ou que teve melhores oportunidades de observação, conta às outras aquilo que sabe, pois isso a faz sentir-se amadurecida e superior. Os conhecimentos que as crianças adquirem dessa forma são na maior parte corretos, isto é, elas descobrem a existência da vagina e sua finalidade; no mais, porém, as revelações que trocam entre si são freqüentemente mescladas com idéias falsas e resíduos de teorias sexuais infantis anteriores. Essas revelações que nunca são completas ou suficientes para resolver o problema básico. Agora é o desconhecimento do sêmen, como era anteriormente o desconhecimento da vagina, o obstáculo para a compreensão de todo o processo. A criança não pode adivinhar que o órgão sexual masculino excreta outra substância que não a urina. Ocasionalmente uma jovem 'inocente' ainda fica indignada na noite de núpcias pelo fato de o marido 'urinar dentro dela'. A essa informação adquirida nos anos pré-puberdade seguem-se novas tentativas de investigação sexual por parte da criança, mas as teorias que ela agora concebe não têm mais aquele caráter típico e original das teorias primitivas dos primórdios da infância, quando os componentes sexuais infantis podiam ser expressos sem inibições e sem alterações. Os esforços intelectuais posteriores das crianças para decifrar os enigmas do sexo não me parecem dignos de atenção, nem possuir alguma significação patogênica. Sua variedade depende sem dúvida principalmente da natureza do esclarecimento que a criança recebe, mas sua significação reside antes no fato de despertarem os traços, que se tornaram inconscientes, do primeiro período infantil de interesse sexual. Assim é freqüente que a essas investigações se associe uma atividade sexual masturbatória e um certo grau de afastamento emocional dos pais. Daí o juízo condenatório de alguns professores de que o esclarecimento nessa idade 'corrompe' as crianças.

Vou oferecer-lhes agora alguns exemplos que mostram quais os elementos que integram essas especulações tardias das crianças sobre a vida sexual. Uma menina soubera por seus

colegas que o marido dá à esposa um ovo que ela choca no interior do corpo. Um menino, ao ouvir a mesma história, identificou esse ovo com o testículo, que [em alemão] é vulgarmente conhecido pela mesma palavra [Ei]; e empregou todos os esforços mentais para descobrir como o conteúdo do escroto poderia ser constantemente renovado. A informação recebida raramente é suficiente para prevenir o aparecimento de dúvidas importantes sobre os efeitos sexuais. Assim, uma menina pode imaginar que o coito só ocorreu uma única vez, durando entretanto muito tempo, vinte e quatro horas, e que todos os bebês do casal provêm dessa única ocasião. Poder-se-ia supor que essa criança obteve seus conhecimentos dos processos reprodutivos de certos insetos, mas essa hipótese não se confirmou; a teoria emergira como uma criação espontânea. Outras meninas ignoram a duração da gestação, a vida no útero, e supõem que o bebê aparece imediatamente após a primeira noite das relações sexuais. Marcel Prévost utilizou esse equívoco juvenil numa divertida história que aparece em uma das suas '*Lettres de femmes*'. As pesquisas sexuais posteriores de crianças, ou de adolescentes que permaneceram no estágio infantil, oferecem um tema quase inexaurível, que apresenta um certo interesse geral, mas que no momento está um tanto fora do meu interesse. Devo ainda assinalar que nesse setor as crianças produzem muitas idéias errôneas a fim de refutar conhecimento mais antigo e mais preciso que se tornou inconsciente e reprimido.

O modo pelo qual as crianças reagem à informação recebida também é significativo. Em algumas a repressão sexual está tão adiantada que elas não dão ouvidos a nada; essas crianças conseguem permanecer ignorantes mesmo na vida adulta - *aparentemente* ignorantes, pelo menos - até que, na psicanálise de neuróticos, o conhecimento originado na primeira infância vem à luz. Sei também de dois meninos entre dez e treze anos que, ao receberem informações sexuais, rejeitaram-nas com as seguintes palavras: 'Seu pai e outras pessoas podem fazer isso, mas tenho certeza de que *meu* pai nunca o faria.' Mas por mais diversas que sejam as reações posteriores das crianças à satisfação de sua curiosidade sexual, podemos supor que nos primeiros anos da infância sua atitude era absolutamente uniforme, e ter a certeza de que nesse período todas elas tentaram ansiosamente descobrir o que os pais faziam um com o outro para terem bebês.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE ATAQUES HISTÉRICOS (1909 [1908])

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ALLGEMEINES ÜBER DEN HYSTERISCHEN ANFALL

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

(1908 Data provável da redação.)

1909 *Z. Psychother. med. Psychol.*, 1 (1) [Janeiro], 10-14.

1909 *S.K.S.N.*, 2, 146-150. (1912, 2ª ed.; 1921, 3ª ed.)

1924 *G.S.*, 5, 255-260.

1941 *G.W.*, 7, 235-240.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'General Remarks on Hysterical Attacks'

1924 *C.P.*, 2 100-104. (Trad. de D. Bryan.)

A presente tradução, com um título ligeiramente alterado, é uma versão modificada da publicada em 1924.

Freud escreveu este artigo a pedido de Albert Moll para o primeiro número de um novo periódico fundado pelo mesmo. Alguns meses antes, a 8 de abril de 1908, Freud discorrera sobre o mesmo assunto numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena. A última vez em que o discutira fora na Seção IV da 'Comunicação Preliminar' (1893a) de Breuer e Freud aos *Estudos sobre a Histeria*. O presente artigo é uma dessas obras extremamente condensadas, quase esquemáticas, em que podemos perceber as sementes de posteriores desenvolvimentos. (Ver especialmente a Seção B). Só vinte anos mais tarde, porém, Freud retornou ao tema dos ataques

históricos, ao examinar os ataques 'epilépticos' de Dostoievski (1928b).

ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE ATAQUES HISTÓRICOS

Ao empreendermos a psicanálise de uma paciente histérica cuja enfermidade manifesta-se através de ataques, logo nos convencemos de que tais ataques não passam de fantasias traduzidas para a esfera motora, projetadas sobre a motilidade e representadas por meio de mímica. É verdade que as fantasias são inconscientes, mas, com exceção desse detalhe, são da mesma natureza das fantasias que podem ser observadas diretamente nos devaneios ou que podemos inferir da interpretação dos sonhos noturnos. Muitas vezes um sonho pode substituir um ataque, e ainda mais freqüentemente explicar o mesmo, já que a mesma fantasia se expressa de formas diversas no sonho e no ataque. Poderíamos supor que, pela observação de um ataque, viéssemos a descobrir a fantasia nele representada, mais isso é raro. Via de regra, devido à influência da censura, a representação mímica da fantasia sofre distorções idênticas às distorções alucinatórias do sonho, de forma que ambas se tornam incompreensíveis tanto para a consciência do indivíduo como para a compreensão do observador. O ataque histórico, portanto, deve ser submetido à mesma revisão interpretativa que empregamos para os sonhos noturnos, pois tanto as forças que dão origem à distorção, como a finalidade dessa distorção e a técnica nela empregada são as mesmas que deduzimos da interpretação dos sonhos.

(1) O ataque torna-se ininteligível por representar simultaneamente várias fantasias em um mesmo material, ou seja, através da *condensação*. Os elementos comuns às duas (ou mais) fantasias constituem o núcleo da representação, como sucede nos sonhos. As fantasias que assim coincidem são sempre de naturezas bem diversas, podendo, por exemplo, consistir num desejo recente e numa reativação de uma impressão infantil. As mesmas inervações servem então às duas finalidades, muitas vezes de forma bastante engenhosa. Nos pacientes históricos que utilizam em alto grau a condensação, uma única forma de ataque pode ser suficiente; outros expressam suas numerosas fantasias patogênicas através da multiplicidade das formas de ataque.

(2) O ataque torna-se obscuro pelo fato de o paciente tentar realizar as atividades de ambas as figuras que aparecem na fantasia, ou seja, por meio de uma identificação múltipla. Confira-se, por exemplo, o caso que mencionei em meu artigo sobre 'Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade' (1908a), no qual a paciente tentava despojar-se de suas vestes com uma das mãos (como homem) enquanto as retinha com a outra (como mulher).

(3) Uma *inversão antagônica de inervações*, processo análogo à transformação de um

elemento em seu oposto, comum no trabalho onírico, acarreta também uma distorção muito ampla. Um abraço, por exemplo, pode ser representado no ataque pelo esticar convulsivo dos braços para trás até que as mãos se tocam no plano da coluna vertebral. É bem possível que o conhecido arc de cercle que ocorre nos ataques histéricos graves seja apenas uma análoga e enérgica rejeição, através de uma inervação antagônica, de uma postura do corpo adequada para a relação sexual.

(4) Quase tão desorientadora e enganosa é a *inversão da ordem cronológica* na fantasia que é representada, a qual também tem seu correspondente em certos sonhos que começam com o final da ação e terminam com seu início. Vamos supor, por exemplo, que uma mulher histérica tem uma fantasia de sedução na qual se encontra sentada lendo num parque, com a saia ligeiramente erguida, de modo a mostrar o pé. Um cavalheiro aproxima-se e dirige-lhe a palavra; os dois vão para um lugar qualquer e se entregam a carícias amorosas. A atuação da fantasia no ataque inicia-se com convulsões que correspondem ao coito. Em seguida a mulher se levanta, dirige-se a um outro aposento, senta-se lendo um livro e dali a pouco responde a uma observação imaginária dirigida a ela.

As duas últimas formas de distorção acima descritas nos dão alguma idéia da intensidade das resistências que o material reprimido precisa levar em conta mesmo quando irrompe através de um ataque histérico.

O desencadeamento de ataques histéricos segue leis de fácil compreensão. Como o complexo reprimido consiste numa catexia libidinal e num conteúdo ideativo (a fantasia), o ataque pode ser determinado (1) *associativamente*, quando o conteúdo do complexo (se suficientemente catexizado) é atingido por um acontecimento da vida consciente a ele ligado; (2) *organicamente*, quando por razões somáticas internas resultantes de influências psíquicas externas a catexia libidinal eleva-se acima de um determinado nível; (3) a serviço do *objetivo primário*, como uma expressão da 'fuga para a doença', quando a realidade torna-se penosa ou temível, isto é, como um *consolo*; (4) a serviço de *objetivos secundários* aos quais a doença se alia para que através do ataque o paciente atinja uma meta útil para ele. Neste último caso o ataque é endereçado a determinados indivíduos, podendo ser adiado até que estes estejam presentes e dando a impressão de ser conscientemente simulado.

A investigação da história infantil de pacientes histéricos mostra que o ataque histérico destina-se a substituir uma satisfação *auto-érotica* praticada no passado e à qual o indivíduo renunciou. Num grande número de casos essa satisfação (masturbação por contato ou por pressão das coxas, movimentos da língua, etc.) repete-se durante o ataque, enquanto a consciência do indivíduo está defletida. Ademais, o desencadeamento de um ataque que é devido a um aumento da libido e que está a serviço do objeto primário - na qualidade de consolo - repete exatamente as condições em que numa época anterior o paciente procurava intencionalmente

essa satisfação auto-erótica. A anamnese do paciente revela os seguintes estádios: (a) satisfação auto-erótica, sem conteúdo ideativo; b) a mesma satisfação, em conexão com uma fantasia que leva ao ato de satisfação (c) renúncia ao ato, com a permanência da fantasia; (d) repressão da fantasia, que então se manifesta através do ataque histérico, ou em uma forma inalterada ou numa forma modificada e adaptada às novas impressões do meio. Além disso, (e) a fantasia pode até restabelecer o ato de satisfação ao qual se abdicara aparentemente. Eis aqui um ciclo típico de atividade sexual infantil: repressão, malogro da repressão e retorno do reprimido.

A incontinência urinária certamente não é incompatível com o diagnóstico de ataque histérico, já que não faz senão repetir uma forma infantil de poluição violenta. Em casos inequívocos de histeria também pode acontecer de o indivíduo morder a língua, ato tão compatível com a histeria quanto com os jogos amorosos, e que ocorre com maior frequência quando o médico alerta o paciente para as dificuldades de estabelecer um diagnóstico diferencial. Em ataques histéricos (mais freqüentes entre homens) pode ocorrer um autoferimento que repete um acidente da vida infantil - como, por exemplo, as consequências de um folgado violento.

A perda de consciência num ataque histérico, a '*absence*', deriva-se do fugaz mas inegável lapso de consciência que se observa no clímax de toda satisfação sexual intensa, inclusive as auto-eróticas. Esse curso de desenvolvimento pode ser delineado com mais certeza onde as *absences* histéricas surgem a partir do desencadeamento de poluições em jovens do sexo feminino. Os chamados 'estados hipnóides' - *absences* durante os devaneios -, tão comuns entre indivíduos histéricos, revelam a mesma origem. O mecanismo dessas *absences* é comparativamente simples. Toda a atenção do indivíduo fica concentrada inicialmente no curso do processo de satisfação; quando esta ocorre, toda essa catexia de atenção é subitamente removida, daí resultando um momentâneo vazio na consciência. Esse vazio, que se poderia qualificar de *fisiológico*, amplia-se a serviço da repressão para tragar tudo aquilo que a instância repressora rejeita.

É o mecanismo reflexo do coito que mostra o caminho para a descarga motora da libido reprimida em um ataque histérico - mecanismo este pronto a operar em todos, inclusive nas mulheres, e que vemos em operação manifesta quando o indivíduo se entrega sem restrições à atividade sexual. Já na Antiguidade o coito era descrito como uma 'pequena epilepsia'. Alterando isso um pouco, podemos dizer que um ataque histérico convulsivo é equivalente de um coito. A analogia com um ataque epiléptico é de pouca valia, pois a gênese deste é ainda mais obscura do que a dos ataques histéricos.

Encarando o conjunto, os ataques histéricos, assim como a histeria em geral, revivem uma parcela da atividade sexual das mulheres que existiu durante sua infância e que naquele período revelava um caráter essencialmente masculino. Podemos observar com frequência que aquelas jovens que mostravam natureza e tendências masculinas nos anos anteriores à puberdade, são justamente as que se tornam histéricas daí em diante. Em grande número de casos a neurose

histórica representa apenas uma intensificação excessiva daquele influxo típico de repressão que, apagando a sexualidade masculina, permite o aparecimento da mulher.

ROMANCES FAMILIARES (1909 [1908])

NOTA DO EDITOR INGLÊS

DER FAMILIENROMAN DER NEUROTIKER

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

(1908 Data provável de redação.)

1909 Em O. Rank, *Der Mythos von der Geburt des Helden*, 64-8, Leipzig e Viena: Deuticke.

(1922, 2ª ed., 82-6.)

1931 *Neurosenlehre und Technik*, 300-4.

1934 G.S., 12, 367-71.

1934 *Psychoan. Päd.*, 8, 281-5.

1941 G.W., 7, 227-31.

(b) TRADUÇÕES INGLÊSAS:

1913 Em Rank, *Myth of the Birth of the Hero*, J. Nerv. Ment. Dis. 40, 668-71, 718-19. (Trad. de S. E.)

'*Family Romances*'

1914 A mesma, em formato de livro, 63-8. Nova Iorque: Nervous and Mental Diseases Publishing Co.

'*Family Romances*'

1950 C.P., 5, 74-8. (Trad. de James Strachey.)

A presente tradução é uma reimpressão, ligeiramente modificada, da publicada em 1950.

Quando este artigo foi publicado pela primeira vez, no livro de Rank, não tinha qualquer título, nem formava uma seção separada. Foi simplesmente inserido no correr do texto de Rank com algumas palavras de agradecimento. Só veio a receber um título em alemão em sua primeira reimpressão. Como o prefácio ao livro de Rank está datado 'Natal, 1908', é provável que a contribuição de Freud tenha sido escrita nesse ano. Há muito Freud descobrira esses 'romances familiares', como os designara, embora inicialmente os atribuísse especialmente aos paranóicos. Ver suas cartas a Fliess de 24 de janeiro e 25 de maio de 1897 e de 20 de junho de 1898 (Freud, 1950a, Carta 57, Rascunho M, e Carta 91, onde o termo é usado pela primeira vez).

ROMANCES FAMILIARES

Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas. Existe, porém, uma classe de neuróticos cuja condição é determinada visivelmente por terem falhado nessa tarefa.

Os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (isto é, ao progenitor do mesmo sexo), e ser grande como seu pai e sua mãe. Contudo, ao desenvolver-se intelectualmente, a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem. Vem a conhecer outros pais e os compara com os seus, adquirindo assim o direito de pôr em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuíra. Os pequenos fatos da vida da criança que a tornam descontente, fornece-lhe um pretexto para começar a criticar os pais; para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus. A psicologia das neuroses nos ensina que, entre outros fatores, contribuem para esse resultado os impulsos mais intensos da rivalidade sexual. O sentimento de estar sendo negligenciado constitui

obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos *sente* que é negligenciada, ou que não está recebendo todo o amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs. Sua sensação de que sua afeição não está sendo retribuída encontra abrigo na idéia, mais tarde lembrada conscientemente a partir da infância inicial, de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta. Alguns indivíduos que não desenvolveram neuroses se lembram com muita freqüência de ocasiões em que - em geral em consequência de alguma leitura - interpretaram e responderam dessa forma ao comportamento hostil dos pais. Mas já aqui evidencia-se a influência do sexo, pois o menino tem maiores tendências a sentir impulsos hostis contra o pai do que contra a mãe, tendo um desejo bem mais intenso de libertar-se *dele* do que *dela*. A esse respeito a imaginação das meninas tende a revelar-se muito mais fraca. Esses impulsos mentais da infância conscientemente lembrados constituem o fator que nos permite entender a natureza dos mitos.

O estágio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais, que assim teve início, pode ser descrito como o 'romance familiar do neurótico', sendo raramente lembrado conscientemente, mas podendo quase sempre ser revelado pela psicanálise, já que uma atividade imaginativa estranhamente acentuada é uma das características essenciais dos neuróticos e também de todas as pessoas relativamente bem dotadas. Essa atividade emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo característico dessa atividade imaginativa está nos devaneios que se prolongam até muito depois da puberdade. Se examinarmos com cuidado esses devaneios, descobriremos que constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real. Têm dois objetivos principais: um erótico e um ambicioso - embora um objeto erótico esteja comumente oculto sob o último. No período já mencionado a imaginação da criança entrega-se à tarefa de libertar-se dos pais que desceram em sua estima, e de substituí-los por outros, em geral de uma posição social mais elevada. Nessa conexão ela lançará mão de quaisquer coincidências oportunas de sua experiência real, tal como quando trava conhecimento com o senhor da Casa Grande ou com o dono de alguma grande propriedade, se mora no campo, ou com algum membro da aristocracia, se mora na cidade. Esses acontecimentos fortuitos despertam a inveja da criança, que encontra expressão numa fantasia em que seus pais são substituídos por outros de melhor linhagem. A técnica utilizada no desenvolvimento dessas fantasias (que, naturalmente, são conscientes nesse período) depende da inventividade e do material à disposição da criança. Há também a questão de as fantasias serem desenvolvidas com maior ou menor esforço para se obter verossimilhança. Esse estágio é alcançado numa época em que a criança ainda ignora os determinantes sexuais da procriação.

Quando finalmente a criança vem a conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas relações sexuais, e compreende que '*pater semper incertus est*',

enquanto a mãe é 'certíssima' o romance familiar sofre uma curiosa restrição: contenta-se em exaltar o pai da criança, deixando de lançar dúvidas sobre sua origem materna, que é encarada como fato indiscutível. Esse segundo estágio (sexual) do romance familiar sofre o influxo de um outro motivo que está ausente do primeiro estágio (assexual). A criança que já conhece os processos sexuais tende a se imaginar em relações e situações eróticas, cuja força motivadora é o desejo de colocar a mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual) em situações de secreta infidelidade e em secretos casos amorosos. Dessa forma, as fantasias da criança, que inicialmente eram assexuais, elevam-se ao nível do seu conhecimento posterior.

Além disso, o motivo da vingança e da retaliação, que estava em primeiro plano no estágio inicial, também está presente no posterior. Via de regra, são precisamente essas crianças neuróticas, que foram punidas pelos pais por travessuras sexuais, que agora se vingam dos mesmos através de tais fantasias.

A criança mais nova tende especialmente a utilizar essas histórias imaginativas para despojar os irmãos mais velhos de suas prerrogativas - de uma maneira que lembra as intrigas históricas; e com frequência não hesita em atribuir à mãe tantos casos de amor fictícios quantos são os seus competidores. Pode então surgir uma interessante variação desses romances familiares, e um que o herói e autor tem uma legitimidade reconhecida enquanto seus irmãos e irmãs são declarados bastardos. Se estiverem operando também outros interesses, estes podem determinar o curso do romance familiar, já que sua multiplicidade e amplitude de formas permite-lhe satisfazer toda uma série de requisitos. Assim, por exemplo, o jovem construtor de fantasias pode eliminar o grau proibitório de parentesco que o une a uma irmã por quem se sente sexualmente atraído.

Se alguém está inclinado a fugir horrorizado ante essa depravação do coração infantil ou se sente até mesmo tentado a refutar a possibilidade de tais coisas, deveria observar que nenhuma dessas obras de ficção, aparentemente plenas de hostilidade, possui na realidade uma intenção tão má, e que ainda conservam, sob um leve disfarce, a primitiva afeição da criança por seus pais. A infidelidade e a ingratidão são apenas aparentes. Se examinarmos em detalhe o mais comum desses romances imaginativos, a substituição dos pais, ou só do pai, por pessoas de melhor situação, veremos que a criança atribui a esses novos e aristocráticos pais qualidades que se originam das recordações reais dos pais mais humildes e verdadeiros. Dessa forma a criança não está se descartando do pai, mas enaltecendo-o. Na verdade, todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. Ela dá as costas ao pai, tal como o conhece no presente, para voltar-se para aquele pai em quem confiava nos primeiros anos de sua infância, e sua fantasia é a expressão de um lamento pelos dias felizes que se foram. Assim volta a manifestar-se nessas fantasias a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da criança. O estudo dos sonhos nos fornece uma contribuição interessante ao assunto. Da interpretação dos

mesmos concluímos que mesmo em anos posteriores, se o Imperador e a Imperatriz aparecem em sonhos, tais nobres personagens representam o pai e a mãe do sonhador. Assim, a supervalorização dos pais pela criança sobrevive também nos sonhos de adultos normais.

BREVES ESCRITOS (1903-1909)

RESPOSTA A UM QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA (1906)

Pedem-me que faça uma relação de ‘dez bons livros’ sem a tal acrescentarem maiores explicações. Cabe-me assim não somente a escolha dos livros, mas também a interpretação do pedido. Como estou acostumado a dar atenção a pequenos sinais, devo basear-me na forma como esse enigmático pedido foi expresso. Não me solicitaram ‘os dez mais esplêndidos livros (da literatura mundial)’, quando eu seria obrigado a responder, como tantos outros: Homero, as tragédias de Sófocles, o *Fausto* de Goethe, o *Hamlet* e o *Macbeth* de Shakespeare, etc. Nem me pediram ‘os dez livros mais significativos’, entre os quais teriam de ser incluídas as realizações científicas de Copérnico, do velho médico Johann Weier sobre a crença nas bruxas, a *Descendência do Homem* de Darwin, e outros. Nem falaram em ‘livros favoritos’, entre os quais eu não teria esquecido *O Paraíso Perdido* de Milton e o *Lázaro* de Heine. Parece-me pairar uma ênfase especial sobre o adjetivo ‘bons’, em sua frase, e com isso pretenderem os senhores designar aqueles livros que se assemelham a ‘bons’ amigos, aos quais devemos uma parcela do nosso conhecimento da vida e de nossa visão do mundo - livros que nos deram prazer e que recomendamos de bom grado a outros, mas que não nos despertam uma particular e tímida reverência, nem uma sensação de pequenez diante de sua grandiosidade.

Indicarei, portanto, dez ‘bons’ livros que me vieram à mente sem muita reflexão.

Multatuli, *Cartas e Obras*. [Cf. pág. 138 n.]

Kipling, *Jungle Book*.

Anatole France, *Sur la pierre blanche*.

Zola, *Fécondité*.

Merezhkovsky, *Leonardo da Vinci*.

G. Keller, *Leute von Seldwyla*.

C. F. Meyer, *Huttens letzte Tage*.

Macaulay, *Essays*.

Gomperz, *Griechische Denker*.

Mark Twain, *Sketches*.

Não sei o que pretendem fazer com essa lista. Até mesmo a mim ela parece estranha, e não posso enviá-la sem algumas observações. Não me deterei nas razões desses livros e não de outros igualmente ‘bons’. Só desejo examinar a relação entre o autor e sua obra. Esse elo não é sempre tão firme como, por exemplo, no caso do *Jungle Book* de Kipling. Na maior parte das vezes, eu poderia ter escolhido outro livro do mesmo autor - como, no caso de Zola, o *Docteur Pascal* -, e assim por diante. Com freqüência o mesmo homem que nos ofereceu um bom livro produziu outras boas obras. No caso de Multatuli hesitei entre escolher as ‘Cartas de Amor’, em detrimento das cartas particulares, e rejeitar as primeiras a favor das segundas, e assim escrevi: ‘Cartas e Obras’. Excluí dessa lista obras realmente criativas de valor puramente poético, porque não parece ser este exatamente o objetivo de sua solicitação: bons livros. Quanto a *Hutten* de C. F. Meyer, coloco sua condição de ‘bom’ bem acima de suas qualidades formais; nele procuramos

'edificação' acima de prazer estético.

Com esse pedido de 'dez bons livros' os senhores levantaram uma questão que poderia ser estendida indefinidamente. E aqui concluo, para não me tornar em demasia informativo.

Sinceramente seu,
FREUD.

PROSPECTO PARA *SCHRIFTEN ZUR ANGEWANDTEN SEELENKUNDE* (1907)

Os *Schriften zur Angewandten Seelenkunde*, cujo primeiro número acaba de ser publicado, dirigem-se àquele amplo círculo de pessoas instruídas que, sem serem realmente filósofos ou médicos, estimam as ciências da mente humana por sua importância na compreensão e no aprimoramento de nossas vidas. Os artigos não serão publicados numa ordem predeterminada, mas sempre apresentarão em cada caso um único estudo sobre a aplicação de conhecimentos psicológicos a temas artísticos e literários, à história das civilizações e religiões, e a outros setores análogos. Esses trabalhos terão algumas vezes o caráter de investigações exatas, outras vezes o de esforços especulativos, ora tentando abranger questões mais amplas, ora tentando aprofundar-se num problema mais restrito. Contudo, serão sempre realizações originais que evitarão se assemelhar a simples resenhas ou compilações.

O Organizador sente-se no dever de responder pela originalidade e valor dos artigos a serem lançados nesta série. Quanto ao mais, não é sua intenção interferir na independência de seus colaboradores, ou responsabilizar-se pelas palavras dos mesmos. O fato de que os primeiros números da série aliam-se em particular às teorias por ele defendidas no campo da ciência não irá necessariamente caracterizar todo o empreendimento. Ao contrário, esta série está aberta aos representantes de opiniões divergentes, e espera poder ser um veículo para a expressão da multiplicidade de pontos de vista e princípios da ciência contemporânea.

O EDITOR

O ORGANIZADOR

PREFÁCIO A *NERVOUS ANXIETY-STATES AND THEIR TREATMENT*, DE WILHELM STEKEL (1908)

Minhas investigações sobre a etiologia e o mecanismo psíquico das doenças neuróticas, que me ocupam desde 1893, de início passaram quase despercebidas dos meus colegas especialistas. Por fim, entretanto, essas investigações mereceram a aprovação de vários pesquisadores médicos, chamando também a atenção para os métodos psicanalíticos de exame e tratamento aos quais devo minhas descobertas. O Dr. Wilhelm Stekel, um dos primeiros colegas com quem pude partilhar meus conhecimentos de psicanálise, e que se familiarizou com essa técnica através de muitos anos de prática, incumbiu-se de estudar um tópico dessas neuroses do

ponto de vista clínico, baseado em minhas concepções, e de oferecer aos leitores médicos as experiências que obtive pelo método psicanalítico. Embora de bom grado eu responda por este trabalho no sentido que acima indiquei, é apenas justo que declare explicitamente que foi muito pequena a minha influência sobre este volume a respeito dos estados nervosos de ansiedade. As observações e todas as minuciosas opiniões e interpretações são inteiramente do próprio autor. Minha participação limitou-se a propor ao autor o uso do termo 'histeria de angústia'.

Acrescentarei que o trabalho do Dr. Stekel fundamentou-se sobre uma rica experiência e deverá estimular outros médicos a confirmarem por seus próprios esforços nossas opiniões sobre a etiologia desses estados. Seu trabalho nos revela imagens inesperadas das realidades da vida, tão freqüentemente ocultas sob os sintomas neuróticos, e poderá convencer nossos colegas de que as atitudes que decidirem adotar diante das indicações e explicações oferecidas nestas páginas não será uma questão indiferente do ponto de vista tanto do seu discernimento como da sua eficiência terapêutica.

VIENA, março de 1908.

PREFÁCIO A *PSYCHO-ANALYSIS: ESSAYS IN THE FIELD OF PSYCHO-ANALYSIS*, DE SANDOR FERENCZI (1910 [1909])

A investigação psicanalítica das neuroses (as várias formas de doenças nervosas com causação mental) empenhou-se em estabelecer sua conexão com a vida instintual e as restrições a ela impostas pelas exigências da civilização, com as atividades do indivíduo normal em fantasias e sonhos, e com as criações da mente popular no campo das religiões, dos mitos e dos contos de fadas. O tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, baseado nesse método de investigação, exige muito mais do médico e do paciente que os métodos comumente usados até aqui, que operam por meio de medicamentos, dieta, hidropatia e sugestão; contudo, traz aos pacientes um alívio muito maior e um fortalecimento permanente diante dos problemas da vida, de modo que não há motivo para surpresa ante os contínuos progressos desse método terapêutico, apesar da violenta oposição.

Conheço bem de perto o autor destes ensaios, que está, como poucos, familiarizado com as dificuldades das questões psicanalíticas, sendo o primeiro húngaro a empreender a tarefa de despertar nos médicos e homens esclarecidos de seu país o interesse pela psicanálise por meio de material escrito em sua língua materna. Cordialmente desejamos que essa sua tentativa seja bem sucedida e possa angariar para esse novo campo de trabalho novos adeptos entre seus compatriotas.

COLABORAÇÕES PARA NEUE FREIE PRESSE

I

RESENHA DE *Im Kampfe Gegen Hirnbacillen*, DE GEORG BIEDENKAPP

Oculto sob um título pouco promissor, esse livro de um homem corajoso traz ao leitor muitas considerações dignas de estudo. O subtítulo é mais revelador quanto ao conteúdo: 'Uma Filosofia de Pequenas Palavras'. Nele o autor combate o uso daquelas 'pequenas palavras e expressões que incluem ou excluem em demasia', que, quando usadas freqüentemente, revelam uma tendência para 'julgamentos exclusivos e superlativos'. É evidente - e nosso autor contestaria até mesmo essa expressão - que sua luta não é contra essas palavras inofensivas, mas contra a tendência do indivíduo a inebriar-se com as mesmas e a esquecer, devido à representação exagerada assim expressa, as necessárias limitações de nossas declarações e a inevitável relatividade de nossos julgamentos. É realmente muito útil que as pessoas sejam advertidas de que grande parte do que era considerado 'evidente' ou 'disparatado' por gerações anteriores, é hoje por nós julgado, inversamente, 'disparatado' e 'evidente'; é útil também que observem através de uma série de exemplos bem escolhidos que até escritores importantes são vítimas de um estreitamento de horizonte mental em consequência de um uso incorreto de superlativos. A exortação a uma moderação de juízos e expressões é apenas um ponto de partida do autor para um estudo ulterior de outros 'erros de pensamento' dos seres humanos: sobre delírio central, fé, sobre moralidade atéia, e outros. Em todas essas observações evidencia-se o honesto esforço do autor para acatar as implicações da visão do mundo decorrente das descobertas da ciência moderna, em particular da teoria da evolução. No texto encontraremos muitas verdades psicológicas, e outras que, embora já ditas, nunca serão suficientemente repetidas. O autor impõe-se a ingrata tarefa de 'aprimorar e converter os indivíduos' através de uma influência moderadora, sem tentar influenciá-los pelo riso ou pelo humor, ou arrebatá-los pela paixão. Desejemos-lhe, portanto, muito sucesso.

II

RESENHA DE *The Mystery of Sleep*, DE JOHN BIGELOW

Em vez de reservar à ciência a solução do mistério do sono, o piedoso autor recorre a argumentos bíblicos e causas teológicas. Segundo ele, por exemplo, seria indigno da providência divina permitir que os seres humanos passassem um terço de suas vidas espiritualmente inativos. O sono seria, portanto, um estado em que a influência divina penetra mais efetiva e livremente na vida mental humana. Apesar de todas as nossas objeções ao modo de pensar do autor, não deixaremos de assinalar o elemento de verdade que existe nessa afirmação. Os estudos científicos do estado da vida mental durante o sono obrigam-nos a rejeitar como inadequada a nossa antiga

teoria de que o sono reduz a um mínimo a atividade mental. Não há interrupção dos importantes processos de atividade mental inconsciente e mesmo intelectual - como demonstra a elucidação dos sonhos feita por esse crítico -, mesmo durante o sono profundo. Essa atividade mental inconsciente mereceria ser chamada de 'demoníaca', mas dificilmente de 'divina'.

III

NECROLÓGIO DO PROFESSOR S. HAMMERSCHLAG

S. Hammerschlag, que há cerca de trinta anos encerrou suas atividades como professor da religião judaica, era uma dessas personalidades que possuem o dom de marcar indelevelmente o desenvolvimento de seus alunos. Possuía uma centelha da mesma chama que iluminou os espíritos dos grandes videntes e profetas judeus, centelha essa que só se extinguiu quando a idade avançada debilitou suas forças. O lado passional de sua natureza, porém, era moderado pelo ideal humanista do nosso período clássico alemão que o guiava, e seu método pedagógico estava baseado nos fundamentos dos estudos clássicos e filológicos a que devotara sua juventude. A instrução religiosa era para ele um meio de despertar o amor das humanidades, e através da história judaica conseguia desobstruir as fontes de entusiasmo ocultas nos corações jovens e fazê-las fluir até ultrapassarem as limitações do nacionalismo ou do dogma. Aqueles alunos seus que mais tarde puderam privar com o mestre o seu próprio lar, nele encontraram um amigo paternal e solícito e descobriram a compassiva bondade que era a característica fundamental de sua natureza. Em seu enterro, o Dr. Friedjung, o historiador, expressou seus sentimentos de gratidão para o venerável professor, sentimentos que várias décadas não conseguiram alterar.